



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Clínica

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise à Gestalt-terapia

por

Fádua Helou

Brasília, DF

2013

Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise à Gestalt-terapia

por

Fádua Helou

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Clínica e Cultura – como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em Psicologia
Clínica e Cultura

Orientadora: Dra. Terezinha de Camargo Viana

Brasília, DF, 2013

Este trabalho foi realizado no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – sob a orientação da Profª Dra. Terezinha de Camargo Viana.

Dissertação aprovada pela seguinte Comissão Examinadora

Profª Dra. Terezinha de Camargo Viana – UnB - Presidente

Profª Dra. Mônica B. Alvim – UFRJ – Membro externo

Profª Dra. Márcia Teresa Portela de Carvalho – UnB – Membro efetivo

Profª Dra. Daniela S. Chatelard – UnB – Suplente

BRASÍLIA – DF – BRASIL

2013

Dedicatória

Agradeço a Deus por este projeto que colocou no meu coração e do qual Ele se agradou. Sua misericórdia e bondade me acompanharam em todo trajeto de forma amorosa e surpreendente.

Dedico este trabalho ao meu pai, Halim, que me deu asas para voar e me incentivou a sempre ir mais alto, e à minha mãe, Huda, que sempre me garantiu um lugar para onde voltar. A ausência deles me obrigou a buscar em mim novos sentidos, o que me trouxe até aqui.

À minha família, Alberto e Lúcia, Ângela e Rubem, Leninha, Nádia e Paulo, Omar e Anna Flávia, Sérgio e meus queridos sobrinhos e sobrinhas, que são meu espaço de refúgio, conforto e alegria.

Agradecimentos

À Professora Terezinha de Camargo Viana, minha orientadora, que, ao me escolher, me permitiu viver uma experiência de beleza e intensidade, e, ao me proporcionar um espaço de abertura e diversidade, me ofereceu um desafio e me deu a confiança necessária para que eu desse importantes passos para a aquisição de novos conhecimentos e habilidades.

Ao Walter Ribeiro, com quem cresci no conhecimento e na prática da Gestalt-terapia. Pacientemente, como um bom semeador, cuidou para que eu tivesse as condições imprescindíveis para compreender os caminhos dessa abordagem.

Às Professoras Márcia Portela de Carvalho e Eliana Rigotto Lazzarini, que me convenceram que eu tinha aptidão para este percurso e, antes de mim, vislumbraram que eu me realizaria nele.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, que com dedicação e interesse, compartilharam seus conhecimentos abrindo novos horizontes com generosidade e competência.

Às minhas colegas do grupo de orientação, pelas discussões sempre produtivas em um espaço de compreensão de diferentes expressões. Em especial, à Lívia Mesquita de Sousa e Ana Cândida Cantarelli, que, para além dos encontros de supervisão, se tornaram companheiras de jornada, dividindo angústias, dúvidas e partilhando de forma generosa e bem-humorada conhecimento e saber.

À Enila Chagas, Laura F. Arantes e Vânia Vianna que, pelo paciente trabalho de ouvir minhas angústias e receios, me ajudaram a transformá-los em ideias e, com o dedicado trabalho de rever meus projetos, acompanharam minha produção de uma forma disponível e interessada.

À Irmã Neusa e sua equipe, que me deram condições espirituais para resgatar em mim a confiança e o amor necessários para retomar esta área de crescimento intelectual, e nela crescer. À companhia inestimável das irmãs de coração Ângela, Cristina, Eny, Geralda, Keila, Nádía e Telma.

Aos meus queridos amigos e amigas, que acreditaram que eu seria capaz de encarar o desafio do Mestrado, e sempre estiveram ao meu lado torcendo por mim, especialmente Elayne M. Daemon, Maria Cristina Cortes, Maria Cristina Fontes, Maria Cristina Reis e Wellington Guedes.

A Estêvão e Rubem Amorese que me socorreram inúmeras vezes em todos os desafios de revisão, digitação e edição deste texto.

À Andrea Ribas de Azevedo, pela cuidadosa revisão deste trabalho.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa

RESUMO

Esta dissertação é uma pesquisa teórica de investigação de conceitos e ideias de Frederick Perls, de forma a contribuir para os estudos em Gestalt-terapia. Para manter o espírito da abordagem e para um estudo coerente com sua matriz, precisamos recorrer a estudos históricos e epistemológicos contextualizados, de forma a não se perder de vista a linha mestra e renovar o entendimento de seus conceitos filosóficos e científicos. A Gestalt-terapia nasceu com o movimento da contracultura americana e, dessa forma, se difundiu longe dos centros acadêmicos. Recentemente começaram a surgir estudos acadêmicos com a preocupação de sistematizar sua teoria. É nessa linha de pesquisa que esta dissertação se insere, ao empreender um estudo panorâmico da produção teórica de Frederick Perls (Berlim, 1983 – Chicago, 1970), fundador da abordagem gestáltica e um de seus principais divulgadores. A vida de Perls foi muito rica em experiências culturais, em um fervilhante ambiente de vanguarda das artes, da filosofia e da ciência europeia do início do século XX, e posteriormente, após pouco mais de uma década no exílio na África do Sul, nos agitados anos cinquenta e sessenta, nos centros dos movimentos de vanguarda americanos, principalmente Nova Iorque e Califórnia. Mas, apesar de lançar as bases da abordagem por meio de seus livros, seminários e *workshops* e ser responsável por suas principais conceituações, a obra de Perls é considerada fragmentária, apesar de sua inegável originalidade e força. Analisamos seus livros, iniciando com sua primeira obra, *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), até seu livro póstumo, *A abordagem gestáltica* (1973/2012a). O estudo contemplou o contexto cultural e o sistema teórico ao qual cada uma das obras está vinculada, em três períodos, representando propostas distintas: 1942, 1951 e 1969. Esta forma de análise aqui priorizada, que levou em conta o fator temporal, cultural e teórico, permitiu-nos destacar a pertinência de cada livro, seu tema, e objeto de estudo. Procuramos, nesse panorama, apontar qual a transição e as rupturas das propostas de Perls em cada um desses períodos e, de forma mais detalhada, examinamos a influência da Psicanálise sobre o pensamento de Perls. A partir desses estudos, pudemos propor a ideia de um fio condutor permeando sua trajetória teórica, como também tornou-se possível analisar comparativamente o que suas obras estabeleceram como teoria e proposta clínica. Esperamos com isso ter construído um exame compreensivo da trajetória teórica de Perls, a partir do estudo dos seus livros, de forma a recuperar o espírito de sua busca e produção.

Palavras-chaves: Frederick Perls, Perls, epistemologia e história da Gestalt-terapia, Gestalt-terapia e Psicanálise, obras de Frederick Perls.

ABSTRACT

This dissertation is a theoretical research on the concepts and ideas of Frederick Perls so as to improve the study of the Gestalt Therapy. Therefore, to keep in accordance with its central theory, it is necessary to resort to contextualized historic and epistemological literature in order not to lose track of its core route and to renovate the understanding of its scientific and philosophical concepts. Gestalt Therapy came to be with the American counterculture movement. Thus, it was disseminated and spread away from the academic centers. Recently, there have been academic studies whose objective is to systematize the Gestalt theory. Research, the very frame of this study, has offered a comprehensive overview of Frederick Perls' theoretical production (Berlin, 1983 - Chicago, 1970), being Frederick Perls himself the founder of Gestalt theory, as well as its main advertiser. Perls' life was very rich in cultural experiences, as he lived in an avant-garde European environment of the arts, philosophy, and science in the beginning of the 20th century. More than a decade later, he lived in South Africa while in exile. He also lived amongst the most vanguard American movements, mainly in New York and California, in the 50s and the 60s. Nevertheless, despite having launched the foundations of the Gestalt Therapy through his books, seminars and workshops, and having been held responsible for its main concepts, Perls' work, yet original and strong, is still considered fragmented. His first book, *Ego, Hunger and Aggression* (1942/2002), as well as his posthumous book, *The Gestalt Approach* (1973/2012a), have been used as a starting point to our analysis. This study, which considers the cultural context theory underling each of the works, links distinct propositions to three different periods: 1942, 1951, and 1969. This form of analysis prioritizes temporal, cultural and theoretical factors, allowing us to emphasize the relevance of each book, its theme and object of study. Within this panorama, we have attempted to focus on the transition and the ruptures of Perls' in each of these periods. Quite detailedly, we have tried to examine the influence of Psychoanalysis on Perls' line of thought. Likewise, we have sought to examine whether there is a common thread which permeates Perls' theoretical trajectory and what his works have established as theory and clinical proposal. It is our wish to have offered an in-depth study of Perls' theoretical route in the attempt to having recovered the real spirit of his search and production.

Key words – Frederick Perls, Epistemology and History of Gestalt Therapy, Gestalt Therapy and Psychoanalysis, works of Frederick Perls.

Sumário

Introdução	1
Apresentação	1
Justificativa.....	2
Objetivo geral e específico.....	4
Metodologia.....	6
Desenvolvimento do tema.....	7
Estrutura do trabalho	9
1 – De peles-vermelhas a caras-pálidas: desafios epistemológicos na história da Gestalt-terapia.....	12
1.1. Panorama atual dos estudos epistemológicos	12
1.2. Crise anunciada.....	14
1.3. Retomada teórica: buscando raízes.....	16
2 – Sinais de inquietação: proposta de revisão da Psicanálise	22
2.1. Perls e a Psicanálise	22
2.2. Psicanálise e Gestalt.....	25
2.3. <i>Ego, hunger and aggression: a revision of Freud's theory and method</i> (1942).....	26
2.4. A transição se acentua: em direção à Gestalt-terapia	61
3 – Novo paradigma: proposta de criação da Gestalt-terapia	67
3.1. Histórico do livro.....	67
3.2. Estrutura da obra	69
3.3. Objetivo da obra	72
3.4. Atualidade	77

4 – Da “milagreira de Lourdes” à proposta de ampliação da Gestalt-terapia	79
4.1 “Perls tardio”	79
4.2. <i>Gestalt therapy verbatim</i> (1969): reflexões sobre Esalen.....	80
4.3. <i>In and out the garbage pail</i> (1969): Perls testamentário.....	86
4.4. Perls de Cowichan: novos sonhos.....	87
4.5. <i>The gestalt approach & eye witness to therapy</i> (1973): um sonho interrompido	89
5 – Considerações Finais	94
5. 1. O caminho da inquietação.....	94
5.2. Reinterpretando as raízes	97
5.3. Considerações: um panorama fragmentado.....	98
5.4. A busca teórica de Perls	100
5.5. Algumas considerações conceituais	105
5.6. O conjunto da obra: uma proposta de articulação.....	107
5.7. Além do conflito: novos desafios clínicos	109
6 – Referências bibliográficas.....	120
7 – Anexo	131
Cronologia comentada: um rio chamado tempo	131
7.1. Europa: 1893 a 1934 – mundo eurocêntrico.....	132
7.2. África do Sul: 1934 a 1946 — um oásis.....	137
7.3. Estados Unidos: 1946 a 1969 – a Gestalt-terapia emerge	139
7.4. Lake Cowichan, Canadá: 1969 – o ano testamentário.....	143
7.5. A despedida: 1970	144

Introdução

"Para sobreviver, devemos aplicar o que aprendemos da experiência; mas, para crescer, temos de superar constantemente o que aprendemos no passado".

Laura Perls¹

Apresentação

A criação do texto que se segue é uma resposta às várias provocações que nos últimos tempos exigiram um repensar, para dar voz ao desassossego que nos habitou.

Para que a inquietação tomasse uma forma acadêmica, procuramos um caminho que nos permitisse abordar questões que vêm surgindo durante estas décadas de estudo e prática da Gestalt-terapia e que permanecem sem resposta ou com respostas parciais. Assim, vamos examinar alguns aspectos da trajetória da produção teórica de uma figura instigante e polêmica na Gestalt-terapia, Frederick Perls, considerado seu fundador ou um de seus fundadores, e um dos seus principais divulgadores. Durante a nossa formação, criamos em relação a ele a imagem de uma pessoa muito inteligente, intuitiva e criadora. Porém, os estudos mostravam que Perls havia deixado como legado teórico uma produção fragmentária e inacabada, e, por isso, geradora de muitos mal-entendidos, apesar de sua inegável originalidade e força.

Mas por que investigar Frederick Perls? Ainda haveria necessidade de se empreender uma tarefa dessa natureza? Será que este estudo ainda encontra ressonância nas necessidades teóricas e clínicas da Gestalt-terapia?

A necessidade de atualizar um discurso teórico que faça jus à atualidade da prática clínica nos permite responder afirmativamente à necessidade de estudos de natureza histórica e epistemológica. É preciso que se retorne à teoria para que o

¹ Laura (Lore) Posner Perls (Pforzheim, 1905 — Pforzheim, 1990). Cofundadora da Gestalt-terapia e cofundadora do Instituto de Gestalt de Nova Iorque. Casou-se com F. Perls em 1930. Obteve seu doutorado em Psicologia em 1932, em Psicologia da Gestalt em Frankfurt. De 1928 a 1933 fez formação psicanalítica em Frankfurt, Berlim e Amsterdã, atuando como psicanalista de 1934 a 1947 em Johannesburgo e, na prática clínica, em Nova Iorque de 1947 a 1973. Formou profissionais nos EUA, Canadá e Europa, até sua morte em 1990 (L. Perls, 1992).

conhecimento construído na prática clínica possa ser assimilado e incorporado à teoria. Uma abordagem se mantém viva porque aberta às revisões e atualizações, desde que feitas de forma coerente e consistente com o sistema ao qual pertencem. É nesse compasso que a Gestalt-terapia tem marcado seu lugar, mantendo-se aberta e buscando a produção de conhecimentos naquilo que se reconhece incompleta, abrindo, dessa forma, novos horizontes. Sabemos o quanto a clínica instiga, e até mesmo exige, atualização teórica, estabelecendo uma relação entre teoria e prática muito peculiar e ativa — um movimento de mútuas interferências — em que o conhecimento surge de ambas. Tanto o estudo teórico precisará encontrar ressonância na prática, quanto a própria prática clínica criará conhecimento que, por sua vez, precisará ser assimilado pela teoria de forma consistente. No campo da psicologia clínica, o conhecimento advém principalmente do *setting* clínico, exigindo por isso uma adequação da compreensão das teorias que a sustentam, assim como uma atualização dos seus pressupostos.

Para manter o espírito da abordagem e para um estudo coerente com sua matriz, precisamos recorrer a estudos históricos contextualizados, de forma a não se perder de vista a linha mestra e renovar o entendimento de seus conceitos filosóficos e científicos.

Justificativa

A polêmica figura de Frederick Perls provocou, especialmente após a sua morte, e a partir de meados dos anos 70 e a década de 80, a concentração de muitas críticas ao seu legado. A principal delas dizia respeito ao modelo de Gestalt-terapia transmitido por Perls em seminários de demonstrações. Segundo os críticos, a divulgação da Gestalt-terapia no modelo dessas apresentações, centradas na prática e na personalidade de Perls, causaram um empobrecimento da produção teórica e uma sobrevalorização da prática.

Para demonstrar o descompasso entre teoria e prática que se seguiu à morte de Perls, Miller e From (1994) comparam essa falta de integração que se via na Gestalt-

terapia com a divisão existente na cultura norte-americana, refletida em sua literatura. Os autores recorreram à descrição do crítico literário Philip Rahv, que qualificou a produção literária da Costa Leste de “cara-pálida” e da Costa Oeste americana de “pele-vermelha”, dicotomia característica da cultura americana entre conscientização e experiência, entre energia e sensibilidade, entre ação e teorização. Segundo Miller e From (1994), essa dicotomia na Gestalt-terapia aparecia na ênfase dada aos trabalhos de cunho corporal, intuitivos, nos *workshops* e treinamentos rápidos da costa oeste, comparados com o estilo intelectual e teórico das escolas ligadas ao Instituto de Nova Iorque, na costa leste². Importante ressaltar que, segundo Miller e From (1994), embora o desenvolvimento da Gestalt-terapia tenha apresentado essa dicotomia, os fundadores da Gestalt-terapia, Fritz Perls e Paul Goodman, não se encaixavam nesse estereótipo dicotomizado. Miller e From (1994) enfatizam o amplo *background* cultural de ambos com uma extensa e profunda formação teórica, filosófica e artística.

Com esse movimento crítico citado acima, muito se perdeu daquilo que Perls produziu com intuição e criatividade e pouca teoria explícita. Se levarmos em conta a consideração que Miller e From (1994) fazem a respeito do *background* de Perls, poderíamos supor que Perls sabia o que fazia e por que fazia, e que essa dicotomia exigiria um repensar mais cuidadoso. Na crítica pertinente ao “fazer”, de uma prática desvinculada da teoria, no natural movimento pendular, a Gestalt-terapia caminhou em direção contrária nas últimas décadas.

Alerta nesse sentido foi dado por Walter Ribeiro³, em duas palestras⁴, nas quais pontuou que a Gestalt-terapia havia se tornado muito “cara-pálida”, na alusão à comparação de Miller e From (1994), referindo-se à necessidade de recuperar a intenção

² Suassuna e Holanda (2009) acreditam que a abordagem não sofreu essa dicotomia no Brasil: “não obstante posições internas diferentes, não seguiram o modelo ‘cara-pálida’ e ‘pele-vermelha’ dos Estados Unidos” (p. 11).

³ Walter Ribeiro é um dos fundadores da abordagem no Brasil, e precursor da Gestalt-terapia na região centro-oeste. Fundador do Centro de Estudos de Gestalt-terapia de Brasília (CEGEST) e formador de várias gerações de gestalt-terapeutas no Brasil (Suassuna & Holanda, 2009).

⁴ Comunicação pessoal no II Encontro Candango de Gestalt-terapia, realizado em Brasília em 2006, organizado pelo CEGEST – Centro de Estudos de Gestalt-terapia de Brasília e pelo IGTB – Instituto de Gestalt-terapia de Brasília, e na II Jornada Brasiliense de Gestalt-terapia, realizada pelo IGTB em 2012.

e originalidade do pensamento de Perls que havia se perdido nas críticas contundentes e adequadas ao movimento “pele-vermelha” da Gestalt-terapia. W. Ribeiro enfatizou a importância de se rever a obra de Frederick Perls, apontando a originalidade do seu pensamento e a atualidade da sua produção em relação aos desafios contemporâneos.

Entendemos, a partir dessas considerações, que a comunidade gestáltica poderia, já de posse do resgate de suas origens filosóficas e científicas, reintroduzir de forma criteriosa o que fora preciso excluir, por falta de fundamentação, nas décadas anteriores.

Objetivo geral e específico

Nessa linha de pesquisa, examinaremos os livros publicados por Perls, procurando traçar a direção que o seu pensamento tomou em cada uma das suas produções. A direção da construção do pensamento teórico de Perls será considerada por meio do exame dos posicionamentos teóricos que encontramos em cada uma das obras. Enfocaremos principalmente os deslocamentos teóricos evidenciados pela escolha de novos focos e abandono de perspectivas anteriores. Vamos procurar destacar a repercussão das experiências culturais e pessoais de Perls observando-se projetos teóricos que foram sendo construídos, revistos, abandonados e reconstruídos por ele.

Os títulos originais das obras de Frederick Perls⁵ são os seguintes, em ordem cronológica⁶, considerando a data e local da primeira publicação:

(1942). *Ego, hunger and aggression: a revision of Freud's theory and method*. Publicado pela editora sul-africana Knox Publishing Company em Durban, na África do Sul.

(1951). *Gestalt therapy: excitement and growth in the human personality*. Em coautoria com Paul Goodman e Ralph Hefferline. Publicado pela Julian Press, Nova Iorque, EUA.

⁵ Nessa cronologia, omitimos dois livros de autoria de Perls, porque ambos são coletâneas de artigos organizados e publicados em livro após a sua morte: *Gestalt is, (Isto é Gestalt)*, de Frederick Perls et al., organizado por John O. Stevens e publicado em 1975; e *From Planned Psychotherapy to Gestalt Therapy*, de Frederick Perls, organizado pelo *The Gestalt Journal* e publicado em 2012. Reconhecendo a importância deles no entendimento do pensamento de Perls, eventualmente faremos referência a eles.

⁶ Essas obras foram publicadas no Brasil em uma ordem cronológica diferente, seguindo a trajetória do desenvolvimento da abordagem no país.

(1969) *Gestalt therapy verbatim*. Publicado pela Real People Press⁷, Califórnia, EUA.

(1969). *In and out the garbage pail*. Publicado pela Real People Press, Califórnia, EUA.

(1973). *The gestalt approach & eye witness to therapy*. Publicado pela Science and Behavior Book⁸, Palo Alto, Califórnia, EUA. (Obra póstuma).

Dessa forma, a partir da sua primeira obra, publicada em 1942, procuraremos investigar se há um fio condutor que permeia sua produção; qual a transição e as rupturas que cada obra propõe; qual a relação teórica entre as obras de Perls e sua trajetória, isto é, o que a obra traz de sua história e para onde ela aponta, e o que aquela obra procurou estabelecer como proposta clínica.

Com esta pesquisa panorâmica, esperamos ser possível levantar as lacunas, omissões e apropriações que Perls fez em relação às teorias nas quais se fundamentou, para propor suas revisões e inovações, conforme aparecem em seus livros.

Sendo um dos nossos objetivos ampliar os horizontes teóricos, examinaremos de forma mais detalhada a passagem da Psicanálise para a Gestalt-terapia, a transição teórica mais significativa da vida de Perls, porém, muito pouco estudada. O que procuraremos ao final desse estudo é verificar a hipótese que autores ressaltaram nos comentários biográficos de Perls, a saber que uma de suas influências marcantes foi a Psicanálise. Miller e From (1994), entre outros, destacam que Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997), ao elaborarem o *Gestalt Therapy*, não jogaram fora a psicanálise, mas a combinaram com uma nova visão. Por isso, examinaremos a questão: como a Psicanálise foi marcante na construção teórica de Perls? De quais aspectos teóricos da Psicanálise ele se apropriou? Como essa apropriação aparece em suas obras e como foram desenvolvidas? Este será apenas um estudo introdutório para um levantamento preliminar que esperamos possa apontar para futuras áreas de pesquisa.

⁷ Fundada em 1967, de propriedade de Steve Andreas, conhecido em Gestalt-terapia como John O. Stevens, filho de Barry Stevens. A editora publicou livros de Carl Rogers e F. Perls, e era especializada em obras da chamada Terceira Força. A partir de 1979, a Real People Press se especializou em livros de PNL, Programação Neuro-linguística. Sites: <http://steveandreas.com/> e <http://www.realpeoplepress.com>

⁸ Science and Behavior Books, editora de Arthur Ceppos. L. Perls (1992) considera que Ceppos foi fundamental para a Gestalt-terapia porque se arriscou a publicar essa obra em Nova Iorque quando ainda eram desconhecidos.

Com isso, esperamos que essa dissertação se insira no movimento de busca de atualização dos parâmetros de entendimento da Gestalt-terapia na atualidade, buscando ampliar seus horizontes teóricos de forma a contribuir para que a abordagem possa alcançar uma amplitude maior da sua prática contextualizada nas questões contemporâneas. Para isso, o estudo recuará às suas origens, examinando a trajetória teórica de Perls e recuperando o espírito de sua busca e produção.

Metodologia

Este trabalho é uma pesquisa teórica de investigação de teorias, conceitos e ideias de Frederick Perls, de forma a aprimorar os fundamentos teóricos da Gestalt-terapia. Ao se abordar uma disciplina do ponto de vista teórico, pode-se tomar alguns caminhos (Mezan, 2002). A nossa escolha foi de entrecruzar a análise histórica do contexto científico e cultural do período em que cada obra surge com a história interna da teoria, incluindo seus diversos desenvolvimentos e rupturas. Esperamos que a pesquisa nessas duas vertentes permita entender os pressupostos e o tema de cada obra, e com isso conferir como são representativas de uma determinada etapa: “quase sempre verificaremos que o gesto da fundação implica uma *ruptura* com o que se pensava até então sobre aquelas questões, as quais passam a se configurar de outra maneira” (Mezan, 2002, p. 443).

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, fundamentamo-nos na revisão bibliográfica das obras de Perls, assim como, na coleta, descrição e análise das produções teóricas que abordam o tema estudado. Esperamos com isso construir um exame compreensivo da trajetória teórica de Perls, iniciando com sua primeira obra, *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), até sua obra póstuma, *A abordagem gestáltica* (1973/2012a).

Esta forma de análise panorâmica priorizada por nós, que leva em conta o fator temporal, cultural e teórico, permite-nos destacar a pertinência de cada obra, seu tema, e objeto de estudo. Considerando-se as datas de publicação dos livros, podemos perceber

como cada obra é vinculada ao período cultural em que surge. Assim, temos a primeira obra nos anos 40, com Perls vivendo na África do Sul, no distanciamento da Europa e do movimento psicanalítico, momento em que repensa a Psicanálise e propõe a ela inovações a partir do pensamento de Smuts, da Semântica e de Goldstein; nos anos 50, nos Estados Unidos, na agitação cultural e cosmopolita de Nova Iorque, com o início da revolução cultural que o país viveu nas duas décadas seguintes, Perls propõe uma nova forma terapêutica com enfoque fenomenológico, rompendo com a Psicanálise; e, finalmente, na década de 60, no centro do movimento da contracultura na Califórnia, quando Perls distancia-se do pensamento de 1951 e incorpora as inovações técnicas que surgem no movimento da psicologia conhecido como terceira força. Essa década culmina em 1969, ano marcado pela mudança de Perls para Cowichan em busca de novos sonhos, representando sua desilusão com os movimentos libertários dos anos sessenta e o desapontamento com as instituições.

Embora eventualmente façamos referência às características pessoais de Perls, optamos por deixar em segundo plano sua personalidade, pois queremos que em primeiro plano surja o pensamento teórico de Perls, em que aspectos relevantes teóricos possam emergir de forma mais clara e menos caricaturizada. As histórias sobre Perls e suas idiossincrasias são conhecidas e, entre as mais repetidas por ele mesmo, num típico humor judeu, encontramos coisas como “o profeta e o vagabundo” (alcunha que Laura Perls lhe deu e da qual ele gostava muito), o “velho sujo”, o eterno sedutor, o homem de muitas mãos, o irascível, impulsivo, etc. O nosso recorte não irá privilegiar esses aspectos pessoais, e sim aqueles relacionados à construção do seu pensamento.

Desenvolvimento do tema

Perls não foi um escritor profícuo. Porém, ao se examinar suas obras em conjunto, elas nos dão uma perspectiva interessante. As poucas obras que escreveu parecem ter o objetivo de marcar uma definição de rumo, com a reafirmação de uma filosofia/crença que o norteou tanto na teoria quanto na prática. Tomando suas obras

como um todo, de forma panorâmica, e, examinando o rumo teórico que elas propõem, poderíamos pensar que cada uma delas implica uma ruptura com o que Perls adotava como teoria até então e uma redefinição de seus projetos, de forma a tornar sua trajetória coerente com o que parecia ser o centro de sua motivação. Poderíamos dizer que todas são obras de transição, porque fica evidente que cada uma delas marca o pensamento de Perls em um período — 1942, 1951 e 1969 — em que ele propõe ou reafirma seu pensamento ou seu rompimento em relação a aspectos da obra anterior. Pareceu-nos que Perls se ocupou de escrever quando havia algo do qual queria se distanciar em favor de um novo pensamento, uma correção, uma nova intuição, ou um novo rumo. O que se evidencia nesse panorama é a falta de obras que desenvolvam e aperfeiçoem as propostas contidas em cada um dos livros, o que, como veremos adiante, resulta na fragmentação da sua produção.

Nessa busca, Perls surpreende pelas ousadias de mudanças de curso, introdução de novos pensamentos e práticas, desapego ao conhecimento já adquirido, e um grande interesse por determinados temas e práticas. Essa trajetória fez de Perls um construtor de novas ideologias, ao mesmo tempo em que seu estilo de vida, suas ideias o fizeram propagador dessas mesmas ideologias. Procuraremos destacar como o pensamento de cada obra representou um passo de Perls na direção dos seus sonhos.

Inicialmente se pensa sempre em Perls relacionado à Gestalt-terapia, obviamente por ter sido o seu criador e o seu principal propagador. Apesar do tratamento desdenhoso que Perls deu a si próprio na etapa da sua vida como psicanalista, e à própria psicanálise, se pensarmos do ponto de vista de dedicação, envolvimento, interesse e dos anos dedicados à Psicanálise, teremos que retomar um Perls da psicanálise, e, entre esses períodos, uma transição de mais ou menos uma década. Nessa perspectiva, a vida profissional de Perls pode ser esquematizada cronologicamente:

Perls neurologista, de 1921 a 1948/1956 (aproximadamente).

Perls psicanalista, de 1925 a 1948/1950 (aproximadamente).

Perls em transição, de 1942 a 1950.

Perls da Gestalt-terapia, de 1951 a 1970.

Dessa forma, poderíamos pensar a trajetória teórica de Perls segundo sua pertinência a esses dois grandes sistemas aos quais foi vinculado, a Psicanálise e a Gestalt-terapia e, entre elas, um período de transição em que Perls elabora sua passagem de um sistema para o outro. Porém, considerando o objetivo deste trabalho, analisaremos suas obras na perspectiva dos três anos em que elas foram publicadas, 1942, 1951 e 1969. Essa sistematização, que prioriza uma distinção conceitual contextualizada culturalmente, mostra distintamente três períodos, marcados por diferentes propostas teóricas.

A **primeira proposta** surge em **1942**, marcada por sua primeira obra, *Ego, Hunger and Aggression* (1942/1992), que é a elaboração das diferenças dele em relação à psicanálise freudiana ou clássica, a que prioriza as questões edípicas e do recalque.

A **segunda proposta**, em **1951**, representada pela criação da Gestalt-terapia, é marcada por sua segunda obra, em coautoria, *Gestalt Therapy* (1951/1994), considerada por muitos autores como a obra definitiva da Gestalt-terapia e representante da ruptura de Perls com a Psicanálise.

Desvinculado do Instinto de Gestalt-terapia de Nova Iorque, que permaneceu sob liderança de Laura Perls, Fritz Perls continuou a rever e incorporar novos conhecimentos e práticas, por meio de seu périplo pelos Estados Unidos e de sua estada em Esalen. Perls se distanciou do grupo de Gestalt-terapia da costa leste, numa divisão que se prolongará pelas décadas seguintes. Desse modo, a produção teórica de Perls na Gestalt-terapia, além de 1951, teve outra data significativa, o ano de 1969, cujas obras marcaram o fim de sua trajetória. Como nesse ano há as reedições dos livros das etapas anteriores e de três novos livros, fomos levadas a considerar o ano de **1969** como representante de **uma terceira proposta**.

Estrutura do trabalho

Considerando os três períodos mencionados acima, desenvolveremos o tema da dissertação na seguinte forma:

No **capítulo 1**, apresentaremos **De peles-vermelhas a caras-pálidas: desafios epistemológicos na história da Gestalt-terapia**, em que faremos uma revisão da produção atual da abordagem no que diz respeito à pesquisa de cunho epistemológico e da história da Gestalt-terapia no que diz respeito ao estudo dos seus fundamentos.

Para que o pensamento teórico de Perls possa surgir de forma mais evidente e para que assim possamos traçar os rumos de sua trajetória teórica de forma consistente, nos próximos capítulos, 2, 3, e 4, as obras de Perls serão apresentadas na ordem cronológica dos períodos a que estão vinculadas, representadas pelas propostas teóricas de cada uma delas, nos anos de 1942, 1951 e, em 1969, pelo conjunto das obras publicadas.

No **capítulo 2**, apresentaremos a primeira proposta de 1942, **Sinais de inquietação: proposta de revisão da Psicanálise**, expressa em *Ego, Hunger and Aggression* (1942/1992) e em outros dois artigos escritos por Perls no período de sua transição da Psicanálise para a Gestalt-terapia. Procuraremos enfatizar tanto os aspectos do pensamento freudiano que foram revisados quanto aqueles que permaneceram como alicerces no pensamento de Perls.

No **capítulo 3**, apresentaremos a segunda proposta de 1951, **Novo paradigma: proposta de criação da Gestalt-terapia**, por meio da ruptura paradigmática com a Psicanálise com a publicação do livro *Gestalt Therapy* (1951/1994) representando a criação de uma nova abordagem a Gestalt-terapia.

No **capítulo 4**, apresentaremos o conjunto das obras publicadas em 1969, **Da “milagreira de Lourdes” à proposta de ampliação da Gestalt-terapia**, em que Perls parece retomar de forma assistemática alguns pensamentos anteriores, como também parece inserir concepções, numa ampliação de proposta para a Gestalt-terapia.

A discussão do conjunto da obra de Perls será objeto do **capítulo 5. Considerações Finais** apresenta uma análise dessa trajetória e os desdobramentos que ela desencadeou no desenvolvimento da Gestalt-terapia

No anexo, **Cronologia comentada: um rio chamado tempo**, apresentaremos de forma condensada os eventos significativos na vida de Perls, a partir da pesquisa histórica, cultural e biográfica que realizamos para fundamentar os capítulos anteriores.

Esperamos que essa múltipla narrativa contribua para esclarecer um pouco mais a tessitura da construção da trajetória teórica de Perls, por meio dos princípios que nortearam as suas obras e que permitiram a ele o desenvolvimento de um pensamento teórico que resultou na abordagem gestáltica.

1 – De peles-vermelhas a caras-pálidas: desafios epistemológicos na história da Gestalt-terapia

1.1. Panorama atual dos estudos epistemológicos

No Brasil, W. Ribeiro (1987a, 1987b, 1989, 1998), por meio de sua participação nos congressos da abordagem, vem insistindo sobre a necessidade de a Gestalt-terapia esclarecer onde e como está enraizada filosófica e cientificamente, como também enfatiza a necessidade de se investigar a coerência/incoerência entre o que se acredita, se pensa, se sente e o que se faz. Esse autor (1987a) chama a atenção para:

a necessidade de nos situarmos num contexto maior de pensamento científico/filosófico, se tivermos pretensão de não meramente fazermos as coisas, mas saber o que estamos fazendo e com que propósito; e, principalmente, se aquilo que estamos fazendo se harmoniza com nossas crenças sobre o ser humano e o mundo em que vivemos (p. 2).

Sob esse prisma, Figueiredo (1996) tem uma interessante produção sobre as questões epistemológicas e conceituais na construção do conhecimento em Psicologia, principalmente na área clínica. Sua leitura amplia as possibilidades de diálogo da psicologia frente às questões atuais, o que também interessa à Gestalt-terapia e são objeto deste estudo⁹.

Da pesquisa de Figueiredo (1996) podemos aproveitar suas considerações de cunho epistemológico sobre o desafio da diversidade da produção atual em clínica. O autor argumenta que as considerações sobre o reconhecimento e análise de cada matriz subjacente às construções teóricas e metodológicas de cada escola abre um espaço para uma crítica racional diante das alternativas e dos impasses que, naturalmente, cada

⁹ Nessa linha de pesquisa conferir Figueiredo, 1996, 2002, 2003a, 2003b, 2009, 2010.

abordagem enfrenta no desafio de seu desenvolvimento ao longo do tempo. Nesse sentido, o autor propõe que cada escola esclareça as diferentes concepções básicas na perspectiva ontológica, antropológica, metodológica e epistemológica que cada área de saber psicológico adota em função de determinada matriz do pensamento psicológico, no campo que representam: “o que se precisa reconhecer é que cada uma destas formas exige uma determinada maneira de ser elucidada, ou seja, um conhecimento rigoroso, mas pertinente, ao tipo de relação social que ela reflete e legitima” (2010, p. 217).

Coerente com essa linha de pensamento e com a preocupação de uma reflexão acerca “das possibilidades de adequação epistêmica aos pressupostos básicos e à visão de mundo gestáltica”, Holanda (2005) analisa a necessidade de se fazer uma epistemologia da Gestalt-terapia, ressaltando algumas lacunas existentes em sua teoria e prática, o que resulta em dissonâncias e associações fortuitas. O autor reitera sua defesa de “uma arqueologia da Gestalt-terapia, como forma de suprir essas lacunas”, por meio da produção de conhecimento histórico, filosófico, conceitual e pragmático da abordagem (p. 40).

Em muito a existência dessas lacunas podem ser atribuídas a uma tradição antiacadêmica muito comum na história da Gestalt-terapia. Em parte, isso se deve pela forma do desenvolvimento da Gestalt-terapia, na qual era mais comum se pensar a prática do que a teoria gestáltica. O material de divulgação da Gestalt-terapia sempre foram vídeos, transcrições de *workshops* – consequentemente pouca teoria. Outra condição a fomentar um antiacademicismo se deve à influência do estilo de Perls, pois seu jeito, fala, modos e *slogans* se tornaram mais sua marca do que sua teoria propriamente dita.

Segundo pesquisa de Holanda (2005), no meio acadêmico, nos últimos vinte anos, “paulatinamente a Gestalt foi ganhando contornos, desde a forma de dissertações de mestrado e teses de doutoramento, até se fazer figura em conteúdos programáticos ou mesmo de estágios supervisionados dos cursos de graduação em psicologia” (p. 16). Holanda (2005) pontua que nessa produção tem havido nos últimos anos um crescimento qualitativo e quantitativo. O autor pondera que, apesar desse incremento

nos últimos anos, “uma crítica significativamente representativa que a Gestalt brasileira sofre recai sobre sua parca produção científica” (p.16). Segundo levantamento desse autor (Holanda, 2008), os trabalhos acadêmicos produzidos entre 1982 e 2008 refletem a preocupação da comunidade gestáltica com o direcionamento da produção, principalmente para questões epistemológicas, com estudos sobre a fundamentação teórica ou filosófica da Gestalt, “ênfatizando aspectos que vão desde a construção histórica dessa abordagem, até a apropriação de discussões em torno de suas bases filosóficas” (pp. 99-100).

Observa-se que os estudos acadêmicos em Gestalt-terapia, na perspectiva epistemológica, em sua maioria, buscam clareza conceitual e aprofundamento da discussão em torno do paradigma da proposta gestáltica.

1.2. Crise anunciada

A fama de Perls, passada de geração em geração de gestalt terapeutas, é recheada de comentários sobre sua personalidade, suas tiradas jocosas sobre teorias e cientistas, seus comentários sarcásticos sobre si mesmo e sobre seus relacionamentos pessoais e profissionais. Tornaram-se ao longo do tempo uma marca registrada de Perls e sempre são lembradas quando se apresenta Perls. Esta é uma imagem muito marcante que temos dele: a ironia de Perls com o gênero humano, especialmente consigo próprio, com a psicologia e com a ciência de modo geral. Vemos também que, quase sempre, essas histórias sobre ele se sobrepõem ao estudo da sua criação.

Por outro lado, Perls tinha um inegável carisma, e foi considerado um guru na sua época¹⁰. Isso fez com o que o seu modo de ser, seu estilo e seus *slogans* fossem copiados e imitados. A preocupação com essa situação, em que a teoria parece ter sido submergida em favor do uso indiscriminado de técnicas de forma imitativa e inconsequente, parece ter angustiado Perls no final de sua vida. Segundo Spitzer (1973), em 1969, já em Lake Cowichan, Fritz estava trabalhando no livro *A abordagem*

¹⁰ Ver comentários de Shepard, 1978; Gaines, 1989; L. Perls, 1976, 1977, 1992; Miller e From, 1994.

gestáltica e comunicou-lhe que pretendia elaborar o segundo livro¹¹, justamente para que se retomasse a fundamentação da sua prática por meio de um estudo teórico mais profundo. Perls via que o que tinha produzido sua fama durante o período de Esalen, 1964 a 1968, eram suas técnicas, seu modo de atuar, a aparência de ‘curas milagrosas’, as fortes catarses emocionais em seus *workshops*. Sobre a motivação para escrever essas duas obras, Spitzer (1973) diz: “Fritz tornou-se cada vez mais preocupado, porque muitos terapeutas estavam copiando suas técnicas, com uma compreensão muito limitada da sua teoria global” (p. 9). Esses dois livros teriam como objetivo sanar essa falta de fundamentação teórica e combater o uso indiscriminado de técnicas, conforme vinha ocorrendo no meio gestáltico, segundo avaliação preocupada do próprio Perls.

Barry Stevens (1978), que esteve com Perls nos últimos meses de sua vida em Cowichan e testemunhou a preocupação de Perls em relação ao treinamento que ele estava oferecendo lá, relata: “Fritz estava preocupado com o fato de a maioria dos treinandos não terem assimilado a Gestalt. Eles usavam as técnicas, sem compreender. Podem acontecer coisas boas ao se fazer isso, mas não se trata de Gestalt. Pode virar anti-Gestalt” (p. 336). A própria Stevens (1978) também demonstrou seu desagrado e preocupação com o que viu nos grupos que aconteciam ali: “Eu também estava incomodada com aquilo que chamava de ‘Gestalt estragada’, que parecia se afastar mais e mais da Gestalt” (p. 336).

Outra demonstração dessa preocupação premonitória de Perls está registrada em sua obra de 1969, *Gestalt-terapia explicada* (1969/1976), quando o autor alerta sobre o perigo da superficialidade que ele via acontecer no âmbito das práticas das abordagens da psicologia humanista, no qual ele inseria a Gestalt-terapia:

Estamos entrando numa fase nova e perigosa. Estamos entrando na fase das terapias ‘estimulantes’: ligando-nos em cura instantânea, em consciência sensorial instantânea. Estamos entrando na fase dos homens charlatães e de pouca confiança, que pensam que se vocês obtiverem alguma quebra de

¹¹ Perls não chegou a elaborar esse segundo livro (Conferir no capítulo 4).

resistência estarão curados, sem considerar qualquer necessidade de crescimento, sem considerar o potencial real, sem considerar o gênio inato em todos vocês. (Perls, 1969/ 1976, p. 13)

Infelizmente as previsões de Perls mais uma vez se confirmaram. E a Gestalt-terapia, principalmente após a morte de Perls, enveredou pelo atalho que se apresentava: o uso indiscriminado de técnicas, *workshops* milagrosos, prática experiencial desvinculada de um projeto teórico.

1.3. Retomada teórica: buscando raízes

Foi preciso um movimento vigoroso, nos anos 70 e 80, para o reconhecimento da crise e o enfrentamento de seus pontos críticos, frente ao que Miller (1996) chamou de “esvaziamento da Gestalt-terapia”. Miller e From (1994) dizem: “O que passou a ser conhecido como Gestalt-terapia era uma versão despojada de seu contexto teórico e prontamente empobrecida sob a forma de *slogans* para a vida” (p. 19). Nesse momento, surge no cenário internacional a figura de Laura (Lore) Perls que, junto com Isadore From, Michael Vincent Miller e outros, liderou um repensar da Gestalt-terapia e principalmente o resgate das suas origens teóricas e filosóficas europeias (L. Perls et al., 1981; Wysong & Rosenfeld, 1988; Smith, 1997; J. Ribeiro, 1985; W. Ribeiro, 1998).

Com essa retomada, a influência da origem teórica e filosófica europeia da Gestalt-terapia passou a ser analisada por autores influentes, cujos estudos contribuíram para o renascimento da abordagem. Vários artigos no final dos anos 70 e nos anos 80 refletem esse movimento de repensar a crise que a Gestalt-terapia passava. L. Perls (1977), em um artigo com o sugestivo título de *Entendidos e Mal Entendidos em Gestalt-terapia*, menciona a fala de Mefistófeles, “o diabo é o pai do atalho”, para exemplificar o caminho perigoso que os gestalt terapeutas, na ausência de Perls, haviam tomado, de copiar as técnicas de Perls sem o entendimento teórico do que estavam fazendo.

Reconheceu-se que no âmago desse problema havia o esquecimento da

fundamentação da Gestalt-terapia, essencialmente europeia. E os congressos e publicações passaram a refletir o empenho nesse resgate. Os autores identificaram também a influência marcante do contexto europeu em que Fritz e Laura Perls nasceram e se formaram como pessoas e profissionais¹².

No campo teórico, reconheceu-se a importância na concepção da abordagem da Teoria da Forma ou Teoria da Gestalt de Wertheimer, Köhler e Koffka, Teoria de Campo de Kurt Lewin, Teoria Organísmica de Kurt Goldstein, a Psicanálise de Freud e de Reich, a Semântica de Korzybsky, e no campo filosófico o Holismo de Jan Smuts, o Existencialismo de Buber e Tillich, e, especialmente, a Fenomenologia de Husserl. Esse reconhecimento incentivou o estudo dessas teorias procurando o imbricamento delas com a Gestalt-terapia, construindo uma retomada teórica e filosófica da abordagem, e uma progressiva atualização de seus principais conceitos.

A reedição de várias obras clássicas de Gestalt-terapia, que se encontravam esgotadas, foi de capital importância para a continuação dos movimentos de reestruturação da abordagem. A editora americana *The Gestalt Journal Press* resgatou obras seminais em Gestalt-terapia, com introduções atualizadoras e críticas escritas por pensadores contemporâneos que, além de apresentarem a obra, também contribuíram atualizando o conhecimento que elas traziam. Entre os principais livros resgatados, podemos citar: em 1992, *Ego, Hunger and Agression* (1942/1992), seguido, em 1994, do *Gestalt Therapy: excitement and growth in the human personality* (1951/1994). Além da publicação de *Living at the Boundary* (L. Perls, 1992), coletânea de artigos de Laura Perls e *Here Now and Next* (Stoehr, 1994), sobre Paul Goodman¹³.

O estudo dos conceitos inovadores da Gestalt-terapia foi feito de forma pioneira por Polster e Polster (2001); e da Gestalt-terapia como arte, em 1977, por Zinker

¹² São dessa linha de estudo os artigos: L. Perls, 1976; L. Perls et al., 1981; Yontef, 1981; Petzold, 1984; From, 1984; J. Ribeiro, 1985; W. Ribeiro, 1987b, 1989; Juliano, 1991, 1992; entre outros.

¹³O importante papel de Paul Goodman na criação da teoria da abordagem poderá ser conferido no capítulo 3.

(2007)¹⁴. Outros estudos se seguiram na busca de atualizar os conceitos fundamentais da abordagem, relacionando-os aos avanços científicos e tecnológicos, como também buscando reconhecer a influência dos movimentos culturais e políticos dos anos 50¹⁵.

A partir da década de noventa, os estudos seguiram na direção do resgate das raízes fenomenológicas e científicas da abordagem. O estudo da fenomenologia de Husserl, atualizado pela ótica de Merleau-Ponty, permitiu um resgate da noção de gestalt em suas raízes históricas e filosóficas. Esta atualização trouxe novos entendimentos por meio da perspectiva fenomenológica temporal e espacial para os conceitos de campo, aqui-agora, intencionalidade, *awareness*, o como no lugar do porquê, e a atualização do pensamento diferencial de Friedlaender por meio da noção de ambiguidade merleau-pontyana, e saúde e neurose¹⁶. O resgate do pensamento existencialista permitiu desenvolver a perspectiva relacional, principalmente através de Buber¹⁷. Do ponto de vista científico/filosófico, houve uma preocupação em recuperar a relação da Gestalt-terapia com a teoria organísmica do Goldstein e a teoria holística do Smuts, assim como elaborar a atualização dos conceitos “holístico e gestáltico”¹⁸, e a noção de campo a partir da Teoria de Campo de Kurt Lewin¹⁹.

Influências reconhecidamente importantes ainda estão por serem resgatadas e atualizadas. O desenvolvimento da Gestalt-terapia tem estudado a conceituação da *awareness*, sem ainda encontrar consenso em sua definição²⁰. Recentemente, o método fenomenológico em pesquisa gestáltica tem sido estudado²¹, mas sua relação com a

¹⁴ Nessa linha, Ciornai (1995, 2004) tem, nas últimas décadas, desenvolvido o estudo teórico e prático da arteterapia na Gestalt-terapia, e criatividade foi um tema abordado por Zinker (2001, 2007) e Miller (2011).

¹⁵ L. Perls, 1976, 1977, 1992; From, 1984; W. Ribeiro, 1987a, 1989, 1998; Miller, 1989; Miller e From, 1994; Juliano, 1991; J. Ribeiro, 1985, 2006, 2011; Frazão, 2013; Frazão e Fukumitsu, 2013; Müller-Granzotto e Müller-Granzotto, 2007a, 2007b, 2012a, 2012b; Yontef, 1982.

¹⁶ Müller-Granzotto e Müller-Granzotto, 2007a, 2007b, 2012a, 2012b; Miller, 2011; Rehfeld, 2013.

¹⁷ Hycner, 1995; Hycner e Jacobs, 1997; W. Ribeiro, 1998; Cardoso, 2013.

¹⁸ Lima, 2005a, 2005b, 2008, 2013.

¹⁹ Robine, 2006; Rodrigues, 2013.

²⁰ Conferir as diferentes concepções de *awareness* nos autores Polster e Polster, 2001; Müller-Granzotto e Müller-Granzotto, 2007a; Yontef, 1998; J. Ribeiro, 2006, 2011; Cysneiros, 2010.

²¹ Holanda, 2006; Fukumitsu, 2013.

teoria e prática da Gestalt-terapia ainda é objeto de controvérsias.

A teoria reichiana, pela qual Perls se fundamentou para introduzir o trabalho corporal, recebeu muito pouca atenção nos últimos anos. Acreditamos que no bojo da crítica à Gestalt-terapia pós-Esalen, o tema do corpo, incluindo o trabalho corporal, exercícios e técnicas divulgados pelos criticados seminários de demonstrações, foram sendo paulatinamente desconsiderados no trabalho gestáltico. Como exemplo, o *Dicionário de Gestalt-terapia* (D’Acri et al., 2007) não trouxe o verbete *corpo* na sua primeira edição²². Este tema foi resgatado por Alvim (2007a), na sua concepção histórica e filosófica dentro da Gestalt-terapia, e seu entendimento foi atualizado pela fenomenologia de Merleau-Ponty, abrindo um renovado campo de pesquisa e produção com importantes desdobramentos na prática gestáltica²³.

O estudo da semântica também tem recebido pouca atenção, apesar de ser um dos fundamentos da revisão conceitual em *Ego, Fome e Agressão* (Perls, 1942/2002); sem nos esquecermos de que os vídeos e gravações do trabalho de Perls em Esalen foram uma das bases de criação da Programação Neurolinguística. Um diálogo com sistemas que têm a semântica como fundamento, como a Psicanálise de Lacan e a Neurolinguística, poderiam ter muito a contribuir.

A Psicanálise, fundamental na formação de Frederick Perls, ainda precisa ser retomada e examinada, visto esta ter sido negligenciada. As pesquisas iniciais empreendidas nesta dissertação apontaram para a necessidade de aprofundarmos a passagem de Perls da Psicanálise para a Gestalt-terapia, para o início desta revisão. Como Perls escreveu muito sobre em que a Gestalt-terapia se diferenciava da Psicanálise, os estudos se centraram nesse aspecto – em que a Gestalt-terapia se distinguiu da Psicanálise. Porém, pela dificuldade de o tema incluir um estudo histórico, ou “estudo arqueológico” nas palavras de Holanda (2005), e que envolve um campo do

²² Na edição revista e ampliada (D’Acri et al., 2012) há um verbete específico para corpo e corporeidade, atualizando esses conceitos conforme aparecem em Perls (1942 e 1951) pela ótica de Merleau-Ponty (pp.60-64).

²³ Alvim, 2007a, 2007b, 2011a, 2011b; Alvim et al., 2012.

saber com ampla e complexa produção, há pouca pesquisa sobre a influência da Psicanálise no pensamento do Perls. Há o reconhecimento dessa pertinência, mas o detalhamento dela ainda está por ser feito. Dessa forma, para fundamentar o estudo do panorama das produções teóricas de Perls, precisaremos examinar mais detidamente, mesmo que de forma preliminar, a psicanálise revisitada por Perls, por meio das produções teóricas do período de transição entre as duas abordagens que fizeram parte da vida de Perls, a Psicanálise, como solo inicial, e a Gestalt-terapia, como sua criação.

Schulthess (2010), presidente da Associação Europeia de Gestalt-terapia²⁴, alerta que ainda há muito a se estudar sobre as influências europeias dos anos 20 no pensamento de Laura e Perls, o que inclui o período da formação psicanalítica de ambos. Schulthess (2010) enfatiza a importância de novos estudos sobre as mais seminais influências vividas pelos primeiros gestalt terapeutas:

Muitos profissionais acreditam que a Gestalt-terapia se originou nos Estados Unidos com a publicação do *Gestalt-terapia* (Perls, Hefferline, Goodman, 1951) – ou possivelmente com a publicação de *Ego, Fome e Agressão* (Perls, 1947), escrito na África do Sul e desenvolvido por Laura e Fritz Perls, a partir da psicanálise, e neste sentido, pavimentou o caminho para a nova abordagem terapêutica de Perls. Mas Fritz Perls havia, anteriormente, passado 40 anos de sua vida na Alemanha e tinha sido educado em Berlim, a cidade de seu nascimento. Apoiando-nos no nosso conhecimento das influências do campo, nós podemos facilmente imaginar qual o forte impacto que o ambiente cultural daquela era deva ter tido nele (e em Laura Perls) como também sobre a posterior concepção da Gestalt-terapia (p. 13)²⁵.

Esse alerta fez muito sentido, porque, para essa dissertação, foi preciso empreendermos uma extensa pesquisa histórica para que, por meio da dimensão cultural

²⁴ Nesse sentido, a Associação Europeia de Gestalt-terapia (EAGT) e a Associação Alemã de Gestalt-terapia (Deutsche Vereinigung für Gestalttherapie e.V.- DVG) têm dado suporte financeiro para pesquisas nessa área, além de iniciar uma série de publicações em inglês desses estudos.(www.ehp.biz)

²⁵ Tradução livre.

e existencial dos fatos da vida de Perls, pudéssemos ter uma renovação da compreensão da sua biografia. Surpreendeu-nos o perfil que emergiu sob a sua caricatura. Dessa forma, ao trazer à luz a faceta teórica de Perls, culturalmente enraizada, sua produção teórica ganhou um contorno e uma possível intenção de continuidade inesperada. Essa pesquisa histórico-biográfica não foi o foco desta dissertação, por isso permanecerá como pano de fundo.

É nessa perspectiva que esta dissertação se insere, ao fazer uma revisão contextualizada do percurso da produção teórica de Perls, procurando refazer seus passos teóricos na construção da nova abordagem que ele criou. Apontaremos as principais relações com o pensamento de sua época, a inserção de novas ideias, as lacunas e omissões teóricas, esperando com esse trabalho dar mais um passo no movimento do resgate das teorias que fundamentaram a criação da Gestalt-terapia.

2 – Sinais de inquietação: proposta de revisão da Psicanálise

“Freud, suas teorias, sua influência, são importantes demais para mim.”

Frederick Perls

2.1. Perls e a Psicanálise

Em relação ao pensamento de Perls como psicanalista, precisamos esclarecer que não há fontes de pesquisa que nos indiquem sobre o que Perls sabia ou entendia da Psicanálise quando ainda era psicanalista, isto é, não temos livros ou artigos desse período de autoria do próprio Perls. Como comenta Araújo (2002): “Nesse âmbito, Perls foi impreciso” (p.16). Também não temos outras publicações psicanalíticas que citem ou se refiram a Perls. Sabemos somente de sua apresentação, em 1936, da palestra “Resistências Oraís”, no XIV Congresso Internacional de Psicanálise em Marianbad, cujos textos não são acessíveis.

Sobre a relação de Perls com a obra de Freud, temos o que Perls nos informou em sua autobiografia, em 1969, que não lera a obra de Freud por inteiro, sem explicitar quais obras não lera: “ainda me falta ler a maior parte dos trabalhos de Freud” (Perls, 1969/1979, p. 25). Esse comentário soa estranho e não sabemos se é verdadeiro, se é uma ironia ou aparente descaso, embora em relação às modificações introduzidas na Psicanálise, da segunda tópica freudiana, em 1920, Perls pareça impreciso.

Outro aspecto a considerar é que temos com bastante frequência citações críticas de Perls à Freud em 1942 (Perls, 1942/2002), e após o rompimento de Perls com a Psicanálise, já na prática da Gestalt-terapia. Ousaríamos dizer que, pela frequência com que referências a Freud aparecem nas obras de Perls (1951/1997, 1969/1979, 1969/2002, 1973/2012a, 1993), pareceu-nos que Perls, em suas obras, está, embora dispersamente, dialogando com Freud, isto é, Freud é o interlocutor de Perls. Isso parece ter chamado a atenção dos seus pares porque, na sua autobiografia, Perls

comenta que foi instado por amigos a “deixar Freud em paz”, o que nos faz supor que Freud também era um tema constante nas conversas de Perls com os amigos. Perls responde que não conseguiria fazer isso devido à importância de Freud em sua vida (Perls, 1969/1979).

Um fato sobre a relação de Perls com Freud chama a atenção. Na sua autobiografia, terminada em julho de 1969, Perls dedica as últimas páginas do livro a duas conversas imaginárias com Freud, num tom de diálogo, de troca de ideias, marcando diferenças, apontando afinidades. Podemos supor pelo diálogo que Perls não precisasse mais discordar ou concordar com Freud *a priori*. Numa fala do personagem Perls dirigida ao personagem Freud, Perls aponta afinidades entre as teorias, assim como as diferenças, mostrando o que alguns conceitos têm em comum:

Mais uma vez tenho que trazer Freud para uma comparação. Ele disse no final da vida: “Nenhuma análise pode estar acabada”. E eu digo antes do final da minha vida²⁶: “Não há fim para a integração”.

Ele diria: sempre se pode analisar e descobrir material novo.

Eu digo: sempre há algo novo que pode ser assimilado e integrado. Sempre há uma possibilidade de crescimento.

Freud: A integração cuida de si própria. Se você liberar as repressões, elas se tornam acessíveis.

Fritz: Elas podem se tornar acessíveis, contanto que não sejam simplesmente registradas e arquivadas como *insights* interessantes – com muita frequência tenho visto material reprimido e liberado sem ser elaborado, como você corretamente exigia, mas sim alienado e projetado. Tenho visto isso com muita frequência em Reich e outros defensores-da-couraça.

Freud: Não sou responsável por eles.

Fritz: De certa forma é. Você promoveu a teoria da ‘descarga emocional’.

Você foi inconsistente, quando no seu magnífico trabalho sobre o pesar você

²⁶ Ironia da vida: Perls também está no final da sua vida quando faz essa comparação.

mostrou que o pesar, o processo do luto é um processo eminentemente significativo do sentido de promoção da sobrevivência, e não só uma descarga (Perls, 1969/1979, pp. 316-317).

Um segundo diálogo imaginário com Freud chama a atenção, pois com ele Perls praticamente encerra o livro, após apontar algumas direções para o futuro. Serão as últimas palavras de Perls, escritas em julho de 1969; daí sua importância:

Fritz: Estou contente que tenhamos encontrado uma base operacional em comum. Certamente admiro a tenacidade que você demonstrou para salvar o sexo de seu *status* de pecado na cultura Ocidental. Você também criou a possibilidade de preencher outros buracos: as muitas descobertas que você realizou durante a sua vida, descobertas que se tornaram ferramentas indispensáveis para a nossa pesquisa.

Temos, realmente, que reformular a sua abordagem do século XIX, com suas ferramentas intelectuais limitadas, para adaptá-la ao século XX. Você concordaria comigo que há muitos buracos a preencher (1969/1979, p. 333-334).

É interessante notar que a maioria das críticas de Perls é dirigida à “psicanálise ortodoxa”, expressão usada por Perls ao se referir à psicanálise na maioria das críticas, — o que deixa uma questão: poderíamos supor que as críticas de Perls são dirigidas a uma corrente psicanalista considerada ortodoxa na época, e que haveria outra psicanálise a quem aquelas críticas não estariam dirigidas?

Um possível esclarecimento pode ser dado por Celes (2012), pois o autor examina as diferenças entre grupos psicanalíticos na história da construção da psicanálise. O autor analisa que o movimento psicanalítico, “não foi uniforme desde o início e nem assim permaneceu, apesar dos esforços de Freud e de certo grupo, encabeçado por Ernest Jones, para protegê-la de desvios de fundamento” (p. 209). Celes esclarece que as mudanças eram em relação à psicanálise freudiana, chamada de psicanálise padrão, clássica ou típica. Podemos assim supor que o que Perls chama de psicanálise ortodoxa se refira à “psicanálise freudiana, padrão ou clássica”, e que poderíamos situar Perls em um desses grupos que se desviou dos fundamentos clássicos

freudianos.

Nesse sentido, em uma entrevista, Laura Perls (Wysong & Rosenfeld, 1988) comenta que na época da elaboração do livro *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002) ela e Perls ainda eram psicanalistas, mas em uma perspectiva diferente da tradicional: “Na verdade, no começo, quando *Ego, fome e agressão* foi escrito, nós ainda nos intitulávamos de psicanalistas, mas revisionistas” (p. 6)²⁷. Bocian (2010) considera que Perls pertenceu a um pequeno grupo psicanalítico que o autor chama de psicanalistas freudianos com uma orientação política de esquerda, e que ele coloca tecnicamente como analistas de caráter de Berlim, sob influência de Otto Gross. Segundo Bocian, nesse grupo havia um esforço para desenvolver uma psicanálise ativa, orientada para as emoções e para uma crítica social.

2.2. Psicanálise e Gestalt

Há um reconhecimento de que a Gestalt-terapia é originária da Psicanálise, principalmente pela estreita e longa relação de Frederick Perls com uma formação e prática psicanalítica. Vários autores pontuam essa estreita relação e enfatizam que o pensamento de Perls não pode ser entendido, a não ser a partir de suas raízes na Psicanálise. Consideram também que esta temática não está bem esclarecida, sendo geradora de mal-entendidos e apropriações teóricas indevidas, no curso de desenvolvimento da Gestalt-terapia, o que teve como consequência muitos desentendimentos desnecessários e o enfraquecimento da abordagem (Petzold, 1984; Tellegen, 1994; Loffredo, 1994; Kogan, 1995; Kogan & Himelstein, 1995; Appelbaum, 1995).

Primeiramente, Perls, em *Ego, Hunger and Agression* (1942), propõe uma revisão à Psicanálise. Posteriormente, Perls passou a dirigir críticas contundentes ao pensamento freudiano. Com isso, ao longo tempo, foi como se a Gestalt-terapia tivesse surgido desvinculada daquele pensamento do qual Perls partiu e ao qual se opôs, como

²⁷ Tradução livre.

se dele não trouxesse nenhuma contribuição.

Apesar do resgate das bases científicas e filosóficas europeias a partir de meados de 70, a relação da Gestalt-terapia com a Psicanálise permaneceu pouco detalhada, o que representa uma lacuna no entendimento epistemológico da Gestalt-terapia.

Tendo considerado as obras de Perls como marcas de suas transições, iremos examinar mais detidamente a passagem de Perls da Psicanálise para a Gestalt-terapia, utilizando como instrumento, principalmente, seu livro de 1942. Sem esse exame não seria possível alcançarmos um dos objetivos da dissertação, a saber o panorama teórico das obras de Perls. Essa importante transição representou o início de uma mudança de paradigmas teóricos e práticos, Apesar disso, permanece um estudo epistemológico com poucas publicações a respeito.

2.3. *Ego, hunger and aggression: a revision of Freud's theory and method* (1942)

Perls declarou em sua biografia (1969/1979) que sua ruptura emocional com a Psicanálise aconteceu em 1936, após o XIV Congresso Internacional de Psicanálise, momento em ele se permitiu uma reavaliação da Psicanálise. A partir daí, Perls (1969/1979) relata que um distanciamento em relação à psicanálise clássica (chamada por Perls de ortodoxa) começou a acontecer, culminando com a ruptura sacramentada pela publicação da obra *Gestalt-terapia* (1951/1997). Também na avaliação de L. Perls (1992), a separação da Psicanálise, tanto para ela quanto para Perls, começou gradualmente na África do Sul, e se concretizou quase que imediatamente com os encontros com Paul Goodman, em Nova Iorque.

Relativamente às publicações de Perls, temos um período de transição que se inicia em 1942 e se encerra em 1951. Como marca desse período, Perls elege seu livro *Ego, Hunger and Agression* (1942)²⁸. E é nele que buscaremos os conceitos que revelam a mudança de trajetória e apontam na direção da construção da nova

²⁸ No Brasil, publicado em 2002, com o título *Ego, Fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*, (trad. Georges D. J. Bloco Boris), SP: Summus. Passaremos a nos referir a esta obra como *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002).

abordagem. Escolhemos também dois artigos publicados por Perls, anteriores ao ano de 1951, para identificarmos os passos teóricos de Perls em direção ao rompimento com a Psicanálise, por meio através da adoção gradual de novos parâmetros.

Perls, em 1969, analisando retrospectivamente sua trajetória, disse que “a obra *Ego, Fome e Agressão* representa a transição da psicanálise ortodoxa para a abordagem gestáltica” (Perls, 1969b/2002, p. 35). Portanto, a importância dessa obra está em conter o material teórico para o próximo passo de Perls, qual seja o do rompimento com a Psicanálise e a criação de uma nova abordagem chamada Gestalt-terapia. Nesse sentido, ao delinear essa transição, contextualizando suas raízes, pretendemos contribuir epistemologicamente para os estudos em Gestalt-terapia.

Tellegen (1984) lembra que a leitura de Freud por parte de Perls data de uma época em que o criador da psicanálise estava reformulando seu pensamento. Portanto, este trabalho não poderia ter a intenção de comparar o pensamento de Freud e Perls, ambos pensamentos em construção, ou de comparar a Psicanálise e a Gestalt-terapia, que obviamente já caminharam muito após as obras analisadas aqui. Tampouco seria apropriado avaliar o valor heurístico das apropriações que Perls fez da teoria freudiana, nem se as críticas de Perls ao pensamento freudiano eram pertinentes. O valor que procuramos ter num estudo de *natureza arqueológica*²⁹ é de recuperar as raízes da construção do pensamento de Perls relacionadas ao seu percurso na Psicanálise, esperando que o que se descortinar a partir daí possa apontar para trabalhos futuros de reexame da teoria gestáltica. A nossa intenção inicial, ao olhar para o passado, foi ampliar os horizontes. Por outro lado, podemos sim, examinar se as apropriações das várias teorias de influência, incluindo a Psicanálise, formaram um conjunto teórico coerente e, a partir do conjunto da obra, apontar possíveis lacunas, ampliações conceituais e reformulações estruturais.

A análise da transição que esta obra traz em seu bojo caminha em duas direções: identificar qual é o novo material embrionário que posteriormente será elaborado como

²⁹ Utilizando-nos da expressão de Holanda (2005).

Gestalt-terapia e identificar sua vinculação à teoria psicanalítica, pois, como já dito, é da psicanálise que Perls parte e era onde pretendia permanecer de uma forma revisitada.

1) Das edições

Faz-se importante salientar que existem diversas edições³⁰ para a obra *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002). Elas nos são significativas por nos mostrarem a relação existente entre o conteúdo teórico elaborado pelo autor e a sua própria trajetória de vida.

Esse primeiro livro escrito por Perls, ainda como psicanalista, *Ego, Fome e Agressão*, foi lançado em 1942, em Durban, na África do Sul, pela editora sul-africana *Knox Publishing Company*, com o subtítulo “*uma revisão da teoria e do método de Freud*”. Novas edições foram lançadas, em 1945 (África do Sul), 1947 (Londres), 1966 e 1969 (Estados Unidos). Consonante com seu subtítulo — *revisão da teoria e do método de Freud* — a obra, dentro dos parâmetros da teoria psicanalítica da época, propunha um deslocamento teórico que significaria também um importante deslocamento dos parâmetros da prática analítica. Fritz e Laura Perls consideravam-se, nessa época, como psicanalistas alinhados ao movimento revisionista dentro da Psicanálise.

A obra é uma ampliação da palestra “Resistências Orais”, apresentada por Perls no emblemático XIV Congresso Internacional de Psicanálise de 1936³¹, e é escrita por Perls no seu retorno à África do Sul. Conforme Perls nos informa em sua autobiografia, foi uma escrita apressada, sem revisão³². Segundo o editor e gestalt-terapeuta Wysong³³, “o livro foi recebido com excelentes críticas da imprensa sul-africana” (1992, p. 30) e,

³⁰ Informações de Wysong, 1992, 29-33.

³¹ Segundo Roudinesco e Plon (1998), no XIV Congresso Internacional da IPA houve “violentos conflitos entre os vienenses (partidários de Anna Freud) e os membros da BPS (que defendiam as teses de Melanie Klein)” (p. 814). Também Lacan teve sua palestra sobre o estágio do espelho interrompida por E. Jones logo no início de sua exposição (p. 447).

³² Talvez por isso o livro seja publicado sem prefácio, introdução ou dedicatória, somente duas páginas sob o título “Intenção” (*Intention* no original).

³³ Joe Wysong, gestalt-terapeuta e editor do *The Gestalt Journal Press*, principal editora de Gestalt-terapia, tem empreendido um trabalho de resgate das obras seminais da abordagem.

por isso, uma segunda edição foi lançada em 1945, acrescida de um prefácio e dedicatória a Max Wertheimer, ainda pela Knox Publishing Company.

Em 1947, *Ego, Fome e Agressão* foi publicado pela editora inglesa George Allen and Unwin Ltd., sem alterações da edição de 1945. Pela data de lançamento, podemos supor que esta foi a obra com a qual Perls se apresentou como psicanalista revisionista na sua chegada a Nova Iorque. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) acreditam que essa publicação “facilitou a inserção de Perls nos círculos intelectuais de Nova Iorque” (p.173). Segundo análise de Araújo (2002), Perls escolheu publicar em Londres porque, naquele momento pós-guerra, a cidade seria:

um fórum privilegiado para o pensamento psicanalítico, contando com a presença de analistas renomados que vieram a constituir o sólido movimento da Escola Britânica de Psicanálise³⁴. Foi nesse ambiente efervescente, em que as ideias de Freud não constituíam uma hegemonia, que Perls esperava divulgar seu posicionamento em relação à psicanálise (p. 12-13).

Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) acreditam que o revisionismo kleiniano da obra de Freud em Londres “estabelecia um ambiente propício para a obra de Perls” (p.173). Porém, o livro *Ego, Fome e Agressão* não encontrou acolhida no meio psicanalítico londrino. Podemos supor, lembrando o comentário de From (1984), que o livro de Perls não tinha precisão conceitual naquilo que Perls pretendia revisar da Psicanálise, o que seria indispensável para uma discussão de tal porte no meio da Sociedade Britânica de Psicanálise — SBP. Além disso, a proposta de inclusão de conceitos sobre holismo e evolução de Jan Smuts (1926/1996) e das apropriações clínicas da teoria e experiências de Goldstein (1939/1995) precisariam também de

³⁴ A Grã-Bretanha desempenhou “um papel central na Europa para a difusão do freudismo”. A *British Psychoanalytical Society*, BPS, adquiriu uma grande autonomia, e por meio de Melanie Klein “formou em torno de si uma nova corrente” — além do grupo em torno de Anna Freud, que defendia a psicanálise freudiana, e de Winnicott com um terceiro grupo independente. “Cada uma das três correntes reivindicava uma leitura da obra freudiana e cada uma um modo diferente de formar psicanalistas” (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 304-305).

maiores elaborações³⁵. Talvez isso explique por que o livro não tenha tido repercussão na exigente e polêmica SBP.

Em 1966, foi publicada uma nova edição americana do livro pela *Orbit Graphic Arts* (São Francisco, EUA), com pouca acolhida. Essa é uma publicação que nos surpreende, porque nessa data Perls estava em Esalen, e a Gestalt-terapia alcançava fama.

Em 1969, há a publicação de mais uma edição desse livro nos EUA, pela *Random House*, o que nos faz entender o que Perls reafirmou, já no final de sua vida, a sua afinidade com seu pensamento de 1942. Ele vai mais longe porque, nessa edição, o subtítulo anterior foi substituído por “*Os primórdios da Gestalt-terapia*” (Perls, 1969a)³⁶, o que confirmava que este livro continha as bases do pensamento que deu origem à Gestalt-terapia.

Em 1992, a editora americana *The Gestalt Journal Press* publicou na íntegra o livro que se encontrava esgotado, de uma forma que a editora considerou “definitiva”³⁷.

No Brasil, a tradução da obra apareceu somente em 2002, quarenta anos depois do lançamento da edição original e dez anos a partir da edição do *The Gestalt Journal Press*³⁸.

³⁵ Lembramos que tanto Perls quanto Laura, em diferentes ocasiões, se referiram à presente obra como um pensamento provisório que, escrita apressadamente, necessitaria de elaborações posteriores para corrigir as falhas, insuficiências e conceitos confusos. Perls (1942/2002), no prefácio do livro, edição de 1945, diz: “Este livro possui muitas falhas e insuficiências. Tenho pleno conhecimento disto” (p.37); ou em sua cronologia de vida volta a afirmar: “1941 — O livro está terminado. Revisar e editar ou deixá-lo como é? Não. Deixe estar. Ele tem muitos defeitos, meu inglês é frequentemente rústico e os exemplos mal escolhidos — mas isto sou ‘Eu’” (Perls, 1993).

³⁶ Tradução livre. Nesta edição, na capa se lê: “A Gestalt-terapia do despertar sensorial através do encontro pessoal espontâneo, da fantasia e da contemplação”. Na contracapa se lê: “Este livro desafia a teoria freudiana e a psicanálise a favor de um método terapêutico mais amplo que enfatiza uma abordagem prática e de contato humano na psiquiatria” (tradução livre). Outras alterações: a retirada do prefácio da edição de 1945, a retirada dos agradecimentos a Laura Perls, e de uma página intitulada Prescrição. A dedicatória a Max Wertheimer permanece (Perls, 1942/1969a).

³⁷ Além de uma ‘Apresentação’ escrita pelo editor e gestalt-terapeuta Joe Wyson, foi resgatado o prefácio da edição de 1945 da Knox; a introdução de 1969 da Edição da *Random House*, além das seções Intenção e Prescrição das primeiras edições. Também foi resgatado o subtítulo original, o *design* da capa e as ilustrações da edição de 1947.

³⁸ A edição brasileira conta com uma Apresentação à edição brasileira por Lilian M. Frazão; um Prefácio à edição brasileira por M^a Gercileni C.de Araújo e a elogiada tradução de Georges Daniel J. Bloc Boris.

2) Do contexto psicanalítico da época:

A posição que Perls assume nessa obra precisa ser entendida dentro do contexto psicanalítico de sua época. Em várias passagens citadas neste trabalho, vimos que Perls, a partir de sua chegada aos Estados Unidos, identificou-se e foi identificado com um grupo de pessoas de posição neofreudiana liderado por Karen Horney, Erich Fromm e Harry Stack Sullivan, entre outros. Eles representavam inicialmente uma dissidência psicanalítica³⁹, “em nome de uma concepção fortemente impregnada de socioantropologia” (Green, 2008, p. 24). Assim como o grupo⁴⁰, Perls endereçava frequentemente suas críticas à psicanálise ortodoxa, que, como presumimos, estava se referindo ao que hoje, na história da psicanálise, é nomeado por Celes (2012) como psicanálise freudiana, clássica ou padrão. Precisamos esclarecer a diferenciação existente entre esses novos grupos de psicanálise que se desenvolveram em solo americano e a psicanálise freudiana para entendermos o contexto onde se coloca esta obra.

Celes (2012) faz um esclarecimento que traz luz sobre esse assunto. O autor pontua que “as divergências que não foram expurgadas do movimento psicanalítico introduziram mudanças mais ou menos radicais em relação à psicanálise freudiana⁴¹, chamada padrão, clássica ou típica” (p. 209). Essas mudanças acarretaram um alinhamento teórico em dois eixos: “atenção ao intrapsíquico ou atenção ao interpessoal (intersubjetivo)” (p. 210).

Celes (2012) destaca que no eixo das posições intrapsíquicas encontramos identificação com o fundamento freudiano, o da psicanálise padrão, e, assim, “os fundamentos das perspectivas psicanalíticas intrapsíquicas podem ser resumidos na

³⁹ Inicialmente foram identificados como grupos dissidentes revisionistas, mas, posteriormente, algumas cisões vieram a acontecer, lideradas por membros desse grupo. Roudinesco e Plon (1998) citam cinco cisões na história da psicanálise nos EUA, no período do pós-guerra aos anos cinquenta, sendo Karen Horney considerada a responsável pela primeira cisão no seio da NYPS em 1941; e Sullivan, como a influência determinante da terceira cisão (p. 199).

⁴⁰ Encontramos no *Gestalt-terapia* (1951/1997) temas estreitamente ligados a este grupo, como antropologia da neurose, processos adaptativos, influência do meio, conflito entre indivíduo e sociedade.

⁴¹ Conforme já destacamos, os grupos neofreudianos eram considerados revisionistas, isto é, não romperam inicialmente com a psicanálise, mas discordavam de conceitos considerados fundamentais.

adoção prioritária de dois conceitos: pulsão e inconsciente” (p. 210).

No segundo eixo, as perspectivas psicanalíticas com atenção ao intersíquico ou intersubjetivas têm como característica comum privilegiar

a compreensão da constituição do psiquismo e de suas dificuldades nas relações com o mundo externo, nos conflitos de “interesses” entre o sujeito e o objeto, ou o *déficit* entre as necessidades e respostas às necessidades proporcionadas pelos objetos. O externo pode ser tomado como o ambiente como tal (Winnicott) ou como os objetos de que o sujeito depende em seu período inicial (desamparado e dependente) de vida. Duas noções guiam a psicanálise que, a partir daí, se desenvolveu e também se dispersou: relações de objeto e inconsciente compartilhado (sugerimos, como expressão provisória) (Celes, 2012, p. 214).

Podemos ver que, em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), Perls inicia esse alinhamento aos grupos psicanalíticos do segundo eixo, o que irá se acentuar na sua chegada a Nova Iorque. Perls se afasta dos dois conceitos psicanalíticos citados por Celes (2012), pulsão e inconsciente, e não os contempla em sua obra. Pelo contrário, a proposta de revisão de Perls desloca o foco para o trabalho do ego em relação à realidade e o estudo da força agressiva (ou instinto agressivo) no trabalho de intermediação do ego com a realidade e consigo mesmo.

Sendo assim, Maria Bonaparte⁴² estava parcialmente certa quando, ao ler o manuscrito de *Ego, Fome e Agressão*, declarou que Perls estava, com aquele livro, rompendo com a Psicanálise (Perls, 1969/1979, p. 108). Acreditamos que não era intenção de Perls um rompimento com a Psicanálise naquele momento; ele apenas começava a se alinhar a um movimento de revisão que acontecia no meio psicanalítico, numa posição que podemos entender como eixo intersíquico ou intersubjetivo, mas ainda dentro dos parâmetros psicanalíticos.

Apresenta-se aqui um tema de pesquisa epistemológica interessante, mas que

⁴² Maria Bonaparte (1869-1957) consagrou a vida à Psicanálise, sendo muito estimada por Freud. Foi uma das fundadoras da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), onde exerceu muita influência (Roudinesco & Plon, 1998).

pela abrangência dos conceitos envolvidos não será possível ser feita neste trabalho. Estudos posteriores serão necessários para um entendimento mais amplo da mudança desse eixo, usando a diferenciação de Celes (2012) de forma a aprofundar o entendimento do que foi, para Perls, a passagem do foco terapêutico no trabalho do Inconsciente para o trabalho com foco nas funções do Ego (1942), e posteriormente para o trabalho de “contato” do *self* (1951).

A revisão da teoria do Ego e o estudo de suas funções não foi uma iniciativa isolada de Perls no meio psicanalítico na década de 40. Green (2008), ao analisar o panorama da psicanálise pós-Freud, pontua que, nos Estados Unidos, o conceito de Ego segundo Freud foi considerado insuficiente, provocando a necessidade de sua revisão. Surgiu outra noção de Ego por meio dos estudos de Heinz Hartmann⁴³, considerado representante da segunda geração psicanalítica e, segundo Green, maciçamente seguido. Este autor lembra que Hartmann “defendia a existência de uma autonomia do Ego que não dependia do Id. Em resumo, o Ego autônomo era cognoscível⁴⁴ de antemão (...) tratava-se na verdade de promover uma psicologia psicanalítica do Ego: uma Egopsicologia” (Green, 2008, p. 24). A Psicologia do Ego irá privilegiar o ego, o *self* ou o indivíduo em detrimento do isso, do inconsciente e do sujeito. Embora com mesmo foco, a saber, o estudo do Ego, Perls irá desenvolver sua teorização em outra direção, diferenciando-se das várias correntes pós-freudianas que se dedicaram a rever a teoria do Ego, do *Self*, e suas funções⁴⁵.

⁴³ Também em fuga do nazismo, Hartmann, psicanalista judeu-austríaco, emigrou para os Estados Unidos em 1941, com o aval de Freud, que o considerava um de seus melhores alunos, o que lhe deu uma posição de liderança dentro do movimento psicanalítico americano. Apesar de inicialmente ser o principal representante de uma ortodoxia freudiana ao lado de Anna Freud, Hartmann desenvolveu a Psicologia do Ego (Roudinesco & Plon, 1998).

⁴⁴ O ego cognoscível em contraposição ao Id incognoscível, que só poderia ser conhecido por inferência. Nas palavras de Freud: “Aquilo que deve ser chamado de consciente não precisamos discutir, está fora de qualquer dúvida. O mais antigo e melhor significado da palavra ‘inconsciente’ é o descritivo; chamamos de inconsciente um processo psíquico cuja existência temos de supor, porque o inferimos, digamos, de seus efeitos, mas do qual nada sabemos” (Freud, 1933/2010, p. 151).

⁴⁵ Perls et al. (1951/1997) dedicarão um capítulo ao estudo da diferenciação entre a proposta da Gestalt-terapia e as teorias pós-freudianas sobre o *self*: capítulo XI – Crítica de teorias psicanalíticas do *self* (pp.190-204).

No movimento de contraposição à psicanálise, a Gestalt-terapia, em sua história, não pôde manter um intercâmbio com esses diversos movimentos psicanalíticos naqueles campos do saber que tinham evidentes afinidades.

3) Do contexto do surgimento da obra

A experiência vivida por Perls no seu retorno à Europa, para o XIV Congresso Internacional de Psicanálise em 1936, às portas da II Grande Guerra, e a pouca receptividade à sua apresentação no Congresso foram fatores muito decisivos para que ele revisse sua compreensão da psicanálise. Perls, em sua autobiografia, diz que por essa razão, o ano de 1936 o marcou profundamente: “um ano de grandes expectativas e grandes desapontamentos” (Perls, 1969/1979, p. 60).

Tellegen (1984) acrescenta que essa viagem foi geradora de ressentimentos. Perls se decepcionou no reencontro com dois ícones da sua formação psicanalítica: Freud e Reich. Para Tellegen, os eventos frustrantes considerados motivadores para a escrita desse livro foram a decepção de Fritz Perls com o Congresso de Psicanálise em 1936, no qual sua tese sobre Resistências Orais foi rechaçada; e do ponto de vista pessoal, a decepção do encontro com Reich, nesse mesmo congresso, que mal o reconheceu, e um malsucedido encontro com Freud, do ponto de vista de Perls⁴⁶.

Shepard (1978), Tellegen (1984), Ginger e Ginger (1995), Araújo (2002) e Ginger (2011) consideram a elaboração dessa obra como uma etapa fundamental na transformação do pensamento e da prática clínica de Perls.

Para L. Perls (1977) o mais importante a destacar nessa obra de 1942 é a revisão dos conceitos psicanalíticos e a criação de alguns conceitos fundamentais, mas que seriam mais bem definidos na obra posterior de 1951, *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*, na qual apareceriam mais bem elaborados, formando

⁴⁶ Surpreende-nos notar que Perls (1969/1979), em sua avaliação autobiográfica, não considerou o péssimo estado de saúde de Freud que havia se submetido a inúmeras cirurgias e a situação crítica de Reich que, exilado na Dinamarca, sofrera dupla expulsão, da IPA e do Partido Comunista, e enfrentava dura perseguição no meio psicanalítico.

uma teoria organizada e consistente.

L. Perls (1977) e Isadore From (1984) enfatizam que o valor da obra está na revisão do conceito de introjeção e na inclusão da mastigação como fundamental no desenvolvimento infantil. L. Perls (1988) informa que a palestra de Perls em 1936, “Resistências Orais”, originou-se de sua pesquisa sobre o desmame e a introdução da alimentação infantil que ela havia feito ainda em Berlim quando nasceu sua filha Renate⁴⁷. A autora observou que os métodos de desmame ou eram muito precoces ou muito tardios e que a introdução da alimentação infantil desconsiderava a importância da mastigação. Essas observações a levaram a desenvolver a ideia de que o início da mastigação marcava a introdução da criança na aprendizagem do processo de assimilação em oposição ao processo de introjeção prevalente na fase da amamentação da criança. L. Perls afirmou: “mastigar exige tempo e paciência e *awareness* do que está sendo mastigado (...) o processo de comer é um processo de consciência” (1988, p. 5)⁴⁸. Para From, o tema da mastigação também é a inovação que Perls traz nessa obra, ao relacionar o início da mastigação na vida da criança como contraponto à introjeção da obra freudiana.

Uma consideração interessante que Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007b) fazem é que nas obras seguintes Perls não faz referência a Smuts e Friedlaender, o que torna difícil estabelecer a relação de partes de *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002) com os pensamentos posteriores de Perls. Desse modo, os autores sugerem que a compreensão da obra deverá ser feita a partir do que se apresenta nela mesma, de forma a acrescentar ao que “nas obras a seguir, não está assim tão explicitado” (2007b, p. 46). Na nossa pesquisa, foi fundamental procurar estudar a obra

⁴⁷ Já no final de sua vida, L. Perls (1992) revelou que a obra foi um trabalho em conjunto do casal: “O trabalho era feito numa comunicação contínua entre nós, e eu não consigo me lembrar quem pensou primeiro. (...) Na África do Sul, inicialmente, éramos só Fritz e eu, quando eu colaborei com tudo sobre *Ego, Fome e Agressão* (...) nós discutíamos suas ideias nos finais de semana em casa” (L. Perls, 1992, pp. 11-12). Além disso, Laura afirma que dois capítulos do livro são integralmente de sua autoria, “O complexo de fantoche” (capítulo 6 de *Metabolismo Mental*) e “O significado da insônia” (capítulo 13 da *Terapia de Concentração*). Perls nunca se pronunciou a respeito e não reconheceu a contribuição de Laura no tema da obra, na elaboração dos capítulos, nem sua autoria nos referidos capítulos.

⁴⁸ Tradução livre.

a partir da psicanálise da época, mas sua compreensão só foi possível ao inseri-la no conjunto das obras de Perls. Nesse sentido, tivemos que retornar a ela após analisarmos as outras obras e aprofundarmos nosso entendimento do contexto cultural e científico em que estavam inseridas.

4) Do propósito do livro

Perls tinha uma meta ambiciosa, pois pretendia com essa revisão construir “uma teoria integrada que cubra todo fenômeno físico e psíquico”. Segundo o autor, isso poderia ser alcançado “por síntese e cooperação entre todas as escolas existentes” (Perls, 1942/2002, p. 38). Assim, partindo de uma releitura da Psicanálise, Perls incorporou elementos de outras escolas para ampliar e redefinir aspectos que julgava deficientes na Psicanálise. O caminho de Perls para alcançar tal meta foi por meio de duas perspectivas. A primeira, da revisão da teoria e método psicanalítico naquilo que, segundo o autor, se tornara convicções rígidas e estáticas. A segunda, da introdução de novas concepções sobre a personalidade humana, utilizando-se das teorias com que Perls estivera em contato principalmente em Frankfurt.

Perls pretendeu “reforçar a estrutura do sistema psicanalítico” percorrendo os seguintes passos: “a) substituir um conceito psicológico por um conceito organísmico; b) substituir a psicologia da associação pela psicologia da gestalt; c) aplicar o pensamento diferencial, baseado na ‘Indiferença Criativa’ de S. Friedlaender” (Perls, 1942/2002, p. 44).

Esses passos teóricos foram desenvolvidos ao longo das três partes do livro, Holismo e Psicanálise; Metabolismo Mental; e Terapia de Concentração. Perls faz uma releitura da psicanálise clássica, utilizando uma ótica semântica (Korzybski) e holística (Smuts) e incorporando noções da psicologia da Gestalt, Goldstein e do pensamento diferencial de Salomon Friedlaender.

Perls, em 1969, reafirma sua posição em relação a esse livro e, em especial, ao tema da Indiferença Criativa: “Para mim, a orientação da indiferença criativa é lúcida.

Não tenho nada a acrescentar ao primeiro capítulo de *Ego, Hunger and Aggression* (1969/1979, p. 96).

5) Da estrutura e dos temas do livro

A primeira parte, *Holismo e Psicanálise*, contém uma crítica geral à psicanálise, em que Perls (1942/2002) reconhece o valor de Freud na elaboração do “primeiro sistema de uma psicologia genuinamente *estrutural*”⁴⁹. Perls acredita que com sua obra possa “reforçar a estrutura do sistema psicanalítico” naquilo em que acredita ser “sua deficiência mais óbvia” (p. 44). Desse modo, o desenvolvimento da crítica à Psicanálise vai seguir duas direções, temas e conceitos que estavam desconsiderados na Psicanálise padrão e o que estava superenfaticado. Na avaliação de Perls:

a psicanálise acentua a importância do inconsciente e do instinto sexual, do passado e da causalidade, das associações, da transferência e das repressões, mas subestima ou negligencia as funções do ego, instinto de fome, do presente e da intencionalidade, da concentração, as reações espontâneas e a retroflexão (Perls, 1942/2002, p. 40).

Perls procurará nessa obra desenvolver a teoria das funções dos instintos de autopreservação individuais, representados pela “*satisfação das necessidades alimentares e pela autodefesa*” (1942/2002, p. 72-73). Para Perls, o instinto de fome e de defesa eram instintos de autopreservação do indivíduo hierarquicamente prioritários em relação ao instinto sexual, classificado por Perls como instinto de autopreservação da espécie. Perls, nesse quesito, segue, quase integralmente, a teoria freudiana referente às pulsões de autoconservação⁵⁰.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), as pulsões de autoconservação referem-se

⁴⁹ Itálico do autor.

⁵⁰ Na teoria freudiana, inicialmente, as pulsões de autoconservação permanecem opostas às pulsões sexuais. Depois de 1920, é introduzido um novo dualismo, o das pulsões de morte e das pulsões de vida, sendo a conservação do indivíduo um caso particular das pulsões de vida. Mantém-se a oposição entre pulsão de autoconservação e pulsão de conservação da espécie, ainda situadas no interior da pulsão de vida (Laplanche e Pontalis, 2001).

a uma expressão pela qual “Freud designa o conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à conservação da vida do indivíduo; a fome constitui o seu protótipo” (p. 404). E, acrescentam que “Freud nunca se dedicou a apresentar uma exposição de conjunto sobre as diversas espécies de pulsões de autoconservação (...). Todavia, parece admitir a existência de numerosas pulsões de autoconservação, tão numerosas quanto as grandes funções orgânicas” (pp. 405-406). Estas explicações nos permitem concluir que os instintos de autoconservação da fome e defesa, estudado por Perls, têm como referência as pulsões de autoconservação, conforme a teoria freudiana⁵¹.

O estudo dos instintos de fome e defesa revela uma intuição teórica muito interessante. Perls tem como meta recuperar a capacidade criativa de crescimento, o que, para ele, somente será possível se polaridades fundamentais forem integradas, segundo o pensamento diferencial. Perls (1942/2002) considerou que estes instintos, fundamentalmente polares ao crescimento, precisavam ser trabalhados na sua integração, pois se encontravam dicotomizados neuroticamente. É por meio desta ótica que Perls desenvolverá seu estudo, e por isso a adoção do pensamento diferencial de Friedlaender sob a ótica da semântica de Korzybski foi essencial e reafirmada por Perls em 1969 (Perls, 1969b, 1969c). Mediante a noção de ponto-zero é possível teorizar sobre o resgate do trânsito entre polos dicotomizados, isto é, recuperando-se o ponto-zero (ponto de indiferença criativa) de qualquer dualidade recupera-se o potencial de movimento em qualquer das direções. O processo figura-fundo permite pensar a dinâmica desse trânsito, assim como a autorregulação orgânica dá a direção da espontaneidade criativa do organismo, seja na sua resistência, seja no seu movimento.

A segunda parte, *Metabolismo Mental*, traz as inovações de Perls à psicanálise, o que o autor considera sua contribuição à teoria psicanalítica, a saber, a sua elaboração

⁵¹ Em relação à diferença dos termos pulsão e instinto, Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007b) observam que: “Perls seguiu a tradução inglesa para o termo *Trieb* estabelecida por James Strachey em colaboração com Anna Freud, a saber, *Instint*, não obstante a diferença reconhecida por Freud entre os termos *Trieb* e *Instinkt* (em alemão)”. Os autores informam que a tradução da obra no Brasil seguiu a versão inglesa e, segundo eles, uma decisão acertada do tradutor, “desde que tenhamos em mente a que, exatamente, Perls está se referindo, a saber, às pulsões” (p.58).

da biologia da fome e da alimentação como um modelo de vida psíquica, enfatizando os mecanismos de agressão e assimilação. Perls faz um correlato da assimilação alimentar com a assimilação mental. Segundo Boris (2002), Perls “esboça uma teoria da personalidade a partir da psicanálise, da psicologia da gestalt, da perspectiva holística de Smuts, e de outras influências” (p. 24).

É interessante pontuar que Perls faz um deslocamento do psíquico para o organísmico, em consonância com seu propósito de substituir um conceito psicológico por um organísmico, e o incorpora à dinâmica do aparelho psíquico da psicanálise, esperando, com isso, ampliar a concepção da estrutura psíquica psicanalítica. Nessa articulação, Perls esboçou uma teoria da personalidade de base holística, o que será tema na obra *Gestalt-terapia* (1951/1997), sob o conceito personalidade humana.

Perls (1942/2002) se apropriou da noção organísmica de Smuts, de personalidade, e a adaptou, pois está interessado numa concepção organísmica específica e não numa concepção holística universal ou teleológica como a de Smuts. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) ressaltam que Perls não assumiu integralmente o holismo de Smuts abandonando suas inferências metafísicas e evitando assim um gestaltismo estruturalista.

Lima (2013) pontuou que apesar da importância da “contribuição do pensamento holístico e organísmico à gestalt-terapia, muito pouco foi desenvolvido e escrito sobre o tema, tanto por Perls, quanto pelos autores posteriores” (pp.154-155). Para esta autora, é fundamental aprofundar e atualizar o conhecimento das obras de Smuts e Goldstein “à luz das contribuições mais recentes das teorias sistêmicas e ecológicas” (pp. 154-155).

As ideias do pensamento diferencial serão articuladas com as noções de formação de campo da Teoria de Campo de Kurt Lewin, tendo como base o funcionamento autorregulado do organismo na concepção da Teoria Organísmica de Goldstein, mediante o processo perceptivo de figura-fundo da Psicologia da Gestalt. Esse entrelaçamento dá a Perls a possibilidade de pensar o homem relacionado ao meio na formação de um campo onde irão atuar essas forças. Com a noção de campo, Perls consegue traduzir a interação homem/meio.

O estudo do Ego e suas funções, sob a ótica de uma personalidade holística (Smuts), tendo em vista o princípio da autorregulação orgânica (Goldstein), estabelecem os outros temas que são considerados nesta obra, a saber o presente, a intencionalidade, reações espontâneas e retroflexão⁵².

Na terceira parte, Perls propõe um novo método, a Terapia de Concentração, que Perls julgou mais apropriado para lidar com as questões do Ego e os distúrbios de suas funções, em substituição ao método de associação livre, relacionado ao trabalho do Inconsciente.

Para Perls (1942/2002), a evitação é característica principal das neuroses do Ego, por isso recorreu à terapia de concentração para seu tratamento. Perls (1942/2002) já traz nessa obra a noção de que “todo contato, seja ele hostil ou amigável, ampliará nossas esferas, integrará nossa personalidade e, por assimilação, contribuirá para nossas capacidades, desde que não esteja repleto de perigo insuperável e haja uma possibilidade de dominá-lo” (p. 110). Desse modo, Perls procurou desenvolver uma ação terapêutica de restauração do contato, mediante o trabalho com as evitações, pois considera que a “evitação é um fator geral provavelmente encontrado em todo mecanismo neurótico” (p.119). Perls reconhece que a evitação biológica de perigos é essencial na autopreservação do indivíduo, como também contra o “que ameaça enfraquecer o todo ou partes da personalidade”. Porém, ele salienta que “a desvantagem da ‘evitação’ é a deterioração da função holística” (p. 109). Segundo Perls, “pela evitação, nossas esferas de ação e nossa inteligência se desintegram” (p. 110). O método, conforme as premissas holísticas e gestálticas, deveria promover a integração de partes da personalidade em conflito, geradoras da evitação, mais do que a dissolução do próprio conflito. Sobre o conflito⁵³ ele diz:

⁵² Essas questões revisitadas serão centrais na teoria do *Gestalt-terapia* (1951/1997), sob o enfoque fenomenológico desenvolvido por Goodman e Perls.

⁵³ A concepção de Reich e de Perls sobre o conflito entre os instintos e o mundo exterior se apoiam no pensamento expresso por Freud (1930/1996) no clássico *Mal-estar na civilização*. Porém, seguindo Reich (1933/1975, p. 303), Perls irá enfatizar o fortalecimento do indivíduo na luta contra as demandas sociais e culturais que exigem a supressão ou controle dos instintos, assim como no entendimento de quais forças políticas, econômicas e sociais atuam nesse controle.

O conflito mais importante que pode levar a uma personalidade integrada ou a uma neurótica é o conflito entre as necessidades sociais e as biológicas do homem (...) com muita frequência o autocontrole exigido socialmente pode ser alcançado apenas à custa da desvitalização e do enfraquecimento das funções de grandes partes da personalidade humana — à custa da criação de neurose coletiva e individual (1942/2002, pp. 105-106).

Perls vai desenvolver uma proposta psicoterápica que recupere essas partes desvitalizadas devido à evitação e resultantes do conflito entre as necessidades sociais e biológicas⁵⁴. Segundo Perls, a agressão é uma das energias mais visadas pelo controle externo social e moral. Portanto, é muito vulnerável ao controle interno por meio da repressão. Dessa forma, Perls contempla o estudo da energia agressiva (agressão como função ou energia) a serviço das funções de autopreservação de alimentação e defesa.

Para essa proposta, Perls (1942/2002) ampliou a regra básica da Psicanálise, incluindo solicitar ao paciente “que se espera que ele comunique tudo o que sente em seu *corpo* (...) tudo o que ele experiencia mental, emocional e *fisicamente*” (p. 122)⁵⁵. Em consonância com sua experiência reichiana, Perls incluiu a atenção ao corpo na narrativa do paciente, como fonte de conhecimento sobre as suas evitações, e a consciência dessas evitações. A proposta terapêutica desloca-se para o presente, para o corpo atual, e para a conscientização das experiências do paciente nas esferas da totalidade da personalidade, a saber, pensamento, sentimento e ação. Essa proposta, segundo Perls, é inspirada no conceito de formação de caráter de Reich, segundo o qual, o caráter é uma alteração crônica do eu: numa reação defensiva contra os perigos exteriores e interiores, essa cronicidade resulta na formação de couraças musculares rígidas, pouco permeáveis, e, portanto, inibidoras da “mobilidade psíquica total” e responsáveis pela diminuição das relações com o mundo exterior (Reich, 1933/1975, p. 159).

⁵⁴ Este tema será ampliado no *Gestalt-terapia* (1951/1997), no capítulo VIII, ‘O anti-social e a agressão’, e no capítulo IX, ‘Conflito e autoconquista’ (pp. 141-174).

⁵⁵ Itálicos do autor.

Quanto ao método, Perls diz que a terapia de concentração foi iniciada por W. Reich e que ele, Perls, estava tentando desenvolvê-la sistematicamente (Perls, 1942/2002, p. 130). O método denominado Terapia de Concentração consistia numa série de exercícios desenvolvida com o propósito de aumentar a *awareness* do momento presente da fronteira organismo/ambiente (Stoehr, 1994). Por isso, o foco é o trabalho do ego e de suas funções como fenômeno de fronteira, conforme redefinido por Perls. As técnicas abrangem as patologias ou distúrbios no variado campo das formas de o homem se relacionar com o meio, com exercícios de recuperação de *awareness* em relação à alimentação, visualização, percepção corporal, distúrbios somáticos, distúrbios do sono, neurastenia, retroflexões, gagueira, entre outros.

Perls não parece negar a vida psíquica, mas a coloca ao lado das outras expressões da personalidade como uma totalidade que, no conjunto, passa a ser seu foco: a mente, a alma e o corpo. Cabe à Gestalt-terapia atualizar seu entendimento das partes que compõem esse todo chamado personalidade humana e integrar o que estiver faltando.

6) Dos conceitos psicanalíticos revisados na obra

Essa obra se fundamenta nos conceitos psicanalíticos de **ego, necessidade, corpo, percepção e consciência**, tais como articulados por Freud. Embora Perls conserve alguns aspectos da forma estrutural com que esses conceitos estão entrelaçados, ele propõe reformulações na conceituação que resultem em uma nova dinâmica em suas funções. A revisão de Perls abrangerá fundamentalmente o aspecto processual do aparelho psíquico.

Para que possamos colocar o pensamento de Perls em perspectiva precisamos recuperar em Freud essas noções⁵⁶, enfatizando que não nos cabe nesta dissertação avaliar o pensamento de Freud nem avaliar se Perls se apropriou dos conceitos de forma

⁵⁶ Em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), no capítulo “O ego como uma função do organismo” (pp. 205-215) a fundamentação de Perls sobre o ego é em comparação, principalmente, ao pensamento freudiano clássico e à teoria do ego em Federn. (Perls, 1942/ 2002).

correta, mas recuperar a origem das elaborações de Perls em 1942, e o propósito que o guiou na escolha dos temas e suas conceituações. Também foge à possibilidade e ao propósito deste trabalho realizar uma comparação entre esses conceitos, na obra freudiana e em Perls. Estamos somente destacando que Perls se apropriou da forma conceitual como Freud pensou a questão das funções de Ego, corpo, percepção e consciência, pela importância que essas noções terão no desenvolvimento da Gestalt-terapia.

Perls incorporou quase que integralmente a teorização que Freud faz da noção do Eu como corpo, “o Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (Freud, 1923/2011, p. 24). Como também agregou a noção do Eu considerado como órgão sensorial do aparelho psíquico, sobre o que Freud diz: “O Eu deriva, em última instância, das sensações corporais, principalmente daquelas oriundas da superfície do corpo” (Freud, 1923/ 2011, p.60).

Perls irá partir dessa ideia da teoria freudiana de que o Ego, como corpo, é o órgão de contato do organismo consigo mesmo e com o mundo, e o que vai se destacar para Perls é a função do Ego como órgão receptivo às sensações externas e internas e, por isso, um órgão de funcionamento das funções perceptivas:

O Eu, como corpo, media psicicamente o sujeito e o seu mundo interno e externo, sendo, portanto, a superfície onde se inscrevem as sensações corporais, aquelas sensações provenientes do interior e do exterior. O eu se acha sob a influência particular da percepção, e que é possível dizer, *grosso modo*, que as percepções têm, para o Eu, a mesma importância que os instintos para o Id (Freud, 1923/2011, p. 16).

Temos, portanto, o Ego corporal como superfície psíquica receptora das sensações corporais que, mediante a consciência, provê o trabalho psíquico: “desde o início consciência são todas as percepções que vêm de fora (percepções sensoriais) e de dentro, às quais chamamos de sensações e sentimentos” (Freud, 1923/2011, p. 17). Por isso, para o trabalho com as funções do Ego, Perls trouxe o corpo e a consciência de suas percepções sensoriais. Freud (1923/2011) descreve assim essa ligação

Eu/consciência: “Formamos a ideia de uma organização coerente dos processos psíquicos na pessoa, e a denominamos o *Eu* da pessoa. A este *Eu* liga-se a consciência” (p. 14).

Essas são raízes do estudo relacionado às teorias da percepção que vão posteriormente passar a guiar o desenvolvimento da Gestalt-terapia, e se tornar o fundamento da teoria do *self*, com as noções de fronteira, contato, fronteira de contato, percepção e consciência.

7) Dos Pares de Opostos (antitéticos) ao Pensamento Diferencial

O pensamento em opostos era familiar a Perls baseado na maioria dos mitos e das filosofias, na explicação do surgimento do universo e na noção de dialética hegeliana, mas incomodava-lhe o aspecto metafísico incluído. Perls (1942/2002) diz: “o pensamento em oposto é a quinta-essência da dialética (...) é uma qualidade essencial de nossa mentalidade e da vida em si mesmo” (p. 48).

Perls encontrou essa ideia representada no pensamento freudiano pelas expressões “pares antitéticos”, “pares de opostos” e “polaridades”. Com essas expressões, Freud referiu-se à ideia de um dualismo fundamental da vida psíquica, designando as grandes oposições básicas. Essa ideia se desdobrará tanto no âmbito da metapsicologia freudiana com os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte quanto no da psicopatologia (sadismo-masochismo, por exemplo), além da clivagem fundamental entre inconsciente e consciente. Laplanche e Pontalis (2001) esclarecem que a noção de par de opostos “inscreve-se naquilo que foi uma constante exigência para o pensamento de Freud: um dualismo fundamental que permitisse, em última análise, traduzir o conflito” (p. 337). Para Freud, a questão da origem da vida permaneceria cosmológica, a da finalidade e propósito da vida seria respondida de forma *dualista*. Jorge (2002) observa que as dualidades que encontramos em Freud põem em jogo categorias que se opõem dialeticamente e cujos termos implicados nessa oposição não existem fora da relação de oposição: “na dualidade, os elementos que a

formam só existem na e pela relação estabelecida” (p. 104). Exatamente como Perls (1942/2002), que declarou que o seu interesse era pelos sistemas formados por dois opostos indissociáveis e que “opostos *dentro do mesmo contexto*⁵⁷ estão mais estreitamente relacionados entre si do que em relação a qualquer outra concepção, isto é, apresentam uma grande afinidade entre si” (p. 48). Como vemos, Perls se referia ao mesmo dualismo dos pares antitéticos teorizados em Freud.

O pensamento em dualidades é uma das mais fundamentais apropriações que Perls incorpora do pensamento freudiano. Em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), Perls identificou na Psicanálise alguns exemplos desse pensamento em opostos, criticando alguns pares de opostos que considerou arbitrariamente concebidos como dualidades. É nessa perspectiva que Perls vai propor o trabalho com as polaridades, com base no estudo das consequências da dicotomização das dualidades como gênese dos conflitos. Mas Perls deu um foco diferente do psicanalítico ao rejeitar o par de opostos fundamental na primeira tópica do pensamento freudiano, consciente e inconsciente, e os pares da segunda tópica, pulsão de vida e pulsão de morte⁵⁸.

Na segunda tópica freudiana, a pulsão de vida passará a agrupar as funções de autoconservação e as funções libidinais. Porém, Perls, em sua teoria, somente se referiu às funções de autoconservação. E por ver problemas de conceituação na noção de libido⁵⁹, Perls a substituiu pela noção de crescimento; formou assim, outro par de

⁵⁷ Itálicos do autor, enfatizando tanto o imbricamento dos polos quanto a unidade do campo a que pertencem; desse modo a teoria de campo vai permeando toda a obra.

⁵⁸ É importante assinalar que, a partir da segunda tópica, 1920, o par antitético que na primeira tópica freudiana era entre autoconservação e pulsão sexual, sofre uma reformulação importante que conduziu a outras formas do entendimento do conflito pulsional. Na segunda tópica freudiana, a oposição passa a ser estabelecida entre pulsão de vida e pulsão de morte.

⁵⁹ Perls (1969/1979) diz: “o ‘inconsciente’ e ‘libido’ são tão reais para os freudianos como ‘arco-reflexo’ e ‘estímulo-resposta’ para os comportamentalistas. Esses termos tornam-se objetos de fé. Duvidar da realidade deles significa blasfêmia” (p.50); ou “libido era e é uma energia hipotética, inventada por Freud para explicar o seu modelo de homem” (p.68). Bocian (2010) lembra que “Perls via a teoria da libido de Freud como uma reintrodução, no final das contas, de um fenômeno místico e, por isso, ele não a aceitava” (p. 125). Conferir em F. Perls, 1969/1979 e L. Perls, 1988. Perls procurou outro conceito menos hipotético que libido e que refletisse a energia da vida. Escolheu para isso a noção de “crescimento”.

opostos entre as funções de autopreservação e crescimento⁶⁰, o que aparecerá mais claramente na obra do *Gestalt-terapia* (1951/1997).

Perls irá fazer uma releitura do tema adotando o Pensamento Diferencial de Friedlaender, com a conceituação teórica necessária para pensar temas que serão caros a ele durante toda sua vida: a dualidade dos processos vitais e o estudo do resgate da expressão vital do espontâneo e do criativo na personalidade, por meio da recuperação das dualidades desses sistemas. Perls, em 1969, na rerepresentação da obra diz que a perspectiva do livro “está baseada em polaridades e em focalização, o primeiro capítulo, embora de leitura difícil, é importante (...) e a ele nada tenho a acrescentar” (1969b/2002, p.36).

Ao adotar a ideia de Friedlaender do pensamento diferencial, Perls pode considerar a dinâmica do dualismo dos sistemas vitais – isto é, como funcionam os sistemas que se expressam em forças polares. Assim, do estrutural para o dinâmico (processual), Perls faz um dos deslocamentos que irão abarcar outros aspectos da teoria da personalidade de forma mais ampla no *Gestalt-terapia* (1951/1997).

Para Perls (1942/2002), Friedlaender descreveu um modo simples de orientação primária, em que afirma que qualquer coisa se diferencia em oposto. Se somos capturados por uma dessas forças opostas, estamos desequilibrados. Se ficamos no *nada* do centro zero, estamos equilibrados e temos perspectiva⁶¹. É o ponto da “indiferença criativa”.

O conceito de pensamento diferencial provê ferramentas para se pensar teoricamente as situações de conflito, nos quais a pessoa fica presa em uma das

⁶⁰ Assinalamos aqui outro motivo de confusão conceitual – pois os autores usam crescimento ou desenvolvimento de forma intercambiáveis, e a noção de crescimento irá se referir tanto a uma das dualidades da polaridade vital estabelecida entre autopreservação e crescimento como também para se referir ao processo como um todo, englobando ambos os polos. Isso aponta temas para futuras pesquisas como, por exemplo, investigar o que a Gestalt-terapia entende por crescimento na atualidade, ou como se estabelece essa dualidade na contemporaneidade.

⁶¹ O pensamento de Friedlaender explicitado por Perls é o de que: “todo evento está relacionado a um ponto-zero, a partir do qual ocorre uma diferenciação em opostos. Esses *opostos* apresentam, em seu *contexto específico*, uma grande afinidade entre si. Permanecendo atentos no centro, podemos adquirir uma habilidade criativa para ver ambos os lados de uma ocorrência e completar uma metade incompleta. Evitando uma perspectiva unilateral, obtemos uma compreensão muito mais profunda da estrutura e da função do organismo” (Perls, 1942/2002, pp.45-46). Itálicos do autor.

polaridades, com evidente empobrecimento da vida afetiva. Além de focar o trabalho clínico no presente, com essa conceituação, Perls introduziu o tema de fluxo vital e suas interrupções que, ampliado, será central na obra seguinte, considerando-se o conceito de fluxo *continuum* de *awareness*. Segundo Perls, utilizando-se a aplicação do pensamento diferencial, as situações de conflito podem emergir de uma forma criativa na própria situação clínica (no presente); assim, torna-se possível a análise das situações de interrupção dos processos de fluxo de *awareness*, devido ao enrijecimento de um dos polos das dualidades⁶².

8) Do trabalho psíquico ao metabolismo mental

Podemos apontar uma semelhança entre a noção de trabalho psíquico encontrado na teoria psicanalítica padrão e o metabolismo mental.

Para essa comparação, podemos entender o trabalho psíquico como o conjunto das operações psíquicas necessárias em situação de conflito em relação aos conteúdos inconscientes, ou seja, ao trabalho de transformação do material intrapsíquico.

Para Perls, haverá um trabalho organísmico, cujos conteúdos serão as percepções e sensações internas e as provenientes da realidade. Desse modo, o trabalho que interessa a Perls, com o suporte da teoria de Goldstein e Smuts, será descrito como trabalho de metabolismo mental, com a assimilação intelectual, mental e social, por parte da personalidade, do material externo e interno, de forma a lidar com o conflito que surge de elemento estranho, diferente ou hostil (Perls, 1942/2002). Esta é a noção de “Metabolismo Mental”, uma ampliação do conceito de trabalho psíquico na teoria freudiana e não uma oposição a ele.

Parte daí também a noção das forças agressivas como predominantes e prioritárias no processo de metabolismo mental. Vemos que, para Perls, metabolismo mental inclui assimilação e rejeição, isto é, o material novo que mediante ação do ego

⁶² Este tema será retomado de maneira mais ampla no capítulo “Conflito e Autoconquista” do *Gestalt-terapia* (1951/1997).

pelos forças agressivas pode se tornar parte do *self* e do seu crescimento, ou ser rejeitado. Essa proposta não invalida a conceituação de introjeção, mas acrescenta-lhe o aspecto saudável de assimilação e rejeição. Começa a se delinear, a partir daí, a noção de autorregulação organísmica baseada nos processos de assimilação e rejeição, base da próxima obra de 1951.

9) Da Sexualidade à Agressão

Nessa obra, Perls toma uma posição contrária a alguns fundamentos básicos da psicanálise da época, e se posiciona em consonância com o grupo de Karen Horney, priorizando as questões do ambiente como geradoras do conflito neurótico, e com Reich que se apoiava em uma concepção da sexualidade biológica mais próxima da sexologia.

Por outro lado, recuperar a origem teórica da escolha de Perls pela primazia do instinto de fome e defesa é importante, porque evidencia que não houve uma rejeição em relação ao instinto sexual, mas sim o estabelecimento de uma hierarquia que irá determinar o foco de seu trabalho teórico e clínico. Com esse deslocamento, Perls determina que o conflito que terá primazia em sua revisão estará entre aqueles decorrentes do instinto biológico da fome e defesa, mediante a função (energia) organísmica da agressão que atua em ambos. Devemos notar que Perls não nega o instinto sexual, apenas o coloca sob a hierarquia de valores da conservação, passando-o para segundo plano.

Vale uma ressalva, em afinidade com o pensamento de Reich, o instinto sexual a que Perls se refere aqui é o biológico, e ele enfatiza essa diferença: “para a análise de outros instintos, principalmente do instinto de fome (...) somente será possível limitando o instinto sexual à sua própria esfera, isto é, ao sexo e nada além de sexo” (1942/2002, pp. 133-134). Perls compara os instintos de autoconservação, o da fome e defesa, como preservação do indivíduo por um lado, e o sexual, como preservação da espécie por outro. Nesse âmbito, a hierarquia de valores de Perls fica bem colocada: a preservação do indivíduo prevalecendo à preservação da espécie.

Isto significa que quando Perls diz que Freud supervalorizou o instinto sexual em detrimento do instinto de fome e agressão acreditamos que ele esteja se referindo ao momento cultural que o mundo estava vivendo. Recém-saído de uma guerra sangrenta, o mundo vivia outra guerra fratricida, o que levaria ao fim de uma era cultural europeia. Perls estava correto ao avaliar que, para as questões clínicas de uma geração entre guerras, as questões de sobrevivência do indivíduo eram cruciais, e hierarquicamente mais importantes que o instinto sexual, do ponto de vista biológico.

Porém, quanto aos outros aspectos considerados, Perls está em concordância com a teoria freudiana da primeira tópica ao enfatizar a dualidade entre a questão biológica da fome e a sexual. A dualidade entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais já fora posta por Freud em 1910. Segundo Laplanche e Pontalis (2001):

Em 1910, Freud enuncia a oposição que permanecerá essencial na sua primeira teoria das pulsões. De muito especial importância [...] é a inegável oposição que existe entre as pulsões que servem a sexualidade, a obtenção do prazer sexual, e as outras que têm por meta a autoconservação do indivíduo, as pulsões do ego' (p. 405).

Nessa primeira tópica, as pulsões do ego são assimiladas às pulsões de autoconservação e contrapostas às pulsões sexuais. Os autores acrescentam que Freud apoiou-se na oposição entre as pulsões que tendem para a conservação do indivíduo e as que servem os fins da espécie. Dessa forma, nessas questões, o que nos parecia uma oposição de Perls a Freud era somente uma incorporação teórica.

Na transposição da teoria de *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002) para o *Gestalt-terapia* (1951/1997), sem menção à sua teoria de origem, criou-se um impasse conceitual para a futura abordagem: diz respeito à diferenciação entre o instintivo e pulsional, desconsiderado teoricamente por Perls. Freud irá trabalhar a questão da sexualidade como pulsional, cujo objeto não é determinado biologicamente, as modalidades de satisfação são variáveis e a pulsão não está unificada desde o início, mas começa fragmentada – o que a faz vulnerável primordialmente ao recalque (Laplanche & Pontalis, 2001). Perls analisou as questões do ponto de vista instintivo,

biologicamente determinado, o que deixou a Gestalt-terapia sem uma conceituação para trabalhar teoricamente as questões além do âmbito biológico predeterminado. Sem o desenvolvimento de uma conceituação correspondente, a teoria da Gestalt-terapia ficou conceitualmente dessexualizada para tratar as questões não-biológicas.

Por outro lado, Perls introduziu em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002) a noção de *necessidade*, apropriando-se dessa noção conforme a teoria freudiana clássica, pois *necessidade* é um conceito muito usado por Freud ao se referir às pulsões de autoconservação, exatamente como Perls et al. (1951/1997) transpõem para o *Gestalt-terapia* (1951/1997). À medida que a teorização sobre a clínica gestáltica evoluiu, obviamente este conceito se revelou insuficiente. Ao tentar substituir a noção de *pulsão* – por julgar hipotética e supersexualizada – por um conceito mais simples e orgânico, portanto fenomênico, como *necessidade*, cremos que Perls ampliou o problema, com a redução dos conceitos das forças que atuam no homem. É óbvio que não somos movidos apenas por necessidades, mesmo que vitais, e, assim, o conceito *necessidade* não abarca as complexas motivações do ser humano⁶³. Talvez, na sua crítica à ênfase ao sexual em Freud, Perls tenha deixado a revisão da teoria sem ferramenta conceitual para o tratamento de questões ligadas a algo mais que o orgânico, tal como o desejo. Pela trajetória de Perls, sabemos que o sexual teve sempre o seu lugar – sua pretensão não era negá-lo, mas recolocá-lo no patamar de outras forças. Porém, ao restringir o âmbito da sua análise, sua teoria não provê um conceito que permita incluir o sexual, entendido no seu sentido idiossincrático e cultural – isto é, o sexual entendido além de uma força biológica instintiva. Ressaltamos que Perls não fez essa redução na sua prática, e, pelo seu *background* filosófico e científico não acreditamos que assim ele considerasse, o que pode ser observado nas descrições dos seus casos clínicos.

Pelas considerações acima, vemos que Perls fez comparações apressadas sobre a teoria da sexualidade na sua revisão à teoria freudiana clássica. Seus argumentos teóricos foram confusos em relação à teoria da primeira tópica, e omissos em relação à

⁶³ No livro *A Abordagem Gestáltica* (Perls, 1973/2012a), Perls irá introduzir o conceito “preferência”, usando-o alternadamente com “necessidade”, ampliando um pouco a abrangência do conceito.

segunda. O que, infelizmente, foi incorporado à Gestalt-terapia.

Além disso, outros conceitos teóricos referentes à sexualidade no enfoque freudiano sofreram persistentes críticas de Perls, em especial a noção de libido. Cremos que vale a pena identificar nesta obra a posição de Perls em relação a esta noção, que continuará ser objeto de críticas ao longo das outras obras. Perls diz:

Finalmente, cheguei a um ponto em que a teoria da libido – apesar de ser uma ajuda valiosa na obtenção de conhecimento sobre as características patológicas do tipo oral, anal, narcisista e melancólico – se tornou mais uma desvantagem do que um auxílio. Então, decidi examinar o organismo sem uma visão libidinal (...) (Perls, 1942/2002, p. 132).

Vemos que para Perls, embora apresente alguns inconvenientes, a noção de libido ainda é importante como ferramenta teórica para o tratamento de alguns temas. Perls, no decorrer de suas obras, eliminou esse conceito, e o tornou um dos pontos críticos da psicanálise freudiana que discute em seus livros de 1969. Do ponto de vista epistemológico, pode ser interessante um estudo que trace a conceituação dessa noção ao longo das obras de Perls até a sua rejeição por completo, como também pesquisar quais alternativas teóricas foram desenvolvidas na Gestalt-terapia para o tratamento das questões que eram relacionadas a ela.

Por isso, outra questão a investigar é como os temas ligados à sexualidade, sua constituição, seus conflitos, questões de gênero, entre outros, encontraram seu espaço no desenvolvimento teórico e prático da Gestalt-terapia, pois, posteriormente, esses aspectos que não foram enfocados teoricamente por Perls acabaram sendo relegados ou negados na história da Gestalt-terapia, como se dela não fossem parte, com prejuízo do entendimento teórico da personalidade como totalidade.

10) Do conceito organísmico

A introdução do conceito “organismo”⁶⁴ se traduz na tentativa de ampliar uma abordagem que inclua o corporal e o mental dentro de um campo e principalmente as ações do organismo no seu meio na busca por manter seu equilíbrio, nomeadas autorregulações organísmicas. Perls, coerente com sua formação de analista corporal reichiano, parte da hipótese goldsteiniana de que “o organismo se esforça pela manutenção de um equilíbrio que é continuamente alterado pelas suas necessidades, e recuperado por sua satisfação ou eliminação” (Perls, 1942/2002, p. 39). Conforme o pensamento de Goldstein revisitado, segundo Perls, um desequilíbrio na relação entre o indivíduo e a sociedade resultará na neurose, “caracterizada por diversas formas de evitação, principalmente a evitação do contato” (p. 39). Essas hipóteses serão as premissas da obra de 1951, desenvolvidas com base no conceito fundamental de autorregulação organísmica do ponto de vista psicológico e neurose como distúrbio de crescimento, em decorrência da evitação dos conflitos.

Perls postulava, a partir da integração das teorias mencionadas, estudar os aspectos do homem autorregulado, melhor dizendo, um homem gestor de si mesmo e, portanto, gestor de suas escolhas. Perls (1942/2002) diz que a criação de novas totalidades, centrais no crescimento, “não é realizada por fusão, mas por esforços mais ou menos violentos” (p. 105). Desse modo, Perls postula que era necessária a ação do ego consonante com as leis de conflito e integração, de forma a criar novas totalidades, por isso, sua revisão do conceito de Ego, no estudo do crescimento da personalidade, como veremos adiante.

Para Perls (1942/2002), “o conflito mais importante que pode levar a uma personalidade integrada ou a uma neurótica é o conflito entre as necessidades sociais e as biológicas do homem” (p. 105). Com a noção de autorregulação organísmica, Perls procurou um conceito que ultrapassasse o racional e não reduzisse o homem à ação do

⁶⁴ O conceito de organismo para se referir ao homem tem sido objeto de críticas, mas os estudos ainda são inconclusivos. Conceitos como personalidade humana, organismo, pessoa, entre outros, ao longo do desenvolvimento da Gestalt-terapia, foram sendo utilizados sem uma devida sistematização.

inconsciente – era uma busca de um homem mais integrado consigo mesmo e com o mundo, e o deslocamento do objeto de estudo para um campo onde atuassem outras forças – “as orgânicas”. Não parecia que naquele momento Perls estivesse negando a noção de inconsciente, mas deslocando o foco para a análise de uma área relacionada à interação homem/meio, por meio de um conceito que incluísse o corporal/biológico. Além disso, Perls entendeu o inconsciente de uma maneira peculiar, que será explicitada na obra de 1951. Perls et al. (1951/1997) disseram:

Na verdade, a nossa ideia do inconsciente, como sendo aquilo que é expulso e inutilizado, é errada. O que não reconhecemos como sendo nós mesmos é exteriorizado de qualquer modo. (...) O que não é vivido aqui, como consciência, é vivido lá, como tensão muscular, emoções incompreensíveis, percepção dos outros e assim por diante. Nada desaparece, mas é deslocado e desarranjado (1951/1997, p. 101).

Foi a teoria da Psicologia da Gestalt que lhe deu a formulação para abordar esses conteúdos deslocados. Perls, em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), começou a articular essa ideia quando disse: “a gestalt oculta é tão forte que deve se manifestar no primeiro plano, em geral na configuração de um sintoma ou outra expressão disfarçada” (p. 269). Dessa forma, Perls identificou nas evitações, expressas no corpo ou na linguagem, a evidência desses sintomas, dessas expressões disfarçadas. Ele afirmou: “consideramos a evitação como a característica principal da neurose” (Perls, 1942/2002, p. 268). Assim, em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), as “evitações” se tornaram o foco clínico, de forma a se trabalhar o conflito neurótico⁶⁵.

⁶⁵ Perls afirma que o tema da *evitação* é inspirado em Reich. Na obra de 1951, a *evitação* aparecerá na teoria sobre resistências, sem os desdobramentos clínicos de rompimento da couraça muscular de Reich, dos quais Perls discordou frontalmente. Entre as críticas à teoria da couraça, Perls analisa que ela em si é uma forma paranoide e tende a desenvolver sintomas paranoides nos pacientes; outra objeção é que esses rompimentos da couraça “externalizam, desapropriam, e projetam material que poderia ser assimilado tornando-se parte do *self*” (Perls, 1969/1979, p. 67).

II) Do ego insubstancial

Embora com conceituações diferentes da Psicologia do Ego de Hartmann, Perls⁶⁶ seguiu uma trajetória teórica muito afim com os movimentos psicanalíticos pós-freudiano, em relação às ideias da autonomia relativa do eu, de sua capacidade adaptativa para assegurar o equilíbrio necessário ao desenvolvimento humano, e a posterior diferenciação entre o eu (ego) e o si mesmo (*self*).

Porém, Perls reformulou a noção de ego em relação à psicanálise freudiana e pós-freudiana para que pudesse integrá-la à nova proposta organísmica. Nesse sentido, percebemos a influência da teoria desenvolvida por Karen Horney (1950/1966) e Reich (1933/1975), na ênfase das forças ambientais adversas na gênese da neurose, e o trabalho do ego ao lidar com estas forças. Para Horney, “o ego não é encarado como um órgão que apenas obedece aos impulsos instintivos, ou os reprime” (p.13). Horney (1950/1966) definia que as “neuroses são, pois, uma peculiar espécie de luta pela vida em circunstâncias difíceis. A sua essência realmente peculiar consiste em perturbações nas relações do indivíduo consigo próprio e com os outros, e nos conflitos que nascem daí” (p. 14). Vemos, que em consonância com esse pensamento, Perls quer se referir aos aspectos da personalidade que atuam no meio⁶⁷, por isso, ele precisará falar das funções estruturais e processuais da personalidade em interação com a realidade, nomeado por ele como função de Ego.

Partindo do Ego freudiano, Perls irá considerar o Ego como insubstancial, correspondendo a uma função do organismo no meio, como no exemplo de que a respiração tem relação com uma função dos pulmões na troca de gases do organismo,

⁶⁶ É provável que Perls e Hartmann tenham se encontrado na Europa, pois participaram de atividades no mesmo meio psicanalítico entre os anos 20 e 30: em Berlim, Hartmann se familiarizou com o pensamento de Kurt Lewin e Max Weber e fez análise didática no BPI, Instituto de Psicanálise de Berlim; em Viena, integrou-se ao Instituto de Psicanálise de Viena. Além disso, Hartmann foi aluno de Julius Wagner-Jauregg, com quem Perls trabalhou. (Roudinesco & Plon, 1998).

⁶⁷ A noção de saúde que começa a tomar forma nessa obra, e se consolidará também na obra de 1951, será a de “um fluxo contínuo”, isto é, a possibilidade de trocas contínuas do homem com o meio, e a doença como interrupções nesse fluxo. Outro aspecto afim entre o pensamento de Perls e Horney se refere às consequências desse enfoque em relação à terapêutica psicanalítica. Horney (1966) propõe uma ampliação dos propósitos da análise, a saber, “devolver o indivíduo a si próprio, ajudá-lo a recuperar a sua espontaneidade e a encontrar em si mesmo o seu centro de gravidade” (p. 14).

mas não é uma parte dele. Em Perls, o ego insubstancial não é a instância psíquica do ego da psicanálise⁶⁸, e com isso Perls vai se afastar da noção de aparelho psíquico, principalmente de ego do ponto de vista tópico, mas sua noção de ego insubstancial é próxima da descrição do ego do ponto de vista dinâmico, na sua função mediadora.

Desse modo, diferente dos partidários americanos da psicologia do ego pós-freudianos, Perls propõe a noção de que o ego é uma função – é o próprio fenômeno de fronteira, a *awareness* do *self* – afastando-se da concepção de ego como uma faculdade imanente e reguladora, como na Psicologia do Ego de Hartmann.

Perls precisou reformular a noção de ego freudiano porque da forma como conceituado não poderia atender às novas conceituações de ego fundamentadas no processo de autorregulação orgânica de Goldstein, em especial, sua atividade espontânea e criadora. A capacidade de autorregulação orgânica, por se referir à ação do organismo no meio com o fim de manter o equilíbrio, expressaria o processo de construção de uma identidade e, “nesse sentido, ela seria, antes a formação de um ego do que uma parte dele” (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto 2007b, p. 55). Esses conceitos assim relacionados trouxeram a novidade de se reconhecer na capacidade autorreguladora uma espontaneidade criativa ou, conforme esclarecem os autores, uma “intenção orgânica ou *awareness*, denominada de ‘ego insubstancial’ (...) O que faz do ego menos um habitante do organismo e mais uma função da experiência, uma função do campo organismo/meio” (2007b, p. 56).

Esse enfoque de ego insubstancial como função da autorregulação orgânica desloca também a noção de neurose⁶⁹, conforme entendia a psicanálise, pois o importante não será a ação de censura estabelecida pelo ego, mas o foco estará no

⁶⁸ Nas palavras de Laplanche e Pontalis (2001), Ego: instância do aparelho psíquico que na segunda teoria do aparelho psíquico (1920), distingue-se do id e do superego. Reagrupa também as funções e processos conscientes, pré-conscientes e inconscientes (o ego é em grande parte inconsciente). Representa, no conflito neurótico, o polo defensivo da personalidade; põe em jogo uma série de mecanismos de defesa motivados pela percepção de um afeto desagradável – sinal de angústia (pp.124-138).

⁶⁹ Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a preocupação de Freud ao introduzir o termo neurose era pôr em evidência o mecanismo psicogênico em toda uma série de afecções, “Neurose: afecção psicogênica em que os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromissos entre o desejo e a defesa” (p. 296).

comprometimento da função de ego, isto é, a impossibilidade ou as dificuldades para as ações de orientação do ego no meio, nomeadas por Perls, como ações de unificação ou destruição.

Perls quer resgatar o potencial criativo da personalidade humana que, na sua teoria, significará resgatar a “indiferença criativa” (Friedlaender), isto é, resgatar a possibilidade do homem de estar em um estado potencialmente criativo em que as forças espontâneas possam agir, de uma forma integrada, além do consciente e do inconsciente, em suas ações saudáveis de unificação ou destruição, assimilação ou rejeição. Assim, a nova técnica de inspiração gestáltica será um trabalho de resgate da função criadora do ego que tivera suas funções comprometidas⁷⁰ pelo conflito.

Resultado dessa proposta teórica de ego insubstancial foi a possibilidade de integração das polaridades por meio de uma metodologia que envolvesse a conscientização das sensações e percepções corporais, o que Perls traduzirá na proposta da terapia de concentração. Com essas conceituações, Perls pretendia superar o que ele considerava dicotômico na primeira e na segunda tópica freudiana.

O conceito de ego insubstancial não aparece explícito como tal nas outras obras de Perls, mas o tema irá ser reformulado por meio da teoria das funções do ego e a teoria do *self*, conforme aparece de forma central no *Gestalt-terapia* (1951/1997).

12) Do todo e suas partes e a noção de gestalt

Outro conceito fundamental aproveitado por Perls é a noção de que “o conceito de todo não pode ser entendido como um princípio geral ou como uma tendência, mas como um tipo de estrutura, um esquema ou um enquadre que, entretanto, só pode ser completado com circunstâncias concretas da experiência presente. Um todo é a síntese de uma estrutura de partes” (Smuts, 1926/1996, p. 118)⁷¹. Por esse entendimento, a

⁷⁰ A teoria aponta para a necessidade dos novos conceitos que serão desenvolvidos com mais clareza em 1951, *awareness* e fluxo de *awareness* – que, segundo Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007b), “precisará do olhar fenomenológico de Paul Goodman para se firmar como uma prática psicoterapêutica (ou analítica) exercida em nome próprio” (p.56).

⁷¹ Tradução livre.

realidade forma uma unidade orgânica entre o todo e suas partes, numa relação dinâmica entre as partes, e qualquer distúrbio em uma dessas partes pode afetar o todo, o que geraria um esforço cooperativo entre todas as partes, de modo a reajustar as suas funções, visando restabelecer o equilíbrio do organismo, preservando o todo. Vemos que esse foi um dos pilares para a teoria clínica dos sintomas, baseado na teoria do ajustamento organísmico. Ele aparece nessa obra de Perls, mas, como as outras noções, só terá melhor elaboração no livro de 1951.

A questão temporal incluída nessa concepção tem sido bem estudada na Gestalt-terapia. Mas, na busca do entendimento do processual, a Gestalt-terapia relegou a abordagem estrutural que, em Goldstein, na *Psicologia da Gestalt* e no *Holism and Evolution* (Smuts, 1926/1996), funcionam dinamicamente: forma e estrutura funcionando na totalidade de forma cooperativa *em e entre* as partes. A Gestalt-terapia, na busca pelo todo, tem negligenciado o estudo das partes, que por sua vez têm forma e estrutura. Além disso, o todo é estrutural e dinâmico e, na Gestalt-terapia, recebeu uma reformulação tanto de tendência (uma espécie de lei de funcionamento), como de aspecto processual desse funcionamento — um campo para futuras pesquisas, de forma a superar essa dicotomia que se criou nos estudos teóricos da abordagem.

Temos uma hipótese do que foi gerado na Gestalt-terapia, na busca de se distanciar da Psicanálise: no entendimento de que Psicanálise estuda as estruturas psíquicas, esse não poderia ser objeto de estudo da Gestalt-terapia — na crítica generalizada à Psicanálise, criou-se uma ruptura teórica dicotomizante. Alerta nesse sentido foi dado por Carvalho (2004), a respeito da necessidade da inclusão da simultaneidade processual e estruturante na constituição do *self*, de forma a dar à Gestalt-terapia condições teóricas de elaboração das funções diferenciadas do *self* no âmbito de uma estrutura processual e de um processo estruturante articulado, no modo de ser e estar, singular do indivíduo no mundo.

Essas considerações poderiam superar principalmente a dualidade corpo-mente, com o conceito da personalidade como uma totalidade: “Personalidade é a totalidade

suprema e final” (Smuts, 1926/1996, p. 261)⁷². Para Smuts (1926/1996), a “Personalidade” inclui ambos, “Mente e Corpo”, numa relação estrutural, mantendo cada uma delas sua própria configuração e especificidade. Aqui também se localiza o germe da direção interrelacional na futura Gestalt-terapia: é na dualidade da função mental que a personalidade se desenvolverá (evoluirá). A função da personalidade de conectar o homem a si e ao mundo se dará não somente pela mente consciente, mas, evolutivamente, será necessária a interrelação corpo-mente para que esta função se desenvolva plenamente. Essa interrelação terá como uma de suas características a codependência. Segundo Lima (2008), em Smuts, “a personalidade humana surge a partir da interação mútua entre mente e corpo como a mais elevada estrutura na evolução holística, sendo a mente consciente o seu constituinte mais importante, sem a qual não há a formação desse todo” (p. 4). Este será um dos pilares do pensamento da Gestalt-terapia, desenvolvido após essa obra.

Os experimentos da Psicologia da Gestalt que resultaram na elaboração dos princípios da percepção deram a Perls a noção de que o processo de formação figura-fundo é um processo com características estéticas e criativas. Perls adotará essas características como princípios de um funcionamento saudável, aplicando-as à personalidade, isto é, uma personalidade saudável funcionará de forma criativa, espontânea e estética.

Perls ampara-se nos conceitos teóricos e filosóficos para desenvolver a noção de crescimento mediante o desenvolvimento de uma personalidade, pelo processo de *awareness*. Com isso, Perls procura superar o que considera um ponto de vista histórico-arqueológico da psicanálise. Perls não irá se interessar por “arqueologia” da mente, mas pelo processo de crescimento pessoal – adotando aí as premissas da estrutura de personalidade com funções processuais estéticas e dinâmicas, gerando crescimento (evolução) pela autoconsciência (*awareness*) — estrutura e forma inerentes ao ser humano, por meio do processo dinâmico e espontâneo, numa organização

⁷² Tradução livre.

autônoma. Estão plantadas dessa forma as sementes do próximo passo de Perls.

13) A integração dos conceitos

Os conceitos introduzidos nessa obra: campo, ponto-zero, espontaneidade, autonomia/maturidade e autorregulação irão permitir a criação de uma teoria que explique o funcionamento da autorregulação organísmica (tema que será ampliado e base conceitual da obra em 1951) numa estrutura da personalidade, pensados a partir da ação da função do ego – a parte estrutural e funcional da personalidade que age na realidade, mediante suas funções de orientação, a saber, assimilação ou destruição.

Assim, Perls consegue descrever o processo de autorregulação organísmica e explicá-lo conceitualmente utilizando as noções de formação de um campo pleno de interesses e um potencial criativo: a ‘indiferença criativa’ é o fundamento dinâmico do processo de autorregulação que caracteriza o campo organismo-meio” (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007b). Esse conceito de autorregulação organísmica tem por base um ciclo natural de mudança contínua, “e o projeto de homem que subjaz a esse conceito é um homem aberto às mudanças que ocorrem e não à de construir mudanças previamente determinadas de um estado para outro” (Lima, 2005, p. 44). Isso vai dar a Perls ferramentas para pensar um homem em movimento e permitir deslocar a ação terapêutica dos conflitos pulsionais. Começam aqui as bases para o que virá a ser conhecido em Gestalt-terapia, como *a teoria paradoxal da mudança*, de Arnold Beisser (1980), que propõe que: “a mudança não ocorre através de uma tentativa coercitiva por parte do indivíduo ou de uma outra pessoa para mudá-lo, mas acontece se dedicarmos tempo e esforço a ser o que somos – a estarmos plenamente investidos em nossas posições correntes” (p.110).

Vemos aqui a reintrodução de alguns temas imbricados do expressionismo e romantismo alemão: individualidade, espontaneidade, criatividade, escolhas, liberdade, maturidade. É a tentativa de Perls de aproximar o trabalho analítico dos conceitos filosóficos e artísticos com que convivera na Europa até 1934. Entremeadado ao longo

dessa obra, terão destaques na obra seguinte, transformando-se em objeto de estudo e meta da psicoterapia a partir de 1951. Perls recuperou, assim, temas que eram caros a ele (e à sua geração), e que não considerava suficientemente elaborados pelas ciências humanas: liberdade, escolhas, dualidade da vida, criatividade, espontaneidade, processo, estética. Perls vislumbrou a possibilidade de levar para a clínica sua experiência intelectual teórica e acadêmica, além de suas experiências culturais europeias vividas no mundo artístico e filosófico de vanguarda.

Assim, o livro é valioso porque contém de forma embrionária o que será desenvolvido mais tarde, com a cooperação imprescindível de Paul Goodman, na obra de 1951. Porém, escrito apressadamente, *Ego, Fome e Agressão* é carente de elaborações, traz imprecisões e interpretações datadas em um tempo. Aponta, porém, para uma amplitude, que pretendeu dar ao trabalho clínico. Principalmente, deu a Perls a esperança de uma reformulação que resgatasse valores fundamentais de vida.

Aqui vemos que Perls consegue articular conceitos de Smuts, Goldstein e Friedlaender e retomar os ideais da geração expressionista sob influência da filosofia de Nietzsche, e Gustav Landauer, numa aplicação clínica. Na formulação desses conceitos, Perls encontrou um modo de expressar os conceitos fundamentais de sua geração: o homem como um guerreiro na busca de um espírito livre mediante processo de retomar a posse de si mesmo; da espontaneidade criativa; e com crítica e abandono da hipocrisia dos valores burgueses.

Perls quis elaborar uma teoria e prática de forma a resgatar o potencial criativo da personalidade humana, que, na sua teoria, significaria resgatar a “indiferença criativa”, isto é, resgatar a possibilidade do homem de estar em um estado potencialmente criativo em que as forças espontâneas de cada um pudessem agir de uma forma integrada. Por isso, a nova técnica, de inspiração gestáltica, era um trabalho de resgate da função criadora do ego. “E eis que se lançam as bases para o futuro surgimento da Gestalt-terapia, que ainda precisará do olhar fenomenológico de Paul Goodman para se firmar como uma prática psicoterapêutica (ou analítica) exercida em nome próprio”. (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007b, p.56).

Perls diz:

A nova técnica desenvolvida neste livro é teoricamente simples, sua meta é recuperar a sensação de nós mesmos (...) não é um procedimento intelectual, embora não possamos ignorar totalmente o intelecto. (...) nosso objetivo é despertar o organismo para uma vida mais completa (Perls, 1942/ 2002, p. 263).

2.4. A transição se acentua: em direção à Gestalt-terapia

Nesse período que definimos como a transição da Psicanálise para a Gestalt-terapia, Perls continuou a rever a teoria e a prática da psicanálise e passou a incorporar outros conhecimentos, mas ainda sem definir uma posição completa de ruptura, de forma mais intensa a partir da sua chegada a Nova Iorque.

Os artigos *Planned Psychotherapy* (1947/2012c) e *Theory and Technique of Personality Integration* (1948/2012d), publicados entre *Ego, Fome e Agressão* (1942/2012) e o *Gestalt-terapia* (1951/1997), podem nos dar ideia da evolução do pensamento de Perls em direção à Gestalt-terapia.

Entre 1947 ou 1948⁷³, Perls se apresentou no *Alanson White Institute* e proferiu uma palestra intitulada *Planned Psychotherapy*⁷⁴. Nessa apresentação, Perls fez uma relação da teoria da Psicanálise com os conceitos da Psicologia da Gestalt, e comentários favoráveis ao que ele chama de “psicanálise neofreudiana”, defendida pelos membros daquele instituto, considerando-a muito próxima do seu pensamento. Perls disse que o encontro com os membros daquele grupo o fez sentir como há muito tempo não acontecia:

(...) um milagre aconteceu comigo. Meses atrás eu me encontrei com alguns membros deste grupo, e fiquei profundamente comovido como poucas vezes

⁷³ Há uma imprecisão quanto ao ano em que esta palestra aconteceu, entre 1947 e 1948 (Perls, 2012c).

⁷⁴ Apesar de Perls não se filiar ao grupo, a relação entre eles permaneceu importante. Segundo depoimento de Laura Perls, o Instituto ofereceu trabalho a Perls como terapeuta didata, porém, exigiram que ele reconhecesse, nos Estados Unidos, seu diploma de médico. Fritz já tinha mais de 50 anos, e não aceitou. Continuaram lhe indicando pacientes, assim como ao futuro Instituto de Gestalt de Nova Iorque (citado em Gaines, 1989, p. 43; F. Perls, 1969/1979, p. 305). Parece que esse impedimento legal de exercer a medicina foi a razão de Perls encerrar, nos Estados Unidos, sua carreira como neurologista.

acontecera na minha vida. Depois de tudo, havia pessoas neste planeta que viam o mundo como eu o via, que falavam uma linguagem similar à minha. Foi como um sonho, muito bom para ser verdade. Eu me senti um marinheiro que sabe que está no rumo certo, mas se torna temeroso de que nunca mais iria ver terra firme, e, de repente, inesperadamente, lá estava ela (Perls, 1947/2012c, p. 39)⁷⁵.

Essas afinidades iniciais existentes entre o pensamento de Perls e os grupos psicanalíticos revisionistas parecem ser a raiz de afinidades que ainda hoje podemos encontrar com diversos pensamentos psicanalíticos. Hycner & Jacobs (1997) parecem ir nessa direção ao considerar que existem semelhanças marcantes e ideias interrelacionadas entre a teoria psicanalítica da intersubjetividade (Atwood e Stolorow) e a Gestalt-terapia. Bocian (2010) correlaciona as afinidades entre a Gestalt-terapia e os grupos psicanalíticos da intersubjetividade no tocante ao aspecto dialógico, apontando raízes comuns na hermenêutica, existencialismo e fenomenologia: “Por isso, várias coincidências na teoria e na prática podem ser identificadas entre a Gestalt-terapia e a abordagem dos psicanalistas de orientação intersubjetiva-contextualista, em torno de *Stolorow, Atwood, Orange, Brandchaft, etc.*” (p. 169)⁷⁶.

***Planned Psychotherapy* – uma terapia de integração**

Na sua palestra *Planned Psychotherapy*, Perls (1947/2012c) propõe uma terapia de integração, entendendo que integração será o conceito-base de sua proposta, o reconhecimento de que as contradições dividiram o homem em dualidades que necessitariam ser integradas. Vemos aqui a continuação da influência do pensamento do Holismo, Lewin, Goldstein e Psicologia da Gestalt:

⁷⁵ Tradução livre.

⁷⁶ Bocian (2010) remonta à relação de alguns psicanalistas com a Psicologia da Gestalt como a raiz dessa proximidade de pensamento entre as duas correntes. Segundo o autor, como a psicanálise freudiana tinha poucos estudos sobre a teoria da percepção e consciência, e sobre a influência do meio, muitos psicanalistas procuraram estabelecer uma ponte entre a psicanálise e os achados da Psicologia da Gestalt e Teoria de Campo. O autor menciona trabalhos nessa direção de Alfred Adler, Imre Hermann, pupilo de Ferenczi, George Gerö, Siegrified Bernfeld.

Nós sofremos mais do que em qualquer outra época de dúvidas e contradições, do dualismo entre mente e corpo, espírito e matéria, teísmo e materialismo, e, até mesmo, corpo e psique, (...) como se essas coisas existissem. Nós ainda não aprendemos a encarar tais dualismos como dualidades, ao invés de contradições (Perls, 1947/2012c, p. 16)⁷⁷.

Sobre suas considerações sobre a neurose, nesse artigo, Perls introduziu a noção de divisão de personalidade, e começa a falar da necessidade do trabalho de integração, que virá a tomar uma forma na próxima obra de 1951, como veremos adiante:

Podemos entender que o neurótico (nos quais eu me incluo) é uma pessoa com divisão e dissociação de personalidade e uma cura efetiva será pela reintegração da personalidade e de suas relações interpessoais. (...) A neurose é uma tentativa não-biológica de resolver problemas sociais do homem. (1947/2012c, p.36)⁷⁸.

De forma evidente, Perls faz sua relação com o pensamento de Karen Horney, no entendimento de que a neurose é uma dificuldade de adaptação em situações adversas crônicas⁷⁹.

Perls estabeleceu uma relação entre seu pensamento e a Psicologia da Gestalt, mas não se referiu ainda a uma Gestalt-terapia. Ele incorporou as noções de formação de gestalt, processo figura-fundo, holismo, identificação e alienação, funcionamento do organismo como um todo.

Perls (1947/2012c) ainda mencionou as dificuldades para se alcançar “integração”, para si mesmo e para os outros, devido às dificuldades linguísticas (discrepância entre a fala e o pensamento), numa relação com o pensamento da Semântica Geral de Korzybski; dificuldades filosóficas (diferença entre os diferentes conceitos de integração); e sociológicas (como interromper um círculo vicioso imposto culturalmente).

Perls (1947/2012c) assumiu algumas convicções que irão se tornar premissas de

⁷⁷ Tradução livre.

⁷⁸ Tradução livre.

⁷⁹ Estas questões irão ser abordadas no *Gestalt-terapia* (1951/1997).

seus trabalhos posteriores, tais como o conceito de se considerar que o organismo funciona como um todo e portanto num método “da totalidade”; numa teoria que assume que as funções humanas básicas são a orientação e a manipulação e, portanto, que qualquer interferência nesse ciclo biológico instintivo irá manter as dissociações específicas, diminuindo a *awareness* ou perturbando o livre uso de sistema motor.

Como vemos, Perls amplia as ideias expressas em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), no que se refere às funções humanas básicas — das funções de autopreservação às funções organísmicas, ainda do ponto de vista biológico-instintivo. As noções de funções de orientação e manipulação serão desenvolvidas amplamente no *Gestalt-terapia* (1951/1997), inclusive serão centrais na proposta psicoterápica.

Aos exercícios de conscientização (derivados dos exercícios de *awareness* propostos em *Ego, Fome e Agressão*), Perls acrescentou os exercícios de integração, procurando ir além da conscientização de como se está no aqui-e-agora. Perls viu necessidade da integração destas descobertas feitas pelos exercícios de conscientização (*awareness*) à personalidade como um todo. Assim, Perls (1947/2012c) coloca:

Eu dou exercícios de integração aos meus pacientes de acordo com a natureza e severidade de suas dissociações. Eu sei muito bem que eles não podem fazer estes exercícios de uma maneira eficiente. À medida que prosseguimos, nós analisamos as dificuldades ou resistências, passo a passo (p. 25)⁸⁰.

Theory and Technique of Personality Integration

Este artigo⁸¹ de Perls (1948/2012d) mostra a evolução de alguns conceitos, que foram agregados de forma assistemática. *Theory and Technique of Personality Integration* traz mais algumas informações sobre a passagem teórica gradual de Perls da Psicanálise em direção à Gestalt-terapia

⁸⁰ Tradução livre, itálico do autor.

⁸¹ Publicado originalmente no *American Journal of Psychotherapy* (1948), foi o primeiro artigo de Perls publicado num periódico profissional nos Estados Unidos.

Perls volta a fazer referência à Psicologia da Gestalt e aos terapeutas corporais Wilhelm Reich, F.M. Alexander e Elsa Gindler. Também o tema da “integração” da palestra *Planned Psychotherapy* (1947/2012c) volta a ser central, pois Perls propõe nesse artigo a busca por ferramentas adequadas que promovam a reintegração dos aspectos dualísticos referentes à personalidade humana e continua a proposta anterior de elaborar uma abordagem baseada na recuperação e integração das dicotomias, assim descrita por Perls (1948/2012d):

A dicotomia da personalidade humana⁸² pode ser abordada por três ângulos: do ponto de vista da estrutura dualística da *personalidade*, do *comportamento* dualístico, e da linguagem dualística. O homem pode recuperar seu valor de sobrevivência se estes dualismos puderem ser reintegrados (p. 43)⁸³.

Perls pretendia trabalhar os conflitos que emergem dos exercícios de aumento de *awareness*, resgatando uma polaridade que considera fundamental, identificação-alienação, de forma a recuperar sua integridade criativa:

Os conflitos têm somente um padrão: a identificação-alienação. Isto significa que o paciente se identifica com muitas das suas ideias, emoções e ações, mas ele diz violentamente “Não!” a outras. Integração exige identificação com todas as funções vitais. Cada tentativa de integração corre o risco de trazer ao primeiro plano algum tipo de resistência, e é esta resistência que me interessa e não o conteúdo do “inconsciente”. Cada ponto de re-sistência (re-sistance) que se transforma em auxílio da personalidade (personality assistance) é um ganho duplo porque deixa livre o preso e o prisioneiro (Perls, 1948/2012d, p. 53)⁸⁴.

Assim, mais do que em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), Perls começa a se referir a algo mais geral e menos específico do que Ego Insubstancial – a personalidade humana. Com esta mudança, Perls começa a fazer a passagem de uma teoria do

⁸² O tema da reintegração das dicotomias da personalidade humana irá acompanhar toda a trajetória teórica de Perls, e aparece plenamente no *Gestalt-terapia* (1951/1997) como meta psicoterápica.

⁸³ Tradução livre.

⁸⁴ Tradução livre.

psíquico, como é na teoria freudiana, para uma teoria da personalidade, como irá aparecer no *Gestalt-terapia* (1951/1997). Ao mesmo tempo, demonstra sua preocupação em um trabalho terapêutico que devolva ao homem seu “valor de sobrevivência”, uma vez que a reintegração das partes divididas permitiria que o homem voltasse a recuperar a capacidade de crescer⁸⁵. Perls se pergunta: “Como podemos conseguir a transição de uma personalidade dividida para uma personalidade unificada, de uma linguagem dualística para uma linguagem unitária, de uma filosofia antitética para uma filosofia verdadeiramente compreensiva?” (Perls, 1948/2012d, p. 46)⁸⁶. Questões que serão abordadas na próxima obra de 1951.

⁸⁵ A preocupação com o resgate do trânsito entre as polaridades como forma de crescimento começa a aparecer neste artigo, e virá a aparecer plenamente no *Gestalt-terapia* (1951/1997).

⁸⁶ Tradução livre.

3 – Novo paradigma: proposta de criação da Gestalt-terapia

Sobre as suas pretensões com a Gestalt-terapia, Perls não era modesto. Em uma de suas últimas publicações, reconhece que estava se tornando uma figura pública e diz que ele havia se tornado o “possível criador de um “novo” método de tratamento e expoente de uma filosofia viável que poderia fazer algo pela humanidade” (1969/1979, p. 13).

O movimento de revisão de Perls relatado no capítulo anterior prosseguiu culminando com sua ruptura com a psicanálise, consolidada em 1951 com a segunda obra de Perls escrita conjuntamente com Paul Goodman e R. Hefferline: *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality* (Perls et al., 1951/1994)⁸⁷. Poderemos, a partir daí, falar de um Perls da Gestalt-terapia, escolhendo esta obra como representante desse período e como fundante da Gestalt-terapia.

3.1. Histórico do livro

Perls, recém-chegado aos Estados Unidos, procura Paul Goodman⁸⁸ para transformar em livro o manuscrito com cerca de 100 páginas que ele havia escrito na África do Sul. Inicialmente, Goodman só seria o editor de Perls, colocando o manuscrito em forma de publicação, como um *ghostwriting*, tendo em vista a dificuldade de Perls em escrever, principalmente em inglês. Stoehr acrescenta que, além disso, Perls se aborrecia com tarefas que exigissem perseverança e disciplina (1994, p. 81). No Prefácio, Perls, Hefferline e Goodman informam que o material do manuscrito foi desenvolvido e elaborado por Paul Goodman e a aplicação prática foi desenvolvida

⁸⁷ Publicado no Brasil com o título *Gestalt-terapia* (1997), tradução de F. R. Ribeiro e revisão técnica de W. Ribeiro. Infelizmente o subtítulo não acompanhou a edição brasileira. Tradução livre do título completo da obra conforme aparece na edição em inglês (1951/1994): *Gestalt-terapia: excitação e crescimento na personalidade humana*. Iremos nos referir à obra como *Gestalt-terapia* (1951/1997).

⁸⁸ O nome de Goodman foi uma indicação de Laura Perls, que havia lido um artigo dele a respeito de Reich, na revista *Politics*, de Dwight McDonald, quando o casal ainda vivia África do Sul.

por Ralph Hefferline⁸⁹, professor universitário de psicologia experimental. Eles se referem à estrutura do livro, apresentado em dois volumes, um teórico e outro com aplicações práticas. No desenvolvimento do livro, a participação de Goodman e Hefferline se revelou fundamental para a elaboração das propostas do livro, tornando-os coautores. Desse modo, no Prefácio, os autores informam que o livro é o resultado do “empenho cooperativo dos três autores” (Perls et al., 1951/1997, p. 3).

Das edições:

A primeira edição desse clássico, *Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*, foi realizada pela Julian Press, em 1951. Pouco depois, a Dell Publishing publicou uma reprodução da edição original. Em 1971, houve outra edição pela Bantam Press. O livro permaneceu esgotado por mais de uma década; em parte, devido ao desinteresse da comunidade gestáltica por uma obra teórica considerada de difícil compreensão, e em parte pelo descrédito que o próprio Perls passou a demonstrar pela obra⁹⁰. Na esteira do movimento de resgate da teoria da Gestalt-terapia e suas origens teóricas e filosóficas, o *The Gestalt Journal Press* publicou uma nova edição em 1994. Miller e From (1994) justificam a reedição do livro como uma “ressurreição”, o que dá uma ideia da importância dessa iniciativa: “Talvez a razão mais importante para a ressurreição deste livro e a insistência para que seja amplamente lido é que poderá ajudar a prover muito do que é preciso para reabilitar os fundamentos profundamente perturbados da psicoterapia” (p. 26).

⁸⁹ Ralph Franklin Hefferline foi professor de psicologia e pesquisador de análise comportamental skinneriana, na Columbia University; consta que foi cliente de Perls por volta de 1946 (Stoehr, 1994, p. 84). Apesar da coautoria no livro de lançamento da Gestalt-terapia, L. Perls (1992) diz que Ralph Hefferline não integrou o *staff* do Instituto de Nova Iorque, pois “naquele tempo uma associação muito próxima conosco provavelmente atrapalharia sua carreira acadêmica”. Segundo L. Perls (1992), Hefferline deu algumas palestras como convidado, e sempre permaneceu em contato com o Instituto, indicando pacientes e estudantes (p. 27).

⁹⁰ Surpreendeu-nos a iniciativa de Perls de reeditar o livro em 1969, pois Perls parecia rejeitar o livro publicamente. Pessoas próximas a ele, como Jim Simkin, um dos seus mais fiéis colaboradores, desaconselhava enfaticamente seu estudo: “tentei em várias ocasiões ler o volume dois [vol. I, teórico] do *Gestalt Therapy* – mas sem êxito. (...) Uma boa parte desse material tem, para mim, no máximo, uma relação tangencial com a Gestalt-terapia. (...) Não o recomendo absolutamente aos estudantes que tentam aprender Gestalt-terapia e compartilho com eles minhas próprias dificuldades com este volume” (Citado em Ginger & Ginger, 1995, p. 126).

Nesta edição de 1994, os dois volumes que compõem a obra apareceram na ordem do manuscrito original, isto é, o Volume I, o teórico, e o Volume II, a parte prática. Na edição de lançamento do livro, essa ordem havia sido invertida a fim de posicionarem os exercícios anteriores à teoria, uma forma de acompanhar a moda em voga dos livros de autoajuda e de “faça você mesmo”. A edição de 1994 também teve o cuidado de incluir a introdução que Perls escreveu em 1969, para a edição de 1971 da Bantam Book. Especialmente para essa edição de 1994, há uma nova introdução escrita com a colaboração de Michael Vincent Miller e Isadore From, cujo texto se tornou clássico nos estudos da obra.

3.2. Estrutura da obra

A publicação do livro em dois volumes⁹¹, com três autores de distintas orientações, resultou, segundo Miller e From (1994), em uma obra de difícil leitura: “foi uma mistura esquisita, consistindo em dois volumes dissemelhantes publicados num único tomo, um formato que deu ao livro uma personalidade dividida. Essa idiosincrasia não foi acidental, já que havia verdadeiros conflitos subjacentes à duplicidade peculiar do livro” (p. 17). O fato é que cada um dos autores irá tomar caminhos diferentes a partir dessa obra.

O Volume I é dedicado ao trabalho teórico e, segundo Miller e From (1994), “escrito numa prosa descompromissadamente difícil, expunha uma visão altamente original da natureza humana. Reinterpretava também a origem dos distúrbios neuróticos a partir de uma perspectiva nova que levava em maior consideração o papel de forças sociais e ambientais” (p. 18). Segundo Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a), graças à parceria entre Perls e Goodman, o pensamento sobre a psicoterapia foi inovado ao elaborar a caracterização do organismo como uma forma de subjetividade dentro de um referencial temporal.

⁹¹ A edição brasileira de 1997 só traz a parte teórica, o volume I da edição americana de 1994.

Os autores são unânimes ao considerar o papel de Paul Goodman⁹² fundamental na elaboração da teoria apresentada nessa obra. Segundo L.Perls (1992), Miller e From (1994) e Stoehr (1994), foi Paul Goodman quem elaborou e desenvolveu as ideias de Perls, dando-lhes a forma apresentada no livro. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) destacam que Goodman foi responsável pelo uso da terminologia fenomenológica, de forma a resguardar “a matriz teórica da noção de campo empregada pelos psicólogos da Gestalt” e a fundamentá-la em “uma egologia transcendental, cuja nota característica era justamente a temporalidade” (p. 174). Segundo os autores, a fenomenologia passa a inspirar a reflexão teórica a ser implementada, com uma linguagem fenomenológica eminentemente processual, pois Goodman percebeu nas ideias de Perls “mais do que uma forma holístico-gestáltica de ler a psicanálise. Ele percebeu, sobretudo, *uma forma fenomenológica*⁹³ de se compreender o holismo e a psicologia da Gestalt” (p. 173). A inovação do uso de uma forma fenomenológica de descrição dos processos do vivido provocou um desafio na compreensão do sentido dos conceitos desenvolvidos a partir dela.

O Volume II é o produto da colaboração entre Perls e Ralph Hefferline⁹⁴. Escrito e desenvolvido por Hefferline⁹⁵, o material foi experimentado por estudantes de graduação de psicologia de três universidades, durante quatro meses, seguindo o protocolo do projeto experimental de Hefferline. Parte desses relatórios acompanha a descrição dos exercícios (Miller & From, 1994). Segundo Stoehr (1994), os exercícios foram aplicados por Elliot Shapiro em seus alunos de Psicologia Anormal do *Brooklyn College*, e por Ralph Hefferline com os estudantes de psicologia da *Columbia University*. A partir dos resultados, Perls passava a Hefferline novas e mais

⁹² Os autores acrescentam que Paul Goodman foi um dos mais importantes críticos sociais e pensadores criativos da psicologia que os Estados Unidos já teve, além de poeta, romancista e jornalista.

⁹³ Itálico nosso.

⁹⁴ Hefferline diz sobre sua participação na obra: “A parte que eu escrevi do ‘*Gestalt Therapy*’ foi uma espécie de manual para ser aplicado por você mesmo, com o subtítulo ‘Mobilização do *self*’ (orientação e manipulação do *self*)” (Hefferline apud Knapp, 2005). Tradução livre.

⁹⁵ Knapp (2005), professor de psicologia na Universidade de Nevada, inicialmente estudioso da terapia comportamental skinneriana, ao se interessar pela Gestalt-terapia se surpreendeu com as afinidades que encontrou entre o pensamento de Skinner e a Gestalt-terapia, o que o levou a rever a obra de Hefferline.

compreensivas séries de exercícios. Com esta participação, Hefferline foi considerado copesquisador junto com Perls e, coautor da obra.

O Volume II, sob o título de “Mobilização do *self*”, tem como foco, principalmente, a autodescoberta para além do conhecimento racional e, por isso, enfatiza as respostas “não-verbais” da pessoa em relação ao mundo. Desde a obra *Ego, Fome e Agressão*, Perls havia entendido que a saúde organísmica estava relacionada ao fluxo de *awareness*, e a interrupção desse fluxo caracterizava uma disfuncionalidade organísmica. Por isso, a técnica que Perls e Hefferline propõem nessa obra visa o trabalho de reestabelecimento desse fluxo. Dessa forma, o objetivo básico dos exercícios é possibilitar ao leitor se tornar *aware* de como a pessoa está funcionando, no *aqui e agora*. Perls et al. (1951/1997) enfatizam que o essencial não é que o terapeuta aprenda sobre o paciente para então lhe dizer; o que é essencial é que o terapeuta ensine ao paciente *como* aprender acerca de si mesmo.

Na teoria, Perls et al. (1951/1997) referem-se a dois sistemas de entrar em contato com o mundo, o sistema sensorial – para orientação — e o sistema motor – para manipulação. Além disso, enfatizam a necessidade de equilíbrio entre eles, entre o sentir e o agir. Desse modo, Perls e Hefferline dividiram os exercícios de Mobilização do *self* em duas partes. A primeira, mediante exercícios de “orientação do *self*”, dispõe de exercícios de contato com o ambiente e consigo mesmo (*awareness*). A segunda, “manipulação do *self*”, com exercícios para tornar *aware* os processos de funcionamento integrado, de forma a conscientizar e possibilitar a mudança das formas habituais e cristalizadas de se entrar contato com o ambiente e consigo mesmo.

As ideias-conceitos *aqui-e-agora*, o *como*, o estar *aware* tornaram-se chaves no desenvolvimento da Gestalt-terapia. Porém, inicialmente, o entendimento desses conceitos foram desenraizados da perspectiva fenomenológico-existencial⁹⁶, no qual

⁹⁶ Encontramos muita divergência na forma de se vincular a fenomenologia à Gestalt-terapia. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) ressaltam que “para os propósitos da Gestalt-terapia a fenomenologia não é uma metodologia empírica. Nem mesmo uma postura teórica. Trata-se de uma postura ética, por meio da qual se privilegia a descrição daquilo que se mostra desde si, precisamente, as *Gestalten*” (p. 171). Não há consenso a esse respeito, principalmente, na referência da fenomenologia como método.

foram elaborados, o que acarretou o uso deles de forma indiscriminada e superficial. Miller e From (1994) analisam que, além do desenraizamento filosófico da teoria, isso aconteceu porque o Volume II foi elaborado numa forma que poderia ser chamada de psicologia pop, dispondo uma série de exercícios de autoajuda, acompanhados de comentários no estilo de versões popularizadas de Zen Budismo e “O poder do pensamento positivo”.

3.3. Objetivo da obra

Na apresentação da obra, os autores anunciam que tinham o propósito de “desenvolver uma teoria e um método que ampliassem os limites e a aplicabilidade da psicoterapia” (Perls et al., 1951/1997, p.31). Ao definir assim o propósito da obra, sugere-se que os autores estarão partindo de uma teoria e de um método para os quais querem ver ampliados limites e aplicabilidade.

De onde então partem os autores? Eles mencionam duas influências fundamentais. A primeira influência está relacionada à psicologia da gestalt e teoria de campo, com “os trabalhos de Wertheimer, Köhler e Lewin”. Os autores salientam que a obra é uma “tentativa de lançar os alicerces (...) para a aplicação plena do gestaltismo em psicoterapia como a única teoria que abrange consistente e adequadamente tanto a psicologia normal como a anormal” (Perls et al., 1951/1997, p. 32). E a segunda influência foi o trabalho de Goldstein em neuropsiquiatria, cujos autores reputam como magnífico. Além dessas duas influências, os autores informam que levaram em consideração igualmente: a psicanálise freudiana e parafreudiana, a teoria reichiana da couraça, a semântica e a filosofia.

Pela relação dessas teorias consideradas de base pelos autores, podemos notar que a obra, embora de ruptura, guarda muitas raízes teóricas e filosóficas comuns à *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002). Acreditamos que, apesar de alguns estudos, ainda há campo de pesquisa para identificar e analisar essas influências, especialmente o que os autores chamam de psicanálise freudiana e parafreudiana, e a semântica, cujas raízes

presentes na obra têm sido negligenciadas. No que diz respeito à evolução dos conceitos ego e *self*, a obra de Perls apresentará também um percurso similar ao percurso das dissidências psicanalíticas com enfoques diferentes. Nessa obra, Perls et al. (1951/1997) dedicarão um capítulo para discutir diferenças entre as diversas teorias psicanalíticas do *self*, incluindo a teoria freudiana clássica de Anna Freud, de Federn, e dos teóricos interpessoais, Washington, Fromm e Horney, entre outros (pp. 190-219). Perls et al. (1951/1997) falam de *self*, em minúscula, referindo-se a uma perspectiva processual do *self* e ainda mantendo o termo “organismo” para se referir à pessoa, conceito que foi se tornando insuficiente. O *self* no livro *Gestalt-terapia* (1951/1997) não é uma pessoa, mas “designa um sistema temporal na forma do qual a relação organismo/meio e suas vicissitudes deveriam poder ser pensadas como a expressão concreta de vividos essenciais” (p. 163). Desse modo, “o *self* é antes um processo temporal do que uma entidade psicofísica” (Müller-Granzotto & Müller-Granzotto, 2007a, p. 171).

Na apresentação da reedição desse livro, em 1969, Perls (1969c/1997) reavalia que os experimentos de gestalt, passados quase vinte anos, ainda seriam válidos, mas uma mudança de perspectiva importante estava em curso. Perls descreve assim essa mudança:

A ênfase global, entretanto, mudou da ideia de terapia para um ‘conceito gestáltico de crescimento (desenvolvimento). Agora considero a neurose não uma doença, mas um dos vários sintomas da estagnação do crescimento (desenvolvimento). Outros sintomas dessa estagnação são a necessidade de manipular o mundo e controlar a loucura, distorções de caráter, a redução do potencial humano, a perda da “habilidade de responder” e, o mais importante de tudo, a produção de buracos na personalidade (Perls, 1969c/1997, p. 11).

Temos aqui, primeiramente, a introdução de uma ideia nova: conceito gestáltico de crescimento (desenvolvimento) que acreditamos necessitar melhor compreensão, tal a sua importância nos propósitos dessa obra, como também, para se conseguir colocar a produção de Perls em uma perspectiva teórica coerente. A importância da

compreensão⁹⁷ do que isso significa é fundamental porque os autores julgam que “para entender o livro precisa ter uma mentalidade gestaltista”. Sendo assim, esse livro precisa que o leitor tenha uma perspectiva gestáltica para entendê-lo. Perls et al. (1951/1997) acrescentam que a “perspectiva gestáltica é a abordagem original, não deturpada e natural da vida; isto é, do pensar, agir e sentir do homem.” (Perls et al., 1951/1997, p.32).

Os autores não definem o significado expresso pelos conceitos “mentalidade gestáltica”, “crescimento e desenvolvimento”, “abordagem original não deturpada e natural da vida”. Somente pontuam que o resultado desse crescimento é a maturação, esta entendida como um processo contínuo de transcender o suporte ambiental e desenvolver o autossuporte, o que significa uma redução crescente das dependências (1951/1997, p. 11).

Além disso, os outros conceitos que Perls apontou em 1969 ainda requerem melhor elaboração teórica. Perls (1969c/1997) indicou como novas áreas de interesse para a Gestalt-terapia outros “sintomas de estagnação do crescimento” além da neurose, tais como a “necessidade de controlar o mundo e controlar a loucura, distorções de caráter, a redução do potencial humano, a perda da ‘habilidade de responder’ e, o mais importante de tudo, a produção de buracos na personalidade” (1969c/1997, p. 11). Novos estudos têm sido publicados com perspectiva no contexto contemporâneo. Desse modo, podemos levantar algumas questões: Como hoje definiríamos as expressões sintomáticas de estagnação de crescimento? Essa abertura no campo de atuação da Gestalt-terapia proposta por Perls em 1969 ainda permanece atual?

Perls et al. (1951/1997) referem-se ao resgate de uma perspectiva gestáltica unitária, em referência a três esferas humanas que no organismo saudável atuam de forma integrada: o pensar, agir e sentir. Essa unidade, segundo os autores, embora natural, encontra-se perdida culturalmente. Para os autores, o propósito da teoria e prática descritas na obra é recuperar a inteireza e integridade da personalidade,

⁹⁷ W. Ribeiro tem insistentemente tratado do tema “mentalidade gestáltica” e seus desdobramentos em seus cursos, porém ainda não contamos com a transcrição dos seus estudos sobre esse tema.

superando uma abordagem dualística que pensa o homem dividido em contrastes, resultado de uma sociedade cheia de rupturas. O que vemos como uma ampliação do pensamento do autor em 1942 e 1948. Perls et al. (1951/1997) dizem: “para reintegrar-se de novo, ele [o indivíduo] tem de sobrepujar o dualismo de sua pessoa, de seu pensamento e de sua linguagem” (Perls et al., 1951/1997, p. 32). Assim, a ênfase da teoria apresentada no *Gestalt-terapia* recairá no estudo das dicotomias que atingem o homem em uma ou mais de suas três dimensões, no pensar, no agir e no sentir, e expressas em nível do pessoal, do pensamento e da linguagem. Podemos pensar que a Gestalt terá como seu campo de estudo e atuação essas áreas interconectadas. E, como veremos adiante, Perls irá se interessar pelo desenvolvimento do que se apresenta em qualquer desses campos de atuação, especialmente a partir dos anos 60, com o florescimento de novas teorias e técnicas que visam à integração e o crescimento do ser humano. Vemos que nesse pensamento Perls antecipa o que virá a ser motivo da revolução que a contracultura pretendeu promover nos costumes do século XX, e que na Psicologia ficou conhecido como Terceira Força. Um tema recorrente em Perls, durante toda sua trajetória, será recuperar e manter a dialética da vida, na superação das dicotomias.

Acreditamos que a preocupação com a recuperação das dualidades dicotomizadas são o fio condutor, entre as obras de Perls, que guiou seu interesse e curiosidade. Para Perls et al. (1951/1997), a neurose do ‘homem moderno’ é resultado das dicotomias presentes na sociedade. Os autores afirmam:

(...) insistimos na tese unitária, (...) estamos levando ao extremo a rejeição de muitas pressuposições, divisões e categorias comumente aceitas, por serem fundamentalmente inadmissíveis, pois ‘rompem em pedaços e aniquilam aquilo que se pretendia estudar’ (...) este livro concentra-se numa série de semelhantes dicotomias neuróticas básicas de teoria e tenta interpretá-las (Perls et al., 1951/1997, p. 53-54).

Perls et al. (1951/1997) passam a enumerar as dicotomias para as quais o livro *Gestalt-terapia* irá propor formas de integração, a saber corpo e mente; *self* e mundo

externo; emocional e real; infantil e maduro; biológico e cultural; poesia e prosa; espontâneo e deliberado; pessoal e social; amor e agressão; e consciente e inconsciente. Segundo os autores, essas são as principais divisões neurotizantes que precisam ser eliminadas de forma a reintegrar a personalidade humana.

A meta proposta no *Gestalt-terapia* (1951/1997) é a recuperação do crescimento da personalidade humana, a ser atingida pela integração das partes excluídas pelas dicotomias. No desenvolvimento desse assunto, os autores usam os termos-conceitos criatividade, crescimento e novidade de forma intercambiável, em oposição aos termos-conceitos ajustamento, autopreservação e rotina. Daí, podemos inferir que quando Perls et al. (1951/1997) dizem que o tema da psicologia é “a transição sempre renovada entre a novidade e a rotina que resulta em assimilação e crescimento” (Perls et al., 1951/1997, p. 45), podemos entender que a proposta é recuperar o trânsito entre as dualidades mencionadas, pois a integração das partes divididas da personalidade promoverá o crescimento tanto por assimilação como por rejeição.

A meta específica terapêutica é recuperar a espontaneidade da autorregulação organísmica, de forma que ela possa na sua atuação prover o homem com a novidade necessária ao crescimento: “A consciência espontânea da necessidade dominante e sua organização das funções de contato é a forma psicológica da autorregulação organísmica” (Perls et al., 1951/1997, p. 84). Vemos aqui a consciência derivada da psicanálise e do holismo, conforme descrito em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), agora numa descrição fenomenológica, tornando-se o objeto de estudo da obra de 1951. É a consciência, no seu ser-no-mundo, como processo de conscientização mediando as necessidades do organismo em relação ao meio. É a descrição dinâmica da função de Ego, ou o *self* como processo, por meio do seu processo de contatar, e utilizando-se da teoria de Goldstein, transformada numa consciência espontânea, aquela ligada à criatividade que proverá a autorregulação organísmica da dinâmica necessária ao crescimento.

Para o estudo da integração do pensar, do sentir e do agir, Perls et al. (1951/1997) recorrem à noção de um ciclo que envolve o sentir, contatar, o

excitamento e a formação de *gestalten*, e a isso chamam *awareness* total. Ao longo do desenvolvimento da Gestalt-terapia, os centros de estudos dedicados ao estudo da abordagem têm privilegiado um ou outro aspecto do trabalho envolvido para essa integração. Mas notamos uma dificuldade da compreensão integrada desses estudos, como se falassem de várias Gestalt-terapias excludentes, porém, na verdade, parecem estar se referindo somente a um dos seus campos de estudo, com suas especificidades teóricas e práticas.

3.4. Atualidade

A opinião de L. Perls (1977), uma década após a publicação do livro, destaca a importância dessa publicação: “Este é o livro básico que ainda hoje considero indispensável para uma plena compreensão da Gestalt-terapia”. A autora destaca os conceitos “de transição” fundamentais que representaram uma mudança paradigmática: ponto de vista existencial-experimental e organísmico; presentificação imediata no aqui e agora; noção de contato substituindo a transferência; conceitualização do ego como fenômeno limite em si e, portanto, ego como função de contato, identificação e alienação.

Com exceção da conceitualização do ego como fenômeno limite em si, essas noções, destacadas por Laura Perls, têm merecido estudos ao longo da história da Gestalt-terapia, mas sem recorrer à sua raiz psicanalítica. A maioria desses estudos tem procurado rever e atualizar a noção de fronteira com base na compreensão das funções de contato e seus processos de identificação e alienação. Mas, de modo geral, não o fazem de forma vinculada às considerações sobre as funções de limite do Ego ou das funções do *Self*, conforme proposto por Perls em 1942 e em 1951. Parece-nos que essa forma de desenvolver o conceito teve como objetivo, inicialmente, desvincular o tema “fronteiras” de sua ligação original com as instâncias psíquicas da teoria psicanalítica e, nos estudos pós-Perls, desvinculá-lo de uma teoria da personalidade conforme proposto na teoria do *self* do *Gestalt-terapia* (1951/1997).

Ao comentar o livro, Tellegen (1984) diz:

O processo é mais rico do que o produto, pois a obra de Perls é inacabada e fragmentária. Se, de um lado, isto caracteriza uma obra aberta à reformulação, acarreta também o risco de fazer da Gestalt-terapia uma tecnologia psicoterápica que gira no vazio por falta de bases conceituais claras (p.25).

Apesar da reconhecida dificuldade desse livro, para muitos ainda é considerado fundamental para a Gestalt-terapia, visto não ter surgido nenhuma outra obra tão abrangente e complexa como essa.

Miller e From (1994) fizeram uma retrospectiva dos fundamentos inovadores da obra, assim como uma oportuna atualização dos seus principais construtos. Assim também Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2007a) analisaram um dos aspectos mais inovadores da obra, a saber: o tratamento fenomenológico dado aos temas psicológicos na descrição dos processos de ajustamento. Os autores fizeram uma abrangente fundamentação filosófica da obra, analisando a construção da teoria sob o enfoque fenomenológico e seus desdobramentos éticos na intervenção clínica. Temas como contato, *awareness*, ajustamento, aqui-e-agora, *self*, entre outros, ganharam uma oportuna releitura fenomenológica, por meio dos quais se resgatou a forma peculiar de ler e articular a “intencionalidade orgânica e a historicidade da nossa existência” (p. 175).

Estudos como esses recolocaram a teoria do livro *Gestalt-terapia* (1951/1997) em seu rico contexto histórico-filosófico, o que lhe conferiu uma dimensão fenomenológica que permanecia inacessível até então. Acreditamos que a continuação de estudos dessa natureza irão permitir à Gestalt-terapia olhar para a teoria dessa obra de 1951 de uma forma menos dicotômica, mais compreensiva e, portanto, com maior profundidade e interesse.

4 – Da “milagreira de Lourdes” à proposta de ampliação da Gestalt-terapia

4.1 “Perls tardio”⁹⁸

Considerando as poucas publicações de Perls, o ano de 1969 impressiona. As obras de autoria de Perls nesse período são dois livros inéditos, *Gestalt Therapy Verbatim* e *In and Out the Garbage Pail*; a reedição de dois livros com introduções atualizadoras, *Ego, Hunger and Aggression* e o *Gestalt Therapy*; e o manuscrito do livro *The Gestalt Approach* com o projeto do *Eye Witness to Therapy*.

Do ponto de vista da sua trajetória, 1969 representa o abandono de um período de fama, como nunca Perls havia experimentado. Por que deixar Esalen, se ali ele alcançara prestígio e respeito? Por que deixar um dos maiores centros de divulgação e ensino do que era considerado a Terceira Força dentro do movimento humanista da Psicologia?

Acreditamos que a motivação de Perls para essa drástica mudança foi sua profunda preocupação com os rumos que a Gestalt-terapia estava tomando, conforme apontamos na Introdução. Essas preocupações aparecem explícitas no *Gestalt-terapia explicada* (1969/1976), *Escarafunchando Fritz* (1969/1979) e no *Abordagem Gestáltica* (1973/2012a). Todas elas refletem o esforço de Perls de realizar uma ampla revisão e sistematização daquilo que considerava faltar, a fundamentação teórica e o embasamento para a prática da Gestalt-terapia frente às novas incorporações que ele havia introduzido na abordagem.

⁹⁸ “Perls tardio” é uma expressão que vem sendo usada por W. Ribeiro. Faz referência ao Perls em sua fase final de vida.

4.2. *Gestalt therapy verbatim* (1969): reflexões sobre Esalen

Tendo vivido em Esalen de 1964 a 1968, o livro *Gestalt Therapy Verbatim* (1969)⁹⁹ apresenta a transcrição literal de palestras e sessões realizadas em fins de semana e dirigidas por Fritz Perls, sem propósitos terapêuticos, no Esalen Institute, Big Sur, Califórnia, de 1966 a 1968, no auge de sua fama¹⁰⁰. A Gestalt-terapia foi divulgada nos Estados Unidos e internacionalmente, principalmente a partir dos vídeos dessas demonstrações, ou mediante profissionais que se sentiram formados nos seminários de fins-de-semana¹⁰¹, o que gerou grandes mal-entendidos no curso do seu desenvolvimento.

Por serem transcrições de palestras, a teoria não é apresentada em uma forma sistemática nesse livro. Tendo em vista a inclusão das diversas experiências de Perls em Esalen com as novidades da chamada Terceira Força, um trabalho de sistematização das ideias e conceitos apresentados nesta obra recuperaria a intenção teórica de Perls e poderia clarear as diferenças entre o pensamento expresso aqui e o de 1951.

Perls apresenta a Gestalt-terapia como uma abordagem com ênfase no processo de crescimento em contraposição às psicoterapias centradas na doença, conforme ele anunciara na nova introdução ao *Gestalt-terapia*, também escrita em 1969. Perls diz:

Estamos aqui para promover o processo de crescimento e desenvolver o potencial humano. (...) O processo de crescimento é um processo demorado. Na terapia, não temos apenas que superar o desempenho de papéis. Temos também que preencher os buracos da personalidade, para torná-la novamente inteira e completa. (...) tem que se empenhar (...) e crescer leva tempo (1969/1976, p. 14).

⁹⁹ Primeira obra de Gestalt-terapia publicada no Brasil, em 1976, com o título *Gestalt-terapia explicada*, tradução de George Schlesinger e revisão técnica de Paulo F. Barros.

¹⁰⁰ O material foi compilado e editado por John O. Stevens, também conhecido como Steve Andreas, que mais tarde se tornou um conhecido escritor, trainer e desenvolvedor de PNL.

¹⁰¹ Perls faz uma distinção importante sobre as suas formas de trabalhar em Esalen: os *workshops*, com no máximo 15 pessoas e com o propósito psicoterapêutico; e os seminários, para grandes públicos, para divulgação da Gestalt-terapia, com palestras e demonstrações que não tinham propósito terapêutico. Perls diz que os seminários “são uma espécie de situação de amostra, e qualquer experiência terapêutica ou de crescimento será pura coincidência” (1976, p. 107).

Perls acreditava já ter superado os impasses que encontrara na psicanálise, mas, ao mesmo tempo, revelou nessa obra muita preocupação com os rumos da Gestalt-terapia. As pessoas que passavam por Esalen, participantes dos seus famosos seminários, tornavam-se os divulgadores da abordagem. O resultado foi bastante preocupante, o que levou Perls a desacreditar dessa forma de treinamento. Os seus receios do que chamou de “uma fase nova e perigosa” foram um dos motivos que o fizeram deixar Esalen e buscar novas alternativas.

A fase nova e perigosa que Perls descreveu era uma “mudança cultural de ‘cento e oitenta graus’ de um puritanismo e moralismo para o hedonismo, em que tudo tinha que ser diversão e prazer”, resultando na tendência da clínica psicoterápica, o que ele criticou como “terapias estimulantes, super super, cura instantânea, consciência sensorial instantânea, na crença da quebra de resistência como cura” (1969/1976, p.13). De forma incisiva, Perls critica essa cultura da época que privilegiava os resultados rápidos, por meio da busca do prazer a qualquer custo, e que parecia ter atingido a Gestalt-terapia. De forma irônica, a Gestalt-terapia, após a morte de Perls, seguiu justamente o caminho que ele denunciou nessa obra, com o uso de técnicas, de forma indiscriminada, a serviço de curas instantâneas. Sobre seu receio quanto às técnicas, Perls (1969/1976) afirmou:

uma das objeções que tenho contra qualquer pessoa que se diga um gestalt-terapeuta é quanto ao uso da técnica. Uma técnica é um truque. Um truque deve ser usado apenas em casos extremos. Existem muitas pessoas colecionando truques e mais truques (...) se torna uma perigosa atividade substitutiva, uma outra falsa terapia que *impede* o crescimento (p.14)¹⁰².

Perls (1969/1976) receava pela Gestalt-terapia que estava sendo divulgada nos *workshops* de Esalen, pois, segundo ele,

estamos entrando na fase dos homens charlatães e de pouca confiança, que pensam que se vocês obtiverem alguma quebra de resistência estarão curados,

¹⁰² Itálico do autor.

sem considerar qualquer necessidade de crescimento, sem considerar o potencial real, sem considerar o gênio inato em todos vocês, na desconsideração com o crescimento potencial, real, (...) Devo dizer que estou *muito* preocupado com o que está acontecendo atualmente. (...) Na Gestalt-terapia trabalhamos por algo mais. (pp.13-14).

Perls esclarece que o algo mais pelo qual a Gestalt-terapia trabalha é a promoção do processo de crescimento. Ao longo do livro, Perls vai desenvolver a ideia do processo terapêutico com o foco de promover o crescimento. Neste mesmo ano, Perls (1969c) também introduz o crescimento como a principal meta terapêutica na nova introdução que escreveu para o *Gestalt-terapia* (1951/1997).

Vai aparecendo na obra de forma assistemática a definição de saúde relacionada a conflitos na dualidade autorregulação e regulação externa (parte I); maturação como fator de crescimento e os impasses desse processo (parte II); exame das formas terapêuticas de acesso aos impasses e impedimentos no processo de crescimento: os conceitos do *agora* e *o aqui* como descrições fenomenológicas do ponto-zero, inspirado na teoria de Friedlaender, como possibilidades de acesso a esses impasses e impedimentos; e o conceito do *como*, provendo a possibilidade de entendimento desse processo (parte III). Por esse desenvolvimento teórico, Perls chega a uma teoria sobre a neurose e as formas psicoterapêuticas de alcançar e superar o ponto de impasse representado pela evitação neurótica (parte IV).

De forma inovadora para sua época, Perls vai focar a terapia na ideia de saúde, definida por ele de forma vaga como “um equilíbrio apropriado da coordenação de tudo aquilo que somos”, e a neurose como “um distúrbio de crescimento”, como consequência da evitação (Perls, 1969/1976, p.20). Esse tema já aparecia na obra *Gestalt-terapia* (1951/1997), mas aqui é apresentada de forma mais simples e direta. Novamente, como em 1951, a maturação é uma ideia-conceito a ser entendida como resultado do crescimento: “Em Gestalt-terapia o objetivo é amadurecer, crescer” (Perls, 1969/1976, p. 46). Para ele, a neurose é entendida como desordem de crescimento: “considero a neurose um sintoma de maturação incompleto. Isso poderia significar um

desvio do ponto de vista médico para o educacional, e incluiria uma reorientação das ciências comportamentais” (1969/1976, p. 38).

Perls, no desenvolvimento dessas noções de maturação e crescimento e neurose e desordem do crescimento, irá se utilizar dos principais conceitos que já tinham se destacado no *Gestalt-terapia* (1951/1997), autorregulação orgânica, organismo, caráter, como construtos que caracterizam uma personalidade na sua interação com o meio.

Nessa obra (1969/1976), há destaque para o aspecto da autorregulação orgânica relacionada à espontaneidade e como noção polar a controle – autorregulação orgânica passa a ser vinculada a um controle interior, incorporado a todo o organismo, sendo a concretização da “própria natureza”, em oposição ao controle exterior, que vem de fora, controle pelos outros, por ordens, pelo ambiente.

A definição de organismo é precária, sendo considerado qualquer ser vivo que possua órgãos, que tenha uma organização e que se autorregule. As características principais desse organismo seriam sua interdependência do ambiente para troca de materiais essenciais, e o trabalho como um todo.

Essas ideias também já apareciam na obra de 1951 e nessa obra Perls procura simplificá-las; mas, para falar de ser humano, o conceito de organismo assim definido evidentemente é muito amplo e limitado. Nessa obra ele diz:

Pessoas e organismos¹⁰³ podem se comunicar entre si. Desta forma, surge um novo fenômeno, o *nós*, que é diferente do *eu e você*. O *nós* não existe por si só, mas se constitui a partir do *eu e você* e é um limite do intercâmbio onde duas pessoas se encontram (Perls, 1969/1976, p. 21).

Notamos um problema de conceituação ao qual Perls não se detém para solucionar. Perls simplesmente agrega dois substantivos — pessoa e organismo — para se referir a um indivíduo (termo que ele irá adotar no livro *Abordagem Gestáltica*

¹⁰³ Negritos nosso.

1973/2012a)¹⁰⁴. Entendemos que Perls queria um conceito que conservasse as características fenomenológicas da teoria organísmica de Goldstein já estudadas na obra anterior (organismo como um todo, funcionamento figura-fundo, etc.), mas também pretendia se referir às características existenciais – ser em relação, ser da palavra, etc. Perls começa, nessa obra, a teorizar a relação com o outro como acontecimento essencial em um campo, na relação do indivíduo com o meio, o que não aparecia nas obras anteriores com a noção de contato — o que subtendia a presença do outro, mas sem uma referência direta ao processo do “entre” ou ao “nós”.

A Gestalt-terapia ainda não se definiu a esse respeito, e não há estudos sobre o uso dos diferentes conceitos, pessoa, indivíduo, organismo. Os textos atuais tendem a usar “pessoa”, embora o uso de “organismo” ainda apareça vinculado às questões levantadas por Goldstein.

Perls volta a usar o conceito de ego, embora não se refira ao ego insubstancial de sua primeira obra, ou ao ego freudiano. Nessa obra, ego aparece relacionado a *self*, ao conceito de fronteira do ego e aos fenômenos da fronteira: identificação, alienação e formação de caráter. O tema do relacionamento entre o mundo e o *self* é enfatizado e desenvolvido com base na ideia de contato e pela noção de metabolismo e suas leis, a saber autorregulação por meio do processo gestáltico de figura-fundo.

Nessa obra, ganha destaque o tema das polaridades e a ênfase na dualidade ontológica entre a autorregulação e regulação externa. Perls descreve a dinâmica dessa dualidade, que ele considera fundamental na tomada de consciência completa, e com potencialidade de cura. Perls diz: “Todo controle externo, mesmo o controle externo *internalizado* – “você deve” –, interfere no funcionamento sadio do organismo” (1969/1976, p. 38). Perls introduz o tema da **preferência** para substituir a noção de **necessidade** que aparecia na obra de 1951 e vinha se revelando insuficiente para descrever as escolhas do ‘organismo e pessoa’ no seu intercâmbio com o meio. Perls diz que o organismo trabalha sempre na base da *preferência* (Perls, 1969/1976, p. 39).

¹⁰⁴ Nesse livro (1969/1976) Perls começou a usar o termo “indivíduo” enquanto no *Gestalt-terapia* (1951/1997) o termo utilizado era “organismo”.

Outro conflito básico tratado nessa obra é entre as necessidades do indivíduo e as da sociedade, considerando que na sociedade há exigências diferentes das exigências individuais, e “essas exigências sociais frequentemente ao invés de facilitarem o crescimento autêntico interferem no desenvolvimento natural (falsificam nossa existência)” (Perls, 1969/1976, pp.52-53).

Sobre o propósito da Gestalt-terapia, Perls propõe que a terapia tenha como meta descobrir o potencial esquecido do paciente, com foco nos furos em sua personalidade, nas partes que faltam e nas que foram alienadas: “onde deveria existir alguma coisa, não existe nada. (...) A parte mais importante que falta é o centro. (...) Estes furos que faltam são sempre visíveis. Existem sempre na *projeção do paciente no terapeuta*” (Perls, 1969/1976, p. 60). A Gestalt-terapia pós-Perls tem se dedicado ao estudo da constituição desses furos, a partir das considerações das primeiras relações da criança. Na obra de Alice Miller (1997)¹⁰⁵, suas considerações sobre o *falso self* têm fundamentado parte desses estudos.

Perls acredita que tudo o que a pessoa rejeita pode ser recuperado, e os meios para isso são a compreensão, a representação e o tornar-se as partes rejeitadas, numa relação com o psicodrama. Essas três considerações serão explicadas e demonstradas na segunda parte do livro, através das transcrições dos *workshops*.

A compreensão colocada como atitude primordial do terapeuta é uma novidade no pensamento de Perls (1969/1976):

E o principal é escutar. Escutar, compreender e estar aberto são uma única coisa. (...) O que tentamos fazer na terapia é, passo a passo, reassumir as partes rejeitadas da personalidade, até que a pessoa se torne suficientemente forte para facilitar seu próprio crescimento, para aprender a entender onde estão os furos, e quais os sintomas dos furos (p. 62).

Perls coloca o foco de trabalho da Gestalt-terapia na dimensão temporal e

¹⁰⁵A autora estudou os distúrbios oriundos da ausência de identificação e confirmação parental, assim como dos maus-tratos emocionais na primeira infância e suas consequências na vida adulta. Os temas dessa autora são muito próximos ao trabalho de Winnicott sobre o *falso self*, porém, distanciando-se do referencial psicanalítico.

espacial do presente, que ele denomina *o aqui e o agora*. Essas dimensões precisaram ser resgatadas posteriormente como construtos fenomenológicos. Perls diz que é “através de duas bases que a Gestalt-terapia caminha: *aqui e como*” (Perls, 1969/1976, p. 63), e que a essência da teoria da Gestalt-terapia está na compreensão dessas duas palavras. Para Perls, os conceitos de “autenticidade, maturidade, responsabilidade pelos próprios atos e pela própria vida, capacidade para responder e viver no agora, ter a criatividade do agora disponível, é tudo uma única coisa” (1969/1976, p. 80).

4.3. *In and out the garbage pail* (1969): Perls testamentário

Fritz apresenta o livro *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo* (1969/1979)¹⁰⁶ como ‘uma conclusão’ da sua vida, é o seu testemunho e herança. Num poema com que inicia o livro, Perls enuncia, de forma poética, o que pretende com essa obra:

Dentro e fora da lata de lixo ponho a minha criação, cheia de vida, ou podre com bichos, tristeza ou exaltação. O que tive de alegria e desventura será reexaminado, (...) [para] que se forme uma gestalt inteira, na conclusão da minha vida (Perls, 1969/1979, p. 11).

Utilizamos esse depoimento de Perls, como fio condutor da dissertação, o que dispensa maiores exames. A obra é escrita num estilo associação livre, com eventos se intercalando seguindo um curso livre de sua memória e reflexões. É rica porque Perls se revela no pessoal e intelectual de forma ampla e irrestrita, o que a torna uma fonte inestimável de pesquisa.

¹⁰⁶ Título com o qual foi publicado no Brasil, em 1979, tradução de George Schlesinger e revisão de Paulo Barros.

4.4. Perls de Cowichan: novos sonhos

*Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma.
O sonho é o que temos de realmente nosso,
de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso.
Fernando Pessoa*

O ano de 1969 é marcado pela mudança de Perls para a cidade de Lake Cowichan¹⁰⁷. Apesar do breve período que Perls passou nesta cidade, de maio a dezembro de 1969, esse período merece ser analisado no conjunto das obras de 1969, pois representou o início da realização de um novo sonho, assim como o encerramento da sua trajetória. Perls comprou um antigo hotel de pescadores na cidade de Lake Cowichan¹⁰⁸, onde instalou o Instituto de Gestalt do Canadá, um misto de comunidade e centro de treinamento.

Barry Stevens¹⁰⁹ conviveu com Perls em Cowichan por alguns meses, no final de 1969, portanto, nos últimos meses que Perls passou lá. Com sua conhecida sensibilidade, relata que notou uma diferença entre o Perls da autobiografia (que acabara de ser escrita e editada) e o Perls com quem ela estava convivendo: “Perguntei ao Fritz a respeito de uma continuação da sua autobiografia, sentindo que Fritz-agora não está muito no *Garbage Pail*” (Stevens, 1978, p. 94)¹¹⁰. Ou mais adiante quando ela comenta: “Fritz agora é quase sempre um velho muito caloroso e gentil. Passa mais tempo conversando com as pessoas do que costumava passar. Tem muito mais paciência” (Stevens, 1978, p. 242).

Segundo Spitzer (1973), Perls queria desenvolver em Cowichan uma

¹⁰⁷ A cidade *Lake Cowichan* é ainda uma pequena cidade, hoje com cerca de 3.000 habitantes. Está situada no extremo oeste do Lago Cowichan (*Cowichan Lake*), sendo cortada pelo Rio Cowichan (*Cowichan River*). Está localizada na Ilha de Vancouver, na província da Colúmbia Britânica do Canadá. Outrora foi uma próspera cidade madeireira; hoje vive do turismo. Informações retiradas do site oficial da cidade: <http://www.town.lakecowichan.bc.ca/> recuperado em 19 de janeiro, 2013.

¹⁰⁸ Nos textos de Gestalt-terapia encontramos Cowichan e Lake Cowichan, sempre se referindo a esse instituto.

¹⁰⁹ A experiência de Barry Stevens nesses meses em Cowichan está descrita no seu livro “Não apresse o Rio” (Stevens, 1978).

¹¹⁰ Barry descreve a impaciência de Fritz pela publicação de sua autobiografia *Escarafunchando Fritz*: “Fritz está esperando o *Garbage Pail* sair. Seus amigos gostaram. Ele está impaciente para saber o que seus inimigos dirão sobre o livro – quer dizer – sobre ele” (Stevens, 1978, p. 310).

comunidade gestáltica, mas não tinha em mente uma forma exata que ela tomaria. Com o desencanto com as terapias de grupo (*workshops*) desenvolvidas em Esalen, Perls queria encontrar novas formas de desenvolvimento pessoal, e pensou em um local que fosse ao mesmo tempo uma comunidade e um centro formador de líderes. Perls “esperava que emergisse um estilo de vida que pudesse encorajar o aumento da consciência, com cada pessoa integrando partes repudiadas de sua personalidade e se responsabilizando por seus próprios sentimentos. Queria um centro onde os terapeutas pudessem viver e estudar por vários meses” (Spitzer, 1973, p. 8). Stevens (1978) não acreditava que uma comunidade gestáltica e um centro de treinamento pudessem coexistir. A autora avaliou que a experiência não foi muito bem sucedida e ponderou que algo não funcionou bem na experiência inaugural do Instituto de Gestalt do Canadá, da qual ela fez parte desde o início: “É isso que eu quero – um lugar para praticar, e gente com quem praticar (...). Em agosto, quando chegou tanta gente nova, isso foi deixado para trás. No começo de setembro, pensei: ‘A Gestalt ficou tão estragada’” (Stevens, 1978, p. 334).

Sobre o *kibutz* gestáltico, a experiência comunitária, Perls (1969/1979) disse:

(...) me proponho a conduzir o seguinte experimento. No *kibutz* a divisão entre participantes e a equipe deve ser abolida. Todo trabalho tem que ser feito pelas pessoas que vêm para o *kibutz*. Equipe permanente: 1) o administrador e fomentador, alguém que tenha conhecimento de fazendas e construções, etc. 2) o terapeuta. (...) As pessoas irão para lá por três meses... Cada mês haverá uma troca de dez pessoas chegando e dez indo embora. (p. 331)

Sobre o que pretendia alcançar com a vida comunitária no *kibutz*, Perls disse: “A maior ênfase [do *kibutz*] recai sobre o desenvolvimento de maturação e espírito comunitário” (Perls, 1969/1979, p. 332).

4.5. *The gestalt approach & eye witness to therapy* (1973):

um sonho interrompido

O livro *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* (1973/2012a)¹¹¹ foi publicado originalmente em 1973, pela Science and Behavior Books¹¹², de Palo Alto, Califórnia. Robert S. Spitzer¹¹³ foi o editor dessa obra póstuma de Perls e são dele as informações que temos sobre as intenções de Perls com essa obra.

Inicialmente, Perls projetou dois livros separados, o primeiro de teoria e o segundo de prática. Com a morte inesperada de Perls, antes de o projeto estar concluído, foram publicados como uma só obra, no mesmo formato do *Gestalt-terapia* (1951/1997). Spitzer (1973) diz que

a obra é constituída de duas partes que podem ser estudadas separadamente. A primeira serve de introdução e trata da *Abordagem Gestáltica* e de seus fundamentos. A segunda parte, *Testemunha Ocular da Terapia*, mostra a aplicação dessa terapia por meio de sessões dinâmicas, cujo material foi transcrito de filmes didáticos feitos pelo próprio autor (p. 7).

Perls escreveu a maior parte do material de *A abordagem gestáltica* (1973/2012a) enquanto morava em Esalen, e continuou sua elaboração quando se mudou para Cowichan, em maio de 1969. Perls interrompeu a elaboração desse livro para fazer uma viagem internacional no início de dezembro de 1969. Ao deixar Cowichan, Perls entregou o esboço do livro a Spitzer pretendendo retomá-lo na sua volta e completá-lo com o projeto do segundo livro *Testemunha Ocular da Terapia*, no

¹¹¹ É a segunda obra de Perls publicada no Brasil, em 1977, com o título: *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*, (1973/2012a). Tradução de José Sanz e revisão do Prof. Jorge Alberto Costa e Silva, pela Zahar.

¹¹² *Science & Behavior Books* era nessa época uma pequena editora fundada em 1963 por Don Jackson, MD, para publicar autores que por suas inovações tinham dificuldades para achar um editor, nas áreas de aconselhamento psicológico, terapia familiar e comportamento humano. SBB surgiu para publicar Virginia Satir, na época ainda desconhecida. Atualmente, Satir ainda é a principal autora da editora.

¹¹³ Robert Spitzer, na época editor-chefe da *Science & Behavior Books*, se interessou pelo trabalho de Perls e se tornou seu editor e amigo. Spitzer esteve com Perls nos dois últimos meses em que Perls passou em Cowichan, quando então Perls teria confiado a ele o material do que viria a ser *A abordagem gestáltica*, se comprometendo a terminá-lo na sua volta. (Spitzer, 1973).

qual, tomando-se como exemplo casos clínicos, escolhidos dos seus filmes didáticos, discutiria a teoria do primeiro livro. Esse segundo livro teria como objetivo retomar a fundamentação da prática utilizando-se um estudo teórico mais profundo. Infelizmente, esse projeto nunca foi concluído pelo próprio Fritz, pois ele não viveria para voltar a Cowichan.

Sobre a motivação de Perls para escrever essas duas obras, Spitzer (1973) diz: “Fritz tornou-se cada vez mais preocupado porque muitos terapeutas estavam copiando suas técnicas, com uma compreensão muito limitada da sua teoria global” (p.9). A divulgação do trabalho de Perls nos seminários em Esalen provocou essa onda de superficialidade no entendimento de sua proposta; embora trouxesse fama a Perls, o efeito das demonstrações técnicas, sem cuidado com o ambiente terapêutico, sem propósito terapêutico, e sem teoria, não poderia trazer bons frutos. Por isso, Perls planejou os dois livros, incluindo texto e vídeo, como uma forma de “desenvolver o ensino de matérias que pudessem reunir sua filosofia pessoal e suas práticas psicoterápicas de forma concisa e estimulante” (Spitzer, 1973, p.7).

Spitzer (1973) acrescenta que

Fritz estava cada vez mais cansado dessa milagreira de Lourdes. (...) Fritz não encarava seu trabalho como enigmático ou miraculoso. Acreditava que, uma vez entendidos os processos gestálticos, estes milagres isolados voltariam a seu lugar. Esperava que estes filmes e livros desmistificassem o culto a Fritz Perls (p. 129).

Perls não realizou essa necessária recondução. Esse trabalho de revisão da Gestalt-terapia somente foi iniciado no final dos anos setenta e tomou maior vulto na década de oitenta, com o reexame do uso de técnicas “mágicas”, a desmistificação de Perls e a reintegração das raízes filosóficas e científicas da abordagem.

Ainda segundo Spitzer (1973), era também intenção de Perls atualizar teoricamente seus trabalhos anteriores, *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002) e o *Gestalt-terapia* (1951/1997), e integrar diversas contribuições, particularmente das “religiões orientais, meditação, psicodelismo e trabalhos corporais” (p. 7).

Para o projeto do livro *Testemunha Ocular da Terapia* (1973/2012a), Spitzer confiou a edição do material a Richard Bandler¹¹⁴, então estudante universitário, para analisar e catalogar vídeos demonstrativos de sessões de Fritz Perls. Bandler escolheu extratos de filmes que julgou serem essencialmente autoexplicativos e introdutórios ao trabalho gestáltico, a partir do manuscrito de Perls de *A Abordagem Gestáltica* (1973/2012a).

O interesse de Perls na superação das divisões neuróticas da personalidade está presente nesta obra. Para o autor, o objetivo da psicoterapia é reafirmado como o trabalho de superação da crescente dicotomia entre o pensamento e ação e entre mente e corpo, conforme vimos expressos nas suas obras anteriores, 1942 e 1951, para outras dualidades dicotomizadas. Para desenvolver esse estudo, Perls renova os fundamentos do seu pensamento, a saber, a doutrina holística e a psicologia da Gestalt, apresentadas na forma de premissas sobre a organização de totalidades, processo figura-fundo, processo homeostático adaptativo da autorregulação orgânica, e nos conceitos de necessidades, hierarquia de necessidades, contato¹¹⁵, limite de contato, funções da mente, campo unificado, catéxis positivas e negativas do campo. Esses conceitos aparecem de forma condensada e numa linguagem mais simplificada, do cotidiano, principalmente no capítulo em que Perls diz: “*Gestalt!* Como posso fazer entender que gestalt não é só mais um conceito inventado pelo homem? Como posso dizer que gestalt – é – e não só para a psicologia – algo inerente à natureza?” (1973/2012a, p.79).

Na presente obra, o conceito de saúde faz referência a um homem “bem-integrado e autossuficiente”. Segundo Perls (1973/2012a), saúde é uma questão de limites, e ele define que um homem saudável “compreende a relação entre si e a

¹¹⁴ Richard Bandler é cocriador, com John Grinder, da Programação Neurolinguística, PNL. É o criador também de *DHE-Human Design Engineering*. Ainda estudante, Bandler começou a se interessar pela obra de Frederick Perls, a partir do convite de Spitzer para editar *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* (1973/2012a). Bandler e Grinder começaram a fazer um modelo de padrões de linguagem utilizados por Perls, Satir (terapeuta familiar) e Milton H. Erickson (hipnoterapeuta), a partir do qual publicaram diversos livros que se constituíram como a base da PNL. <http://www.richardbandler.com/>.

¹¹⁵ A noção de contato, central no *Gestalt-terapia* (1951/1997), aparece de forma simplificada, em suas funções polares: contato e fuga. Aqui, outra confusão conceitual, pois contato se refere ao processo global, como também, ao processo específico de uma das polaridades em oposição à fuga.

sociedade, como as partes do corpo parecem compreender, instintivamente, sua relação com o corpo como um todo. É um homem que reconhece os limites de contato entre ele e sua sociedade” (p.40). Dessa forma, para Perls (1973/2012a), a tarefa da psicoterapia “é facilitar a cada um o desenvolvimento que lhe habilitará a encontrar objetivos que lhe sejam significativos e trabalhar por eles, de um modo maduro” (p. 58). Por isso, ao longo da obra, Perls (1973/2012a) vai tratar das formas que a psicoterapia possibilitaria ao homem a atingir autoconhecimento, satisfação e autossustentação.

No entendimento de saúde assim proposto, aparece uma perspectiva nova, expressa pelo pergunta: qual a força que energiza nossas ações? Perls, por meio desta questão, retoma seu interesse pelas forças que dão sentido à vida. Dessa forma, o trabalho específico com as emoções passa a integrar o foco terapêutico, pois o autor (1973/2012a), nessa obra, considerou as emoções a “própria linguagem do organismo” e por isso “são a nossa própria vida” (p. 37).

Nas obras anteriores (1942, 1948, 1951), a neurose era entendida pelas interrupções nos processos de crescimento (ou contato), nesta obra (1973/2012a) Perls vai descrever a neurose como:

uma pessoa cujo ritmo contato-afastamento está fora de forma: não pode decidir por si mesmo quando participar e quando fugir (...) perdeu a liberdade de escolha, não pode selecionar meios apropriados para seus objetivos finais porque não tem a capacidade de ver as opções que lhe estão abertas (p.38).

Vemos, nessa definição, a concepção de neurose em sua dimensão temporal, a ênfase nas vivências no presente, e o contato (contato e fuga) como foco terapêutico. Perls faz uma descrição bem-humorada do neurótico: “E aqui vem nosso neurótico — ligado ao passado com modos obsoletos de agir, vago quanto ao presente porque o vê apenas através de óculos escuros, torturado em relação ao futuro porque o presente lhe escapa” (p. 57)

Esta concepção leva o autor a descrever a neurose como um distúrbio de limite, o que nas obras anteriores aparecia como distúrbios de fronteira, pois são formas cronificadas de ver e agir, próprias do indivíduo. Perls descreve esses distúrbios como

resultado “da incapacidade do indivíduo encontrar e manter o equilíbrio adequado entre ele e o resto do mundo (...) sua neurose é uma manobra defensiva para protegê-lo contra a ameaça de ser barrado por um mundo esmagador” (Perls, 1973/2012a, p. 45). O resultado dessa manobra são os distúrbios de limites “importunos, crônicos, interferências diárias no processo de crescimento e autoconhecimento, através do qual encontramos sustento e maturidade” (Perls, 1973/2012a, pp.45-46).

A adoção desse novo conceito “distúrbio de limite” justifica-se porque para Perls essas interferências ou interrupções resultam no “desenvolvimento de contínua confusão entre o si mesmo e o outro” (p. 46). Esse tema do “entre eu e o outro” ganha maior relevância teórica. E para descrever esses distúrbios de limite, Perls resgata da psicanálise os mecanismos de defesa neuróticos, que ele denomina distúrbios de limite, a introjeção, projeção, confluência e retroflexão. O autor, por meio desses quatro mecanismos, quer estudar os eventos psicológicos que ocorrem ‘no limite de contato’, considerando “os pensamentos, ações e emoções as formas de se vivenciar e encontrar esses fatos limítrofes” (p.31).

É um texto mais simples e fluido, no qual Perls se refere ao “indivíduo” ou à “pessoa”. O termo organismo só é usado em referência ao processo da autorregulação. Nesse livro, não fica claro como Perls iria articular a teoria do *self* do *Gestalt-terapia* (1951/1997) e a teoria da neurose apresentada aqui. Perls também se omite quanto às noções como ego ou *self*, distanciando-se da teoria da personalidade, com a qual apresentou o *Gestalt-terapia* (1951/1997). Como vimos em relação a outros conceitos, a omissão não significaria abandono, mas uma falta de sistematização e continuidade. Essa abordagem da neurose é apresentada fundamentada numa abordagem de campo – a pessoa no seu ambiente como uma totalidade e a terapia com foco na recuperação da capacidade pessoal de interagir de forma mais integral e criativa, mediante a conscientização do processo individual figura-fundo.

5 – Considerações Finais

“Um andarilho: Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final; pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular, nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem”. F. Nietzsche¹¹⁶

5.1. O caminho da inquietação

“Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”.
Guimarães Rosa

Não podemos deixar de considerar que nossa crença na força terapêutica da Gestalt-terapia nos incentivou a empreender esta tarefa, acreditando que um movimento crítico nos possibilitaria repensar a abordagem ampliando os horizontes teóricos, desconstruindo velhas crenças, conceitos ultrapassados, revelando hábitos teóricos enrijecidos e empobrecedores.

Perls, com razão, em 1969, se preocupou com a teoria que estava deixando (1969b, 1969c, 1969/1976, 1969/1979, 1973/2012a). Tellegen (1984) conseguiu traduzir isso ao dizer que o processo de vida pessoal de Perls foi mais rico que sua obra. Não são poucos os autores, nos quais nós nos incluímos, que recorrem ao processo de criação de Perls para resgatar coerência teórica, rediscutir seu objeto e clarear o panorama.

O exame da trajetória de vida de Perls nos revela fatos interessantes, se a retomarmos em perspectiva. Do ponto de vista cultural, as experiências de vanguarda do início do século XX vividas por Perls nos pareceram fantásticas. Perls, em sua autobiografia, havia mencionado seu intenso envolvimento com os movimentos culturais, artísticos e políticos de sua época, mas é a história de sua geração que nos

¹¹⁶ Nietzsche, F. (2000). *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. SP: Cia das Letras, p. 306, Op 638.

esclarece como aquilo transformou o mundo radicalmente — Perls esteve no centro dos movimentos que foram significativos na desconstrução do mundo do século XIX e na construção do século XX. Por meio desta pesquisa foi possível conhecer a dimensão existencial desse movimento transformador.

Outro aspecto que nos chamou a atenção é o longo e intenso período da vida de Perls dedicado à Psicanálise, o que nos surpreendeu. Perls procurou os melhores centros de estudo e discussão da Psicanálise de sua época e renomados analistas e supervisores. Dentro de um sistema ainda em construção, ele não mediu esforços ao ter que refazer muitos passos para finalizar sua formação psicanalítica, em parte devido ao seu alinhamento com o pensamento político de esquerda e sua afinidade com o pensamento revisionista psicanalítico, além, é claro, da situação da II Guerra e do exílio. De certa forma, Perls se submeteu aos que detinham o poder, foi paciente, dedicado e persistente bem diferente da imagem que temos dele na Gestalt-terapia a partir dos vídeos e dos relatos de seu trabalho nos Estados Unidos.

A história da Europa e do mundo de sua época nos forneceu alguns fatores que podem ter transformado sua inquietude, curiosidade e interesse variado pela vida em impaciência, insatisfação e em um certo jeito irascível que Perls passa a ter. Entre esses fatores, destacamos as experiências das duas guerras mundiais — uma vivida na guerra de trincheiras, outra causadora do seu exílio com trágicas perdas —, numa escalada crescente que atingiu amigos, parentes, pátria, língua e raça. Essa proporção é descrita por Zweig (1970) como a passagem dos quatro cavaleiros do apocalipse sobre aquela geração: e destaca que o mundo eurocêntrico se desfez, alterando radicalmente o cenário mundial. Perls passa a fazer parte da geração de judeus alemães que se tornaram os primeiros “estrangeiros universais”: “os judeus adentraram os tempos modernos já escalados para encarnar a ambiguidade” (Bauman, 2011, p. 289). Vemos em Perls as características de uma geração que experimentou o desapego de todas as raízes, o viver *o hoje* tão intensamente quanto possível com uma ruptura com *o ontem*, e o estabelecimento de relações intensas, mas instantâneas e provisórias. Nas palavras de Zweig (1970),

sou onde quer que me encontre, um estrangeiro, e, no melhor dos casos, serei um hóspede; até minha pátria propriamente dita, a eleita do meu coração, a Europa, até essa eu perdi, a partir do momento em que ela, pela segunda vez, se despedaçou numa guerra fratricida, que equivale ao seu suicídio (p. 13).

Nesse mundo pós-guerra e em guerra, a Psicanálise, que se apresentou a Perls tão pujante nos anos vinte e trinta, já não poderia mais responder ao sofrimento das pessoas, num mundo em transformação pela crueldade das guerras e do extermínio étnico. As questões relativas à agressividade, destruição e aniquilação saltavam aos olhos. Perls não poderia se conter dentro de um sistema construído em referência ao século anterior. É quando ele inicia a revisão da Psicanálise. Mas é uma proposta sem interlocutores dentro do sistema, em parte porque feita com imperfeições, apressada, e com erros teóricos de interpretação. No seu mundo na Alemanha, tudo isso seria aperfeiçoado nas calorosas e frequentes discussões nos cafés, mas, no mundo pós-guerra, Perls teria que apresentar um produto mais bem acabado para que pudesse ser considerado.

O mundo continua a mudar, e Perls, nos Estados Unidos, pode viver outras experiências culturais e pessoais marcantes, mas sem o enraizamento das experiências europeias. Perls foi acrescentando novidades de um mundo em ebulição, sem a preocupação de transformar esse rico material experienciado em um sistema teórico coerente. A assimilação foi pessoal, visto seu rico *background* e, portanto, intransferível. E isso repercutiu diretamente na herança que ele deixou na Gestalt-terapia.

5.2. Reinterpretando as raízes

“Todos os conceitos têm certidão de nascimento, nasceram em contextos precisos, têm a marca e os limites de seu tempo, e foram criados para atender a expectativas ou necessidades humanas”. Bezerra Jr.¹¹⁷

O resgate das raízes filosóficas e científicas europeias e americanas, empreendido por estudiosos da abordagem a partir dos anos 80, enriqueceram a Gestalt-terapia ao reintroduzir a perspectiva holístico-semântica à formulação do pensamento de Perls, trazendo de volta a sua releitura através da ótica de Smuts, Goldstein, Lewin e Psicologia da Gestalt. O que a Gestalt-terapia não fez foi esse resgate a partir da Psicanálise, conforme feito originalmente por Perls. Cremos que a ironia e o descrédito de Perls em relação à Psicanálise clássica e a Freud em particular obscureceram a riqueza e a intensidade da sua formação psicanalítica e, portanto, dificultaram uma avaliação pertinente dessa influência no desenvolvimento da Gestalt-terapia. O que encontramos nessas críticas, e que para nós havia passado despercebido, é que Perls foi claro e enfático naquilo que discordava da psicanálise, mas omissos em apontar aquilo que havia assimilado e incorporado.

Vários autores gestálticos vêm insistindo na necessidade de revisão da influência da psicanálise na construção – e não só na desconstrução – do pensamento de Perls. Ainda de forma incipiente, este trabalho colabora nesse processo. Aproveitamos para apontar que o pensamento em relação a Reich ainda está subaproveitado. Frente às críticas de Perls à teoria da couraça muscular e, posteriormente, a crítica ao “pele-vermelhismo gestáltico”, muito do pensamento sobre a resistência corporal sob a ótica reichiana ficou negligenciado. Além disso, a atualização do estudo da semântica tem passado despercebido, e os estudos da neurociência, da programação neurolinguística e de Lacan estão aí para nos lembrar de sua relevância.

Posteriormente, vimos na Gestalt-terapia o resgate da perspectiva fenomenológica atualizada em Merleau-Ponty. Desse modo, incorporou-se aos estudos

¹¹⁷ Bezerra Jr., B. (1994) Descentramento e sujeito – versões da revolução copernicana de Freud. Em: Costa, J. F. (Org.), *Redescrições da psicanálise – ensaios pragmáticos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

anteriores a dimensão temporal e dinâmica no que diz respeito à subjetividade ambígua e temporal dos processos perceptivos e intersubjetivos. Arte, corpo e criatividade foram conceitualmente reintegrados à teoria e prática gestáltica e tornaram-se temas estudados dentro da abordagem de forma enriquecedora.

5.3. Considerações: um panorama fragmentado

A história da vida partida pode ser narrada apenas em fragmentos. Rilke

Procuramos apresentar um panorama da produção de Perls em livros, de forma que pudéssemos pontuar as afinidades e discordâncias entre as obras, assim como a evolução dos principais conceitos revisados e inovados por ele.

Aquilo que vinha sendo apontado pelos estudiosos de Gestalt-terapia como fragmentário em sua produção pode ser visto no pouco diálogo conceitual que as obras apresentam entre si, provocando uma descontinuidade na definição dos principais conceitos utilizados. Perls, em cada obra, não retoma as ideias da obra anterior de forma a atualizá-las dentro de um novo contexto. Os conceitos, às vezes idênticos, de uma obra para outra são utilizados revisados ou aparentemente em outro sentido, sem uma consideração explícita com sua utilização anterior. Novos conceitos, embora pareçam representar uma elaboração de ideias anteriores, não apresentam sua continuidade ou diferenciação em relação à ideia que parece ser a originária daquele novo pensamento.

Perls, de uma obra para outra, deixa de se referir aos fundamentos que foram referenciais anteriormente, como, por exemplo, Friedlaender e Smuts, que, embora ocasionalmente lembrados, não têm suas ideias seminais atualizadas e, sem justificativa, deixam de ser citados. Também conceitos, que em um livro são fundamentais, são omitidos posteriormente, como, por exemplo, em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002) os conceitos função e energia são descritos funcionalmente. “Função” recebe um conceito que abarca tanto um evento quanto sua força propulsora, sua dinâmica; e “energia” refere-se a um aspecto de uma função. Perls diz: “*Neste livro, quando utilizo a palavra ‘energia’ quero dizer um aspecto de uma função. A energia é imanente ao evento*”

(1942/2002, p. 54)¹¹⁸. Perls não se atém à própria diferenciação entre energia e função e, no decorrer do capítulo, as utiliza como se fossem sinônimas, referindo-se a “função ou energia”, em uma confusão conceitual entre a parte e o todo. Nas obras seguintes, Perls continuará se referindo a diversas funções e à energia, parecendo inspirado nesse primeiro estudo, mas não explicita quais alterações essa conceituação recebeu como, por exemplo, a noção de catéxis que, descrita no livro de 1942/2002, vai reaparecer na obra de 1973/2012a de forma condensada.

Essa impressão fragmentária dificulta muito o entendimento do pensamento de Perls em perspectiva, dando a impressão ao leitor de saltos e vácuos conceituais; por exemplo, o conceito de *awareness*, considerado fundamental na abordagem, introduzido na primeira obra de Perls a partir de uma releitura de Smuts. No decorrer das obras de Perls e, posteriormente, no desenvolvimento da Gestalt-terapia, o conceito de *awareness* não foi objeto de um tratamento teórico coerente, e cada autor passou a usá-lo numa concepção pessoal, o que evidentemente gerou controvérsias desnecessárias.

O que parece agravar um pouco o problema com essa descontinuidade conceitual é que no *Gestalt-terapia* (1951/1997) procurou-se por meio da linguagem fenomenológica, privilegiar o processual, o *como*, e, desse modo, Perls et al. (1951/1997) se valem de descrições parciais, momentâneas e provisórias, em que cada conceito é apresentado em uma de suas facetas, conforme a dinâmica do contexto do qual se fala. Desse modo, temos mais expressões descritivas do que definições conceituais, o que dificulta muito os estudos do significado dos principais conceitos empregados, tais como ego, ego insubstancial, *self*, pessoa, indivíduo, organismo, necessidades, funções de ego, funções de fronteira, distúrbios de limite, etc. Será preciso um trabalho cuidadoso de genealogia conceitual se quisermos recuperar o desenvolvimento da concepção de Perls sobre cada um deles. De qualquer forma, o pesquisador, quando se referir a um deles, terá que definir qual o referencial teórico que está sendo utilizado.

¹¹⁸ Itálicos do autor.

Em suas obras escritas em 1969, Perls não se refere à Teoria do Ego, conforme proposto em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), ou à Teoria do *Self*, conforme o *Gestalt-terapia* (1951/1997). Isso deixou em aberto a questão se a omissão se devia ao abandono das ideias ali desenvolvidos ou se Perls estava examinando as questões por outro prisma. Porém, o fato de ter publicado novas edições dessas obras anteriores, com introduções em que reafirmou sua atualidade, deu-nos a impressão de que a segunda opção se encaixa melhor no perfil teórico de Perls. Quando Perls (1951/1997) examinou o aspecto processual (ou funcional) da personalidade, ele não fez referência ao aspecto estrutural analisado anteriormente (1942/2002). Porém, se considerarmos ambas como referentes à personalidade, talvez possamos considerá-las parte de um conjunto.

O exame das obras cronologicamente não nos pareceu conclusivas do pensamento do autor. O pensamento de Perls precisa ser entendido, primeiramente, no contexto em que foi elaborado, para, posteriormente, ser inserido dentro de um conjunto. O exame das obras de 1969, inéditas e reeditadas, mostra um conjunto, mas sem continuidade teórica entre elas, pois, em cada etapa, Perls apresentou um aspecto do que queria falar, caracterizando uma ausência de rigor conceitual no conjunto e, por isso sem organicidade. Parece-nos que Perls deixou muitas ideias interessantes como pedras ainda no seu estado bruto, sendo necessário para sua sistematização um trabalho de lapidação.

5.4. A busca teórica de Perls

*“A person isn't who they are during the last conversation you had with them
- they're who they've been throughout your whole relationship”.* Rilke

Em seu último manuscrito, *A abordagem gestáltica* (1973/2012a), Perls afirmou que escrevia aquele livro a “partir da crença de que o homem pode viver uma vida mais plena e rica. (...) Foi escrito a partir da convicção de que o homem não começou ainda a descobrir o potencial de vida e energia que nele repousa” (1973/2012a, p.13). Essa preocupação aparece em todos os seus livros, nos quais Perls sempre demonstrou sua

preocupação com o resgate das forças vitais inerentes que proporcionam ao ser humano seu interesse pela vida. Assim, podemos inferir que Perls procurou, em suas obras, construir uma teoria e prática psicoterapêuticas que refletissem sua busca por “uma vida plena e rica”, inserida num contexto de liberdade e autodeterminação, conforme os ideais de sua geração.

Podemos pensar que essa busca inicialmente o levou à Psicanálise, pois esta representou uma grande quebra de paradigma nas ciências de seu tempo porque ela trouxe, de forma pioneira, o conhecimento de que há no homem muito mais do que o racional, que partes desconhecidas da consciência regem a maior parte das nossas emoções, sentimentos e pensamentos, e, portanto, nossas ações. A possibilidade de investigação dessas forças foi um dos motivos do grande interesse e dedicação de Perls à Psicanálise e correspondia aos ideais artísticos e filosóficos de sua geração expressionista. Para Perls, a descoberta de Freud fez todo o sentido, mas foi pouco para ele, pois a Psicanálise clássica desconsiderava em sua prática dois valores, o engajamento político e o estudo das forças do ambiente em conflito com o desenvolvimento pessoal. Desse modo, fica justificado seu posicionamento com o movimento revisionista freudiano, e com a esquerda freudiana.

Assim, Perls passou a criticar, na psicanálise clássica, a limitação da expressão de sentimentos e emoções, em outras formas além da narrativa. A Psicanálise freudiana clássica não lidava diretamente com o corpo, era o corpo narrado, não o corpo vivido. Além disso, a teoria freudiana continuava a centrar-se em um tema, a sexualidade, enquanto que o mundo passava a pulsar em outro tom de forma gritante. Para Perls, o interesse voltou-se para a vivência do momento presente, as sensações e sentimentos, a busca do intuitivo e espontâneo, o poder da atividade criativa, o contato direto com o conflito entre natureza e realidade, em que o mais importante pudesse ser a experiência interior de cada um. Mais do que isso, o método freudiano clássico tirava do paciente a autonomia de busca e investigação, delegando a outro a leitura de si mesmo. Além disso, o alinhamento político conservador da psicanálise contrastava com os mais caros ideais de Perls, a respeito das liberdades humanas e promoção de uma sociedade mais

igualitária. Valores imprescindíveis para sua geração não encontravam eco na clínica psicanalítica – a busca por um entusiasmo autêntico e vital pela vida –, o que construiria o caminho para uma vida vivida em plenitude e, por isso, validaria o sentido de uma existência.

A chegada aos Estados Unidos provoca mais urgência em Perls na sua busca por respostas às questões existenciais, principalmente àquelas ligadas à determinação pelo homem, do seu destino. O encontro com Paul Goodman, o contato com a contracultura americana, a reconsideração das propostas existencialistas e da fenomenologia provocam o rompimento definitivo com a psicanálise e a insatisfação com os grupos neofreudianos, apesar da evidente afinidade. O resultado é a elaboração, em 1951, de uma nova proposta, voltada diretamente para a questão do crescimento da personalidade humana, aliada às questões do “excitamento”, o que entendemos como aquilo que pode prover ao homem uma vida rica e plena de sentido.

Porém, a teoria de 1951 ainda não se revelou suficiente, pois Perls buscava a síntese de uma abordagem que incluísse as três esferas pelas quais o homem se coloca no mundo, o pensamento, o sentimento e os afetos. A proposta de uma personalidade “inteira e integrada”, proposta no *Gestalt-terapia* (1951/1997), ainda carecia de ferramentas teóricas e práticas para alcançar a amplitude que Perls sonhava para trabalhar na integração daquelas esferas. Perls pareceu encontrar essas novas ferramentas nos vários movimentos com os quais manteve contato, principalmente em Esalen, que, como sabemos, tornou-se um polo de convergência das inovações da psicologia humanista dos anos sessenta. Na sua obra póstuma (1973/2012a), Perls retoma a questão da liberdade de escolhas, das possibilidades de agir no mundo de forma mais ampla e, com isso, o enriquecimento das experiências na vida diária.

Podemos, de forma provisória, destacar que uma das propostas centrais de Perls refere-se a uma teoria de personalidade, um tema constante nas obras examinadas. Perls busca insistentemente formas de integração de aspectos da personalidade, mediante a superação dos conflitos dicotomizantes, que levam o indivíduo a uma viver desconectado de si mesmo e dos outros e, portanto, sem possibilidades de excitamento e

crescimento.

Ao longo de suas obras, Perls trata dessa questão em suas várias formas, e em cada uma de suas propostas teoriza sobre a (re)construção de aspectos da personalidade, descrevendo seus processos, tanto de desenvolvimento quanto de bloqueios, na relação do indivíduo com seu mundo.

O referencial holístico-gestáltico, baseado no conceito de personalidade, deu a Perls a possibilidade teórica de incluir as três esferas da interação do homem no mundo, nomeadas por ele: pensamento, sentimento e ação. A personalidade holística e gestáltica, abordada em qualquer uma das suas três esferas, permitiu a Perls teorizar além do psíquico e, com isso, incluir os sistemas que funcionam de modo dualístico, o psíquico e o somático, mente e corpo, consciente e inconsciente.

Na teoria, essas dimensões foram articuladas por Perls em dois sistemas de entrar em contato com o mundo, o sistema sensorial – para orientação –, e o sistema motor – para manipulação. Perls enfatizou e buscou as formas de equilíbrio entre esses sistemas, entre o sentir (orientação) e o agir (manipulação). Em cada uma das obras, Perls estudará as diversas funções orgânicas reguladoras tanto do sistema sensório-motor quanto do sistema perceptivo, as quais contemplam as esferas dos sentimentos, pensamento e ação.

Dessa forma, inicialmente Perls buscou a integração da personalidade, trabalhando aqueles aspectos dicotomizados resultantes dos conflitos que se estabelecem entre o indivíduo e a sociedade. Para Perls, esses conflitos afetam as possibilidades de crescimento de um indivíduo e, por isso, são objeto de sua teoria e prática. Teoricamente, Perls concebe esses conflitos na dimensão dos processos adaptativos, considerados por ele, ontologicamente, como primordiais.

A personalidade em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002) foi analisada pelo aspecto das repressões que atingem a função da energia agressiva dos instintos de fome e defesa. Esses instintos foram considerados primordiais e antecedentes na formação da personalidade, pois, por meio da função da agressão – como forma de direcionamento da energia do instinto da fome e defesa – inicia-se a construção de aspectos da

personalidade no que ela tem de subjetivo e peculiar. No segundo livro, *Gestalt-terapia* (1951/1997), a noção de personalidade é mais ampla, pois ela é analisada pela função de prover excitação e crescimento à pessoa – onde a função orgânica do *self* é responsável pela autorregulação orgânica. Embora as três esferas da personalidade sejam contempladas nessa obra, Perls vai experimentar em outras abordagens as diversas formas de se trabalhar qualquer uma dessas dimensões, o pensamento, o sentimento, a ação, principalmente as práticas que incluíam a integração consciência-corpo, razão e emoção e pensamento-sentimento. Perls incorporou as novas técnicas no trabalho prático de forma a conseguir propor uma ampliação teórica, o que infelizmente não aconteceu. Perls deixa o esboço de uma teoria da neurose (1973/2012a) como forma de entendimento dos entraves na integração que um indivíduo enfrenta. Ele deixa aos leitores todas as obras sem a interlocução conceitual necessária, mas com a pretensão de oferecer uma síntese do que as escolas tinham a propor no entendimento de uma personalidade saudável.

Por outro lado, Perls considerou que na sua prática ele conseguiu a interlocução coerente entre as várias teorias que ele produziu, e acreditava que sua prática era embasada, teoricamente, nessas teorias de forma integrada. Em 1969, na obra *Gestalt-terapia Explicada* (1969/1976), Perls disse que conseguiu integração como profissional, embora não tenha tido o mesmo êxito no pessoal:

Eu não sou Deus, eu sou um catalisador. (...). Esta é a minha existência como terapeuta, no papel do terapeuta. Ainda não consegui fazer isto com outras partes da minha vida. ... A verdade é que eu estou tão feliz com os meios de integração que a minha própria integração é incompleta. (Perls, 1969/1976, p. 107)

Em 1969, em Cowichan, Perls pretendia, por meio da observação da sua própria atuação nas gravações dos *workshops*, resgatar a teoria na qual se apoiava. Ele sabia que não era milagre o que fazia, que havia consistência teórica sustentando aquele trabalho, mas infelizmente parece-nos que essa teoria estava somente na dimensão do intuitivo. Perls não soube transpor sua prática para uma teoria consistente e coerente, de forma que a sua proposta pudesse ser estudada e desenvolvida nas gerações seguintes. As

várias possibilidades de prática clínica estão apontadas ao longo de todas as obras, seja tratando-se da reintegração das funções mente-corpo, seja a integração visando a fronteira sensação-emoção ou a dualidade razão-emoção. Livremente e intuitivamente, Perls utilizou-se das teorias e técnicas com as quais tinha familiaridade como, por exemplo, as teorias e técnicas corporais – tanto a abordagem comportamental como aquelas de origem reichiana no trabalho de integração corpo-consciência. Se o conflito estava estabelecido na esfera dos papéis e autoimagem, Perls recorria às técnicas do Psicodrama; se o propósito terapêutico envolvia pensamento-palavra, Perls se utilizou da teoria da semântica e da psicanálise; para os distúrbios de limite de contato do indivíduo, Perls se utilizou da teoria psicanalítica dos mecanismos neuróticos, e assim por diante. Perls recorreu ao seu arsenal teórico que, de forma intuitiva, ele sistematizou na prática.

Já no final de sua vida, Perls manifestou seu interesse e preocupação com as questões primeiras da construção da individualidade, embora essas questões já tivessem sido apontadas nos seus livros anteriores. Parece-nos que em relação às obras de Perls esse trabalho de reintegração ficou para as gerações futuras, que têm enfrentado esse desafio.

5.5. Algumas considerações conceituais

“Os erros teóricos fundamentais são invariavelmente caracterológicos”. (Perls et al., 1951/1997, p. 56)

Tendo em vista a necessidade de manter a coerência na perspectiva teórica das obras de Perls, precisamos reconsiderar alguns conceitos relevantes.

Organismo total

Parece que a Gestalt-terapia esqueceu-se de uma das lições sobre a totalidade, na busca de uma forma de trabalhar que incluísse “o homem como um todo”, ou “o homem em sua totalidade”. Ficou esquecido que o homem só se mostra por facetas e que só será abordado por uma pequena fresta nessas facetas. Perls já se referia a isso ao falar do

trabalho de recondicionamento físico de Ida Rolf; ele mesmo se questionou se isso seria aceitar a dicotomia físico/mental. Sua resposta é clara:

Não, não é isso. O organismo é um todo. Assim como você pode abstrair a função bioquímica, comportamental, experiencial, etc., e escolher uma esfera específica de interesse, da mesma maneira você pode abordar o organismo total sob diferentes aspectos, contanto que perceba que qualquer modificação, em qualquer esfera, produz modificações em qualquer outro aspecto correspondente. (1969/1979, p. 198).

A Gestalt-terapia ainda precisa nomear as diversas esferas com que trabalha na clínica e desenvolver uma conceituação e metodologia correspondente a cada uma delas, se quiser incluir as várias possibilidades de trabalho clínico apontados por Perls.

A caminho da mudança - a agressão

Quando Freud começou suas investigações, tínhamos uma sociedade patriarcal, solidamente estabelecida com padrões morais rígidos, incidindo principalmente no controle da sexualidade, em especial das mulheres. Perls é da geração seguinte, que passou por duas guerras inimagináveis, judeu alemão que viu sua raça e sua pátria serem destruídas numa escala impensável. Ambos vivem culturas e tempos muito diferentes, e seus olhares serão dirigidos para os temas envolvendo o sofrimento psíquico de sua época – um estudará a sexualidade, sua complexa organização, seus tabus, as vicissitudes de seus caminhos e o outro estudará a agressão como força natural e como força patológica a serviço da vida ou a serviço da aniquilação. Ambos tentavam decifrar o que o mundo lhes apresentava de enigmático nas forças que atuavam de forma desconcertante no ser humano. Os temas, sexualidade e agressão, revelam diferentes aspectos do eterno conflito entre indivíduo e sociedade. Porém, parafraseando Bauman (1998)¹¹⁹, em Freud o indivíduo abria mão do seu quinhão de felicidade por um

¹¹⁹ Nas palavras de Bauman (1998): “(...) a antiga norma [de Freud, em *Mal-estar na civilização*] mantém-se hoje tão verdadeira quanto o era então. Só que os ganhos e as perdas mudaram de lugar: *os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade*” (p. 10). Itálicos do autor.

pouco de segurança, em Perls, o indivíduo abria mão da segurança por seu quinhão de excitação.

Frente aos desafios da contemporaneidade, acreditamos que a releitura desses temas, agressão, fome e defesa, será pertinente para reintroduzir a questão do corpo, sob perspectivas mais amplas da que o corpo teórico da Gestalt-terapia permite fazer atualmente de forma coerente. Vemos que, com muita propriedade, Perls conseguiu perceber a relação entre “alimentação e defesa” observando-se o que elas partilham no corpo – a energia agressiva a serviço de ambas de forma inalienável. Temas referentes ao corpo e à alimentação e violência são urgentes na clínica contemporânea. A contemporaneidade na clínica aponta esse entrecruzamento, distúrbios da alimentação e da violência, no corpo próprio e de outrem, representados no corpo e pelo corpo.

5.6. O conjunto da obra: uma proposta de articulação

Apesar da mencionada descontinuidade teórica entre as obras, apresentaremos algumas possíveis linhas de integração entre elas, considerando que, ao longo de suas obras, Perls manteve, como fio condutor, a noção de neurose como o sintoma de um conflito entre o indivíduo e a sociedade, conforme anunciado por Freud em *Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]/1996), e revisado por Reich em *Análise do Caráter* (1933/1975). E as teorizações que Perls propôs ao longo das suas obras apontam para uma procura de superação da dicotomia que atinge o indivíduo nos sistemas que funcionam de forma dualística, de forma a recuperar a inteireza e integridade na personalidade humana. A integração se torna o tema permanente com foco na recuperação da dialética da vida

Inicialmente, Perls se propõe a abordar esse conflito mediante o resgate das dualidades dicotomizadas neuroticamente. A especificidade do conflito que Perls identifica em 1942 recai sobre a repressão das forças agressivas que deveriam estar a serviço dos instintos de autopreservação da fome e da defesa. Desse modo, Perls considerou que, na neurose, a energia agressiva se encontrava distorcida de seu caráter

funcional biológico, e o autor identificou a evitação como o sintoma básico desse conflito. Para Perls, o trabalho clínico precisava reintegrar essas funções organísmicas.

Na obra de 1951, o tema da dicotomização neurótica das funções organísmicas de autopreservação se amplia para outras dualidades fundamentais, já numa linguagem fenomenológica, o que lhe permitirá descrever o funcionamento organísmico e suas defesas. Conforme já vimos, Perls et al. (1951/1997) nomearam uma série de dualidades identificadas como dicotomizadas na cultura daquela época¹²⁰. A proposta dos autores é que elas também deveriam ser objeto de reintegração pelo trabalho clínico. Foi dessa perspectiva que os autores elaboraram a "teoria do *self* e sua ação criativa" (Perls et al., 1951/1997, p. 54).

Isso nos leva a considerar que a clínica gestáltica deverá estar sempre atenta às formas como cada cultura lida com a ambiguidade presente nos paradoxos de suas dualidades inalienáveis. Entre as indicações de temas para pesquisa, de forma a atualizar as questões contemporâneas na Gestalt-terapia, poderemos nos perguntar: Quais dualidades que hoje precisariam ser recuperadas? Quais os impasses que chegam hoje à clínica gestáltica? O que escapa a ela, isto é, o que podemos observar no meio ambiente à nossa volta, e que não encontra ressonância na prática clínica gestáltica?

No seu último livro, apenas esboçado, *A abordagem gestáltica* (1973/2012a), Perls apresenta uma Teoria da Neurose, como ainda não havia feito, relacionando o trabalho terapêutico à identificação das diversas camadas neuróticas, até alcançar o impasse, que paralisa ou dificulta o modo de ser daquele indivíduo no mundo. Talvez essa concepção fosse receber de Perls um maior aprofundamento teórico, que incluísse outras conceituações que não apareceram nas obras inéditas de 1969. Essa aparente descontinuidade levanta algumas questões, tais como: De que contexto teórico Perls está falando aqui? Perls refere-se a uma teoria da neurose na perspectiva de uma teoria da personalidade? Sendo assim, estaria Perls referindo-se a uma neurose relacionada à estrutura da personalidade? Isso poderia dizer que, Perls, em 1969, volta a se preocupar

¹²⁰ Conferir em Perls et al. (1951/1997, pp. 54-56) a relação das dualidades dicotomizadas neuroticamente e cuja proposta de reintegração constitui o plano do livro

com questões estruturais, como na obra *Ego, Fome e Agressão* de 1942. Será que o interesse em novos temas anunciados por ele, tal como os buracos da personalidade, exigira dele o resgate da perspectiva estrutural em um trabalho que até então focava o funcional? Será que Perls, em 1969, iniciava teoricamente um resgate conceitual do trânsito entre o estrutural e o processual, como fizera em 1951 com a autopreservação? Para discutirmos essa possibilidade teórica, precisamos antes considerar as publicações de 1969 e o que elas apontam de novidade. Entendemos que Perls apontou nessas obras um trabalho clínico para outras modalidades de sofrimento psíquico, além daqueles em decorrência dos conflitos dicotomizantes (ou neuróticos).

5.7. Além do conflito: novos desafios clínicos

O que nos chama atenção é o fato de o conjunto da obra de Perls ser publicado em 1969. O que isso poderia dizer? Naquele mesmo ano, Perls (1969c/1997; 1969/1976) declara, por mais de uma vez, outros interesses além da compreensão da neurose. A neurose, segundo ele, seria um dos sintomas da estagnação do crescimento. Perls relacionou como outros sintomas da estagnação do crescimento a esquizofrenia, os buracos da personalidade, a manipulação do mundo, distorções de caráter e a loucura (Perls, 1969c/1997). Será que os novos temas que Perls se propõe a pesquisar exigiam aquelas teorias que o próprio Perls havia relegado e desconsiderado das obras anteriores, *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002) e *Gestalt-terapia* (1951/1997), e que no ano de 1969 volta a publicar?

Parece-nos que sim, pois nelas identificamos ferramentas teóricas para se pensar esses novos temas, em novos tempos. Se pudéssemos dar a elas uma articulação orgânica, suas obras poderiam se constituir como partes de um conjunto em que cada uma delas nos daria condições de examinar determinados aspectos da personalidade.

Em 1942, o tema para Perls era a energia agressiva que, mediante mecanismo de defesa de evitação, encontrava um caminho ‘neurótico’ de sua realização. O conflito neurótico resultante da evitação dividia a personalidade, e a energia agressiva reprimida

desviava-se de sua função original, mas conservava seu poder ‘destruidor’ representado pela violência. A proposta terapêutica era a tomada de consciência das diversas formas dessa evitação, e Perls construiu para esse trabalho a proposta da **Terapia de Concentração**. Mas a clínica revelou a Perls que isso não era suficiente; nem a quebra de resistência via teoria reichiana, nem a conscientização via trabalho de *awareness* resultava em uma personalidade mais integrada. A integração não acontecia a partir da conscientização do que e de como estava sendo evitado. Perls então desenvolveu a *Planned Psychotherapy* com a proposta de **Terapia de Integração**, em que os conflitos resultantes das dicotomias eram tornados conscientes, *aware*, para então serem integrados à personalidade. Mas parecia faltar uma forma terapêutica de transformar em movimento aquela integração.

O encontro com Goodman e as experiências culturais e artísticas norte-americanas acrescentaram ao pensamento de Perls a possibilidade de retomar teoricamente o espírito de busca das experiências filosóficas e culturais europeias. Perls procurava uma forma de inserir na teoria e prática psicoterápica os temas que na sua juventude europeia foram relacionados ao *élan vital*, tais como a intuição, o não-racional, o espontâneo, a criatividade, autorrealização, busca de si mesmo, desestruturação dos papéis sociais, autenticidade, etc.

A leitura fenomenológica de 1951 (Perls et al., 1951/1997) permitiu a ele repensar a noção de Ego, com uma nova proposta – o self como processo na fronteira organismo/ambiente, autor da inserção e exclusão no contato do organismo com as novidades do seu meio e, portanto, autor do crescimento, e portador daquelas características almejadas por uma personalidade integrada e autêntica. Assim, o pensamento de Perls (1951/1997) se amplia em 1951 para descrever as vicissitudes do processo de contatar (as suas interrupções e dificuldades) e também de entender o processo de crescimento da personalidade em um funcionamento saudável, promotor do

excitamento e crescimento da personalidade humana¹²¹. Esta é a grande novidade que Perls et al. (1951/1997) apresentam por meio do processo saudável de desenvolvimento pessoal. Esse processo é descrito na teoria do *self* (Perls et al., 1951/1997). A proposta terapêutica correspondente é a *Mobilização do Self*, com a descrição do trabalho do *self* de orientação e manipulação¹²². Essa proposta inclui o resgate na personalidade das partes dicotomizadas pelos vários processos de defesa (não só a evitação), e o conseqüente distúrbio no processo do *self* de contatar a si mesmo e o meio ambiente, de uma forma ampliada da teoria em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002). Perls et al. (1951/1997) ainda estão falando de conflito na personalidade, e o trabalho terapêutico ainda visa à conscientização das dualidades dicotomizadas. O trabalho do *self* possibilitaria o resgate da função organísmica holística e, como consequência, a retomada do processo de crescimento.

O conceito de personalidade

Nessa etapa de 1951, emerge outro tópico interessante a ser mais aprofundado, o conceito de personalidade. Ao inserir a filosofia de Smuts (1926/1996) sobre holismo e evolução ao aspecto estrutural freudiano, Perls começa a esboçar uma teoria da personalidade sob essa perspectiva. Em 1942, ele propõe uma técnica terapêutica que restaure a totalidade da personalidade por meio da superação das dicotomias que incidiam sobre as funções agressivas da autorregulação organísmica. Essas dicotomias cindiam dualidades fundamentais que davam o sentido de totalidade à existência, representadas pela personalidade. É essa a concepção de personalidade holística. Parece-nos que a partir daí Perls esteve sempre falando de personalidade, e a terapêutica proposta em cada uma das suas obras visavam à recuperação dessa totalidade, inteireza

¹²¹ Insistimos na necessidade de se retomar os conceitos envolvidos no subtítulo da obra de Perls et al. (1951/1997): *crescimento e excitamento na personalidade humana*. Uma definição mais precisa desses conceitos complementaria o resgate da vinculação da teoria gestáltica às teorias de Reich, Horney, Smuts, Goldstein e Psicologia da Gestalt.

¹²² No original: *Mobilizing the Self, Orienting the Self, Manipulating the Self*, em Perls et al. (1951/1994), Vol 2, pp. 249-468.

e integridade, nas palavras de Perls et al. (1951/1997). É comum se dizer que a Gestalt-terapia não tem uma teoria da personalidade¹²³, mas, a partir desta pesquisa, cremos que isso é um equívoco. Perls, sob a ótica de Smuts, pretende desenvolver uma teoria de uma personalidade holística (integrada). Com essa noção, Perls, inicialmente, amplia o psíquico e substitui o conceito de psicológico pelo organísmico, para que possa abranger as esferas de contato organismo/meio, a totalidade da personalidade, a saber, corpo, mente e alma. Essa pretensão acompanha os outros trabalhos de Perls, e integração, *awareness*, *self*, contato são conceitos que descrevem aspectos dos processos organísmicos na tentativa de contemplar essa totalidade – a personalidade¹²⁴.

A questão estrutural

Este estudo nos indicou que Perls não desprezou totalmente as questões estruturais desenvolvidas em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002). Parece-nos que elas ficaram relegadas, tendo em vista o interesse de Perls em estudar os processos de interrupção de crescimento. Mas quando Perls retoma por duas vezes essa obra, em 1966 e 1969, ele parece insistir na necessidade de resgatar algo daquela teoria que ficou submergida na obra de 1951. Perls não se descartou do sistema freudiano, nem das concepções sobre aparelho psíquico, nem sobre o funcionamento desse aparelho. Ele procurou ajustar alguns conceitos de forma a recuperar a dualidade entre estrutura e função, pois julgava que a Psicanálise havia se dedicado somente à estrutura. Perls propõe o resgate do aspecto processual e, no final de sua vida (1969), parece pretender recuperar ambos, em sua dualidade original. Posteriormente, com o desenvolvimento da

¹²³ Recorro aqui à tradição oral ainda prevalente no meio gestáltico. Essa informação pode ser conferida nos sites de institutos de Gestalt-terapia.

¹²⁴ O conceito “personalidade” precisa ser revisto à luz da teoria de Smuts e do *Gestalt-terapia* (1951/1997). Em Perls et al. (1951/1997), o conceito *crescimento* refere-se a um dos polos da dualidade autopreservação x crescimento, e também ao crescimento como resultado do processo global incluindo o trânsito entre ambos os polos da dualidade em questão. Acreditamos que “personalidade” recebeu esse mesmo tratamento, sendo considerado tanto o órgão da totalidade, representando o indivíduo como um todo integrado com todas suas esferas de funcionamento organismo/meio (a personalidade do título da obra), ao mesmo tempo em que é um dos aspectos do *self*. Esses dois conceitos são usados de maneira muito próxima, mas a sutileza da diferenciação aponta ampliação dos limites teóricos da abordagem.

Gestalt-terapia, houve uma cisão a favor do processual, com a rejeição do conhecimento estrutural proveniente da clínica psicanalítica.

Distúrbios de limite do indivíduo

Acreditamos, ainda de forma muito preliminar, que Perls, com o conjunto de publicações de 1969, procurava uma ampliação do tema do *Gestalt-terapia* (1951/1997), referente aos **processos de fronteira de contato organismo/meio**, que na clínica correspondiam à terapia dos conflitos. No seu manuscrito de 1969, Perls se referiu às questões de **distúrbios estruturais de limite**, uma noção que aparece de forma incipiente nessa obra póstuma publicada em 1973 (Perls, 1973/2012a).

Parece-nos que há uma diferença de perspectiva quando Perls se refere a **distúrbios nas fronteiras de contato entre organismo/meio** (1951/1997) e quando ele passa a falar de **distúrbios de limite do indivíduo** (1973/2012a)¹²⁵. Parece-nos que há aqui um sutil deslocamento teórico. Distúrbio de limite é o mesmo que distúrbio de fronteira? Em 1951, no estudo das fronteiras de contato organismo/meio, Perls et al. (1951/1997) referiam-se a um **entre**, entre organismo e meio, entre eu e tu, é quando o processual e o relacional estavam postos¹²⁶. Mas, quando Perls analisa o limite do indivíduo, parece-nos que está se referindo a aspectos mais idiossincráticos, a uma construção pessoal relacionada a uma constituição e a uma história pessoal combinadas. Poderíamos dizer que os distúrbios de fronteira de contato entre organismo/meio referem-se aos processos de fronteira, e os distúrbios de limite do indivíduo referem-se à estrutura constituída da pessoa.

¹²⁵ Perls em 1973/2011a, retoma os conceitos dos mecanismos de defesa, principalmente introjeção, projeção e retroflexão, estudados por ele em *Ego, Fome e Agressão* (1942/2012). L. Perls indica que são conceitos envolvidos nos distúrbios de fronteira: “These are mainly the concepts that are important to me. Introjection and projection, they are really subject to the boundary concept in Gestalt Therapy” (L. Perls, 1988, p.21)

¹²⁶ Perls et al. (1951/1997) deixaram indicado o aspecto relacional humano na conceituação organismo/meio. Eles destacaram o meio como fundamental no entendimento do humano, porém, a teoria ainda não incluía o outro relacional, sendo ainda num sentido unívoco, de um Eu (no processo *self*) em direção ao outro. Estudos das últimas décadas têm tentado preencher essa lacuna, recorrendo aos teóricos das relações de objeto, a teoria de Buber, e a autores independentes como Alice Miller.

Parece-nos que, ao referir-se a distúrbios de limite do indivíduo, a ótica de Perls se desloca para a problemática da constituição (ou construção) dos limites psíquicos da personalidade do indivíduo que passa a lhe interessar frente aos novos sofrimentos da clínica. Perls identifica distúrbios de limite do indivíduo na esquizofrenia, nos buracos na personalidade, na manipulação do mundo e nos distúrbios de caráter. Perls disse que para estudar a loucura seria preciso integrar a teoria organísmica e a teoria psicanalítica: “Estou interessado – digamos fascinado – em solucionar a charada da esquizofrenia (...). Quanto a isso sigo completamente Kurt Goldstein e Sigmund Freud” (1969/1979, p. 327). Entendemos que Perls se referia a uma teoria que considerasse tanto o processual quanto o estrutural, que precisariam ser considerados em conjunto, para a compreensão daquilo que se apresentava à clínica.

Resgate da dualidade estrutura-processo

Desta forma, esta é uma pista que Perls nos deixou em seus livros publicados em 1969, e acreditamos que esse aspecto conceitual poderia nos dar uma perspectiva interessante para se pensar novas dinâmicas que se apresentam à clínica contemporânea, resgatando a dinâmica estrutura-processo, dicotomizada na história da Gestalt-terapia.

Em 1942, Perls estudou aspectos estruturais organísmicos, relacionados aos instintos de autopreservação. Em 1951, Perls et al., (1951/1997) estudaram aspectos processuais organísmicos, ampliando a perspectiva dos instintos de autopreservação para os sistemas que funcionam de forma dualística. E, nessa discussão, apontamos para a hipótese de que, em 1969, Perls pretendia retomar a dualidade estrutural-processual. Afirmamos isso apoiando-nos na declaração de Perls de que ele não diferenciava estrutura e função¹²⁷. As elaborações teóricas em Gestalt-terapia parecem ter enfatizado posteriormente somente a noção de que Gestalt é processo. Para Perls, ambas são idênticas: “Estrutura e função são coisas idênticas: Mude a estrutura e você mudará a

função; mude uma função, e você mudará sua estrutura” (Perls 1969/1979, p. 225)¹²⁸ — que pode ser explicado pelos princípios da personalidade holística e do funcionamento organísmico baseado na Psicologia da Gestalt, isto é, se você altera uma parte você altera o todo, e o organismo se reajustará no todo a qualquer variação em uma das partes, de forma a manter sua homeostase, seu equilíbrio; este é o trabalho organísmico¹²⁹.

A compreensão da importância das primeiras relações da criança na constituição da identidade e conseqüentemente os distúrbios advindos dessa fase primitiva refletindo na vida adulta não seria um estudo de distúrbios da personalidade? Não estamos falando na clínica gestáltica, de alguma forma, de distúrbio estrutural na personalidade? Sem a rigidez nem a determinação de outrora em relação à teoria de formação de caráter, mas reconceituando a personalidade, conferindo-lhe a possibilidade teórica holística e evolutiva, como aparece em Smuts, talvez a Gestalt-terapia possa abrir uma interlocução com os estudos atuais da psicanálise sobre os distúrbios narcísicos e esquizoides (Green, 1988; Figueiredo, 2003b; Tenório, 2003); com a psicologia cognitiva e a neurociência que, por sinal, já consideram a plasticidade do cérebro de forma muito mais ampla do que poderíamos imaginar décadas atrás. O trabalho de Tenório (2003) é pioneiro ao propor essa interlocução. Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a, 2012b) desenvolvem outras interlocuções interessantes para abordar as questões contemporâneas da clínica neurótica e psicótica, a partir da teoria do *self*.

Precisamos desenvolver melhor a base conceitual da abordagem para a inserção

¹²⁷ O contexto desta afirmação nos permite comparar função a processo.

¹²⁸ Para exemplificar, Perls descreve uma mudança estrutural corporal que aconteceu com ele por meio do trabalho de Ida Rolf, e acarretou mudanças no seu funcionamento respiratório e do coração (Perls, 1969/1979).

¹²⁹ Alvim (2007a), por meio de uma releitura da Gestalt-terapia pela ótica de Merleau-Ponty, aponta para uma formulação que supera teoricamente a dicotomia entre estrutura e processo, conforme parece ter acontecido no desenvolvimento da Gestalt-terapia.

dessas novas descobertas das ciências na teoria como um todo, para manter tanto as características da abordagem como sua coerência. Estaremos tão somente seguindo exemplo de Smuts, Perls, Goldstein, Lewin. Afinal, integração não é uma tarefa fácil, nem rápida, nem feita de uma só vez. Envolve reconhecer a necessidade, olhar e examinar o ambiente, selecionar o que assimilar e o que rejeitar, e integrar. E, como diz Perls, isso leva tempo.

Para sintetizar o percurso teórico de Perls estudado nesta dissertação, apresentamos a seguir três quadros que mostram a trajetória profissional e teórica de Perls conforme descrito nos capítulos anteriores. O primeiro quadro apresenta sua trajetória profissional, como neurologista, psicanalista e gestalt-terapeuta. O segundo apresenta a produção de seus livros nos períodos em que foram produzidos. E no terceiro quadro, de forma condensada, é possível analisar comparativamente o que suas obras estabeleceram como teoria e proposta clínica, em um exame compreensivo de sua trajetória teórica, de forma a recuperar o espírito de sua busca e produção.

1 – Panorama da vida profissional de Perls

Período	Vida profissional
1921 a 1950 (aproximado)	Perls neurologista
1925 a 1947 (aproximado)	Perls psicanalista
1942 a 1948/1950	Perls em transição
1951 a 1970	Perls da Gestalt-terapia

2 – Panorama, por período, dos livros de Frederick Perls: 1942, 1951 e 1969

	Ano	Livro	Objetivo
1º África do Sul	1942	<i>Ego, Fome e Agressão.</i>	Revisão da teoria e do método de Freud.
2º EUA	1951	<i>Gestalt-terapia.</i>	Criação da Gestalt-terapia.
3º Canadá	1969	<i>Escarafunchando Fritz;</i> <i>Gestalt-terapia Explicada;</i> <i>Abordagem Gestáltica</i> (manuscrito); <i>Ego, Fome e Agressão</i> (reedição); <i>Gestalt-terapia</i> (reedição).	Ampliação, revisão e legado da Gestalt-terapia.

Livros /Enfoques	Tema	Distúrbio Neurótico	Proposta Psicoterápica	Objetivo
<i>Ego, Fome e Agressão</i> 1942	Agressão biológica dos instintos de autoconservação do Ego, fome e defesa.	Distúrbio na função agressiva do ego: Evitação.	Recuperação das funções dicotomizadas pelo evitamento: Terapia de Concentração.	Conscientização das evitâncias.
<i>Planned Psychotherapy Theory and Technique of Personality Integration</i> 1947/1948 (artigos)	Dicotomias e dissociações da personalidade: conflito no dualismo identificação — alienação.	Divisão neurótica: identificação/alienação, criando pontos de resistências na personalidade, comportamento e linguagem.	Reintegração das partes alienadas para alcançar identificação com todas funções vitais: Terapia de Integração	Personalidade Integrada.
<i>Gestalt-terapia</i> 1951	Trânsito entre as dualidades: estudo das interrupções e inibições neste trânsito.	Dicotomias nas dualidades → distúrbios de fronteira de contato.	Terapia de mobilização do <i>self</i> : sistema sensorial e motor: Teoria do self.	Unidade e integração da personalidade: pensar, sentir e agir → pessoa, pensamento e linguagem.
<i>Gestalt-terapia Explicada</i> 1969	Impasses na personalidade.	Autoalienação e autoempobrecimento.	Explosão das camadas de morte baseada na estrutura da neurose: Teoria da Neurose	Reintegração e Recuperação da atividade espontânea e criadora do <i>self</i> .
Escarafunchando Fritz 1969	Autobiografia.		“Formar uma gestalt inteira”	Conclusão da sua vida: testemunho e herança.
<i>Abordagem Gestáltica</i> 1969	Impasses: conflitos e cisões. Mecanismos de Defesa do Ego: introjeção, projeção, confluência e retroflexão.	Distúrbios de limite do indivíduo. Buracos na personalidade.	Teoria da Neurose	Resgate do <i>élan vital</i> , da energia vital.
Reedições - 1969: - <i>Ego, Fome e Agressão</i> - <i>Gestalt-terapia</i>	“ <i>The beginning of Gestalt Therapy</i> ” Polaridades e focalização. Gestalt-terapia “maior de idade” Conceito gestáltico de crescimento da personalidade.	Os impasses relacionados à agressão deslocada. Fatores de estagnação do crescimento: neurose (conflito); necessidade de manipular e controlar; buracos na personalidade; distúrbios de caráter; esquizofrenia, entre outros.	Despertar sensorial através do encontro pessoal espontâneo, da fantasia e da contemplação. Superação dos fatores de estagnação do crescimento.	Recuperar o senso de nós mesmos, por meio do contato humano. Maturação: recuperar potencial reprimido, alienado e projetado → desenvolver autossuporte.
1969 <i>Sonhos: estudar as cisões kibutz gestáltico</i>	Esquizofrenia Buracos na personalidade Maturação e espírito comunitário	Loucura Personalidade incompleta	Freud e Goldstein. Distúrbios de limite do indivíduo Comunidade terapêutica	Desenvolvimento pessoal

3 – Panorama dos livros de Frederick Perls: 1942 a 1969

5 – Considerações Finais

*Sempre é preciso saber quando uma etapa chega ao final.
Se insistirmos em permanecer nela mais do que o tempo necessário
Perdemos a alegria e o sentido das outras etapas que precisamos viver
Desapegar-se é renovar votos de esperança de si mesmo,
É dar-se uma nova oportunidade de construir uma nova história melhor.
Autor desconhecido*

6 – Referências bibliográficas

- Alvim, M. B. (2007a). *Ato artístico e ato psicoterápico como Experimentação: diálogos entre a fenomenologia de Merleau-Ponty, a arte de Lygia Clark e a Gestalt-terapia*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Alvim, M. B. (2007b). Experiência estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre Gestalt-terapia, Arte e Fenomenologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), pp. 138-146. Recuperado em 2 de julho, 2012 de: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a12.pdf>
- Alvim, M. B. (2011a). A ontologia da carne de Merleau-Ponty e a situação clínica na Gestalt-terapia: entrelaçamentos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVII (2), pp. 143-151. Recuperado em 2 de julho, 2012 de: http://itgt.com.br/wp-content/uploads/2012/11/RevAbordGest-XVII_2-2011.pdf
- Alvim, M. B. (2011b). O lugar do corpo em Gestalt-terapia: dialogando com Merleau-Ponty. *IGT na Rede*, 8 (15), pp. 228-238. Recuperado em 2 de julho, 2012 de <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-2526
- Alvim, M. B., Araujo, D. V., Baptista, C. S., Barroso, F. T. W., Queiroz, K. M. F. & Silva, T. C. D. (2012). Corpo, fala e expressão: diálogos entre a Gestalt-terapia e a filosofia de Merleau-Ponty. *IGT na Rede*, 9, pp. 171-186. Recuperado em 4 de março, 2012 de <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN: 1807-2526.
- Appelbaum, S. A. (1995). A Psychoanalyst looks at Gestalt Therapy. Em C. Hatcher & P. Himelstein (Ed.), *The Handbook of Gestalt Therapy* (pp. 753-778). New Jersey-USA: Jason Aronson.
- Araújo, M.G.C.A. (2002). Prefácio à Edição Brasileira. Em F. Perls, *Ego, Fome e Agressão* (pp. 11-18). São Paulo: Summus.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. RJ: Zahar.
- Bauman, Z. (2011). *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. RJ: Zahar.
- Beisser, A. (1980). A teoria paradoxal da mudança. Em J. Fagan e I. L. Shepherd (org.),

- Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações* (pp.110-114). RJ: Zahar.
- Bocian, B. (2010). *Fritz Perls in Berlin, 1893-1933: Expressionism – Psychoanalysis – Judaism*. Alemanha: EHP.
- Boris, G.D.J.B. (2002). Sobre Fritz Perls e “Ego, Fome e Agressão”. Em F. Perls, *Ego, Fome e Agressão* (pp.19 -28). São Paulo: Summus.
- Bueno, A. & Góes, F. (1984). *O que é geração beat*. São Paulo: Brasiliense.
- Cardoso, C.L. (2013). A face existencial da Gestalt-terapia. Em L. Frazão e K.O. Fukumitsu (Org). *Gestalt-terapia - fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (pp. 59-75). SP: Summus.
- Carvalho, M.T.P. (2004). A constituição do self: processo estruturante e estrutura em processo – reflexões à prática clínica. *I Encontro Candango da Abordagem Gestáltica* (pp. 25-26). Brasília-DF.
- Celes, L. A. M. (2012). Linhas do desenvolvimento da psicanálise contemporânea. Em T.C.Viana (Org.), *Psicologia clínica e cultura contemporânea* (pp. 209-232). Brasília: Liber Livros.
- Ciornai, S. (Org.) (1995). *25 anos depois: Gestalt-terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas*. SP: Ágora.
- Ciornai, S. (Org.). (2004). *Percursos em arteterapia*. SP: Summus.
- Crunden, R. (1990). *Uma breve história da cultura americana*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- Cysneiros, A. B. (2010). *Awareness em sessenta anos de Gestalt-terapia: trajetória de um conceito*. Monografia. Curso de Especialização em Psicologia Clínica. Brasília: CEGEST.
- D’Acri, G., Lima, P. & Orgler, S. (2007). *Dicionário de Gestalt-terapia*. SP: Summus.
- D’Acri, G., Lima, P. & Orgler, S. (2012). *Dicionário de Gestalt-terapia* (2ª edição rev.). São Paulo: Summus.
- Elias, N. (1993). *O processo civilizador* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1939).
- Elias, N. (1997). *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Figueiredo, L. C. (1996). *Revisitando as Psicologias: da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Figueiredo, L. C. (2002). *A Invenção do Psicológico: quatro séculos de subjetivação*. São Paulo: Educ/Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2003a). *Psicologia: uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ.
- Figueiredo, L.C. (2003b). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2009). *As Diversas Faces do Cuidar: Novos Ensaios de Psicanálise Contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2010). *Matrizes do Pensamento Psicológico*. RJ: Vozes.
- Frazão, L. (2013). Um pouco da história ... um pouco dos bastidores. Em L. Frazão e K.O. Fukumitsu (Org), *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (pp. 11-23). São Paulo: Summus.
- Frazão, L.M. e Fukumitsu, K.O. (Org.). (2013). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. São Paulo: Summus.
- Freud, S. (1976). Pós-escrito — 1935. Em J. Salomão (Trad.), *Pequena coleção das obras de Freud* (livro 25, pp.87-90). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1926[1924]).
- Freud, S. (1996). Mal-Estar na Civilização. Em J. Salomão (Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XXI, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930[1929]).
- Freud, S. (2007). A Cisão do Eu no Processo de Defesa. Em L. A. Hanns (Trad.), *Obras psicológicas de Sigmund Freud* (vol. 3, pp. 171-179). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1938).
- Freud, S. (2010). A dissecação da personalidade psíquica. Em P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (vol.18, pp.139-160). São Paulo: Cia. das letras. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. Em P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 16, pp. 9-64). São Paulo: Cia. das letras. (Obra original publicada em 1923).

- From, I. (1984). Reflexões sobre a Gestalt-terapia após trinta e dois anos de prática: um réquiem para a Gestalt. Em *The Gestalt Journal*, VII (1), Spring, pp.4-12. (Trad. L. F. F. R. Ribeiro – CEGEST).
- Fukumitsu, K.O. (2013). O método fenomenológico em pesquisa gestáltica. Em L. Frazão e K.O. Fukumitsu (org). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (pp. 34-58). SP: Summus.
- Gaines, J. (1989). *Fritz Perls, aqui y ahora*. Chile: Cuatro Vientos Editorial.
- Gay, P. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Cia das Letras.
- Ginger, S. (2011). A evolução da psicoterapia na Europa. Em *Revista IGT na Rede*, 8 (14), pp. 23-38. Recuperado em 10 de novembro, 2012, de <http://www.igt.psc.br/ojs/>
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.
- Goldstein, K. (1995). *The organism: a holistic approach to biology derived from pathological data in man*. NY: Zone Books. (Obra original publicada em 1939).
- Goodman, P. (1991). *Nature Heals: The Psychological Essays of Paul Goodman*. (Ed. Taylor Stoehr). NY: The Gestalt Journal.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. SP: Escuta.
- Green, A (2008). *Orientações para uma Psicanálise Contemporânea: desconhecimento e reconhecimento do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hatcher, C. & Himelstein, P. (Ed.). (1995) *The Handbook of Gestalt Therapy*. New Jersey-USA: Jason Aronson.
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras.
- Hobsbawm, E. (1988). *A Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra.
- Holanda, A. (2005). Elementos de Epistemologia da Gestalt-terapia. Em A. Holanda & J. Nilton (org.), *Gestalt-terapia e contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica*. Campinas: Livro Pleno.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica.

- Em *Análise Psicológica*, (24) 3, pp. 363-372. Recuperado em 05 de dezembro, 2011 de
http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&nrm=iso
- Holanda, A. (2008). Gestalt-terapia e abordagem gestáltica no Brasil: análise de mestrados e doutorados (1982-2008). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, 9 (1), pp. 96-121, 1º semestre de 2009. Recuperado em 05 de dezembro, 2011 de <http://www.revipsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a09.pdf>
- Horney, K. (1966). *Novos rumos na psicanálise*. RJ: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1950).
- Hycner, R. (1995). *De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica*. SP: Summus.
- Hycner, R. & Jacobs, L. (1997). *Relação e Cura em Gestalt-terapia*. SP: Summus.
- Jones, E. (1975). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jorge, M.A.C. (2002). *Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan*. RJ: Zahar.
- Juliano, J. C. (1991). Gestalt-terapia: origem, ideias e tendências atuais. *III Encontro Nacional de Gestalt-terapia*. Brasília, 10 de outubro de 1991.
- Juliano, J. C. (1992). Gestalt-Terapia: revisitando as nossas estórias. *Revista de Gestalt*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, Ano II, nº 2.
- Karnal, L., Purdy, S., Fernandes, L.E., & Morais, M.V. (2007). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo. Contexto.
- Knapp, T. (2005). Hefferline: The unknown Gestalt therapist. Em *The Journal of program from the Gestalt Institute in Cologne*. Recuperado em 14 de maio, 2013 de www.gestalt.de/knapp_hefferline.html
- Kogan, G. (1995). The Genesis of Gestalt Therapy. Em C. Hatcher e P. Himmelstein (Ed.), *The Handbook of Gestalt Therapy*. New Jersey-USA: Jason Aronson.
- Kogan, G. & Himmelstein, P. (1995). Gestalt Therapy Resources. Em C. Hatcher e P. Himmelstein (Ed.), *The Handbook of Gestalt Therapy*. New Jersey-USA: Jason Aronson.
- Krim, S. (Org.). (1968). *A Filosofia da Geração Beat*. SP: Editora Brasiliense.

- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. SP: Martins Fontes.
- Lima, P.V.A. (2005a). *Psicoterapia e Mudança – uma reflexão*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Lima, P.V.A. (2005b). Teoria Organísmica. *IGT na Rede IGTnR*, 2(3).
- Lima, P.V.A. (2008). O Holismo em Jan Smuts e a Gestalt-terapia, em *Revista da Abordagem Gestáltica – XIV(1)*, pp. 3-8.
- Lima, P.V.A. (2013). A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. Em L. Frazão e K.O. Fukumitsu (org). *Gestalt-terapia - fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (pp. 145-156). SP: Summus.
- Loffredo, A. M.. (1994). *A cara e o rosto: ensaio sobre a Gestalt-terapia*. SP: Escuta.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. SP: Cia. das Letras.
- Mezan, R. (2006). *Freud: pensador da cultura*. SP: Cia. das Letras.
- Miller, A. (1997). *O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos*. SP: Summus.
- Miller, M. V. (1989). Introdução ao Gestalt-terapia Explicada. Em *The Gestalt Journal*, XII (1), Spring. (Luiz Fernando F. da R. Ribeiro, Trad).
- Miller, M. V. (1996). The Emptiness of Gestalt Therapy. Em *Teaching a paranoid to flirt: the poetics of Gestalt Therapy* (2012, pp. 147-165). Gouldsboro: The Gestalt Journal Press
- Miller, M. V. (2011). *Teaching a paranoid to flirt: the poetics of Gestalt Therapy*. Gouldsboro: The Gestalt Journal Press.
- Miller, M.V. & From, I. (1994). Introdução à edição do *The Gestalt Journal*. Em F. Perls, R. Hefferline. & P. Goodman, *Gestalt-terapia* (pp. 15-29). São Paulo: Summus.
- Müller-Granzotto, M.J. & Müller-Granzotto, R.L. (2007a). *Fenomenologia e Gestalt-Terapia*. SP: Summus.
- Müller-Granzotto, M.J. & Müller-Granzotto, R.L. (2007b). Perls leitor de Freud, Goldstein e Friedlaender e os primeiros ensaios em direção a uma psicoterapia gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, RJ, 7 (1), p. 45-58.

- Müller-Granzotto, M.J. & Müller-Granzotto, R.L. (2012a). *Psicose e sofrimento*. SP: Summus.
- Müller-Granzotto, M.J. & Müller-Granzotto, R.L. (2012b). *Clínicas gestálticas: sentido ético, político e antropológico da teoria do self*. SP: Summus.
- Nietzsche, F. W. (2000). *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. SP: Cia das Letras.
- Perls, F. S. (1969a). *Ego, Hunger and Aggression: the beginning of Gestalt Therapy*. New York: Vintage Books. (Obra original publicada em 1942).
- Perls, F. S. (1969b). Prefácio à Edição de 1969 da Random House. Em F.S. Perls, *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud* (2002, pp. 35-36). São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1942).
- Perls, F. S. (1969c). Apresentação à edição de 1969. Em F.S. Perls et al., *Gestalt-terapia* (1997, pp.11-13). São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1951).
- Perls, F. S. (1976). *Gestalt-terapia Explicada*. São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1969).
- Perls, F. S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus. Obra original publicada em 1969.
- Perls, F. S. (1992). *Ego, Hunger and Aggression: a revision of Freud's Theory and Method*. New York: The Gestalt Journal Press. (Obra original publicada em 1942).
- Perls, F. S. (1993) Uma cronologia de vida. Em *The Gestalt Journal*, XVI (2). (Walter Ribeiro, Trad.). (Obra original publicada em 1969).
- Perls, F. S. (2002). *Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud* (Trad. G. D. J. B. Boris). São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1942).
- Perls, F. S. (2012a). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: LTC. (Obra original publicada em 1973).
- Perls, F. S. (2012b). *From Planned Psychotherapy to Gestalt Therapy: essays and lectures—1945–1965 by Frederick Salomon Perls*. New York: The Gestalt Journal Press.
- Perls, F. S. (2012c). Planned Psychotherapy. Em F. Perls, *From Planned Psychotherapy to*

- Gestalt Therapy: essays and lectures—1945–1965 by Frederick Salomon Perls* (pp. 15-40). New York: The Gestalt Journal Press. (Obra original publicada em 1947 ou 1948)
- Perls, F. S. (2012d). Theory and Technique of Personality Integration. Em F. Perls, *From Planned Psychotherapy to Gestalt Therapy: essays and lectures—1945–1965 by Frederick Salomon Perls* (pp.69-74). New York: The Gestalt Journal Press. (Obra original publicada em 1948).
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1994). *Gestalt Therapy: excitement and growth in the human personality*. New York: The Gestalt Journal Press. (Obra original publicada em 1951).
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia* (Trad. L.F.F.R.Ribeiro). São Paulo: Summus. (Obra original publicada em 1951).
- Perls, L. (1976). Comentários sobre os novos rumos. Em E. W.L. Smith (Ed.) *The Growing Edge of Gestalt Therapy*. (Trad. W. F. R. Ribeiro). New York: Ed. Brunner/Mazzel.
- Perls, L. (1977). Entendidos e Mal-entendidos de Gestalt-terapia. (T. A. Tellegen Ugarte, Trad.) *VOICES: Journal of the AAP*, 14 (3).
- Perls, L. (1988). A conversation with Laura Perls. Em J. Wysong e E. Rosenfeld (Orgs.), *An oral history of Gestalt Therapy: interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster, Miriam Polster, Elliot Shapiro* (pp.3-25). Gouldsboro, Maine, USA: The Gestalt Journal Press.
- Perls, L. (1992). *Laura Perls – Living at the Boundary* (ed. Joe Wysong). New York: The Gestalt Journal Publish.
- Perls, L., Polster, M., Yontef, G., Zinker, J. & Miller, M. V. (1981). O Futuro da Gestalt-terapia : um simpósio. *The Gestalt Journal*, IV (1).
- Petzold, H. (1984). Tendências e desenvolvimento da Gestalt-terapia na Europa. *Boletim da Associação Neerlandesa de Gestalt-terapia* : Utrecht, Holanda. (Trad. L. F.F. R. Ribeiro).
- Polster, E. & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. SP: Summus. (Obra original

- publicada em 1973)
- Rehfeld, A. (2013). Fenomenologia e Gestalt-terapia. Em L. Frazão e K.O. Fukumitsu (org). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (pp. 24-33). SP: Summus.
- Reich, W. (1975). *Analisis del carácter*. Buenos Aires: Paidós. (Obra original publicada em 1933).
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-Terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J.P. (2006). *Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. SP: Summus.
- Ribeiro, J.P. (2011). *Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho*. SP: Summus.
- Ribeiro, W. (1987a). Buscas em Gestalt-terapia. Palestra proferida no *Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo*. São Paulo, SP.
- Ribeiro, W. (1987b). O “esquecimento” das origens holísticas na teoria e prática da Gestalt-terapia. Palestra proferida no *I Congresso Holístico Internacional e I Congresso Holístico Brasileiro*, em Brasília- DF, março de 1987.
- Ribeiro, W. (1989). Em que acreditamos? *II Encontro Nacional de Gestalt-terapia*. Caxambu, MG.
- Ribeiro, W. (1998). *Existência → essência: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais*. SP: Summus.
- Robine, J-M. (2006). *O self desdobrado: teoria de campo em Gestalt-terapia*. SP: Summus.
- Rodrigues, H.E. (2013). Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. Em L. Frazão e K.O. Fukumitsu (org). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (114-144). SP: Summus.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trads.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Schulthess, P. (2010). European Association for Gestalt Therapy: Greeting. Em B. Bocian, *Fritz Perls in Berlin, 1893-1933: Expressionism, Psychoanalysis, Judaism* (2010, pp.13-14). Alemanha: EHP.

- Shepard, M. (1978). *Fritz: an intimate biography of Fritz Perls and Gestalt Therapy*. New York: Bantam.
- Smith, E. W. L. (1997). The roots of Gestalt Therapy. Em E.W.L. Smith (Ed.), *The Growing Edge of Gestalt Therapy*. New York: The Gestalt Journal Press.
- Smuts, J. C. (1996). *Holism and Evolution*. NY: The Gestalt Journal Press. (obra original publicada em 1926).
- Spitzer, R. (1973). Prefácio. Em F. Perls, *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia* (2012, pp. 7-9 e 129-130). São Paulo: LTC.
- Stevens, B. (1978). Não apresse o rio: ele corre sozinho. São Paulo: Summus.
- Stoehr, T. (1994). *Here now next: Paul Goodman and the origins of Gestalt Therapy*. San Francisco: Jossy-Bass Publisher/Gestalt Institute of Cleveland.
- Suassuna, D. & Holanda, A. (2009). “Histórias” da Gestalt-terapia no Brasil - um estudo historiográfico. Curitiba: Juruá.
- Tellegen, T. (1984). *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. São Paulo: Summus.
- Tenório, C. (2003). *Os transtornos da personalidade histriônica e obsessivo-compulsiva na perspectiva da Gestalt-terapia e da teoria de Fairbairn*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, Brasília.
- Wysong, J. (1992). Prefácio à Edição do “The Gestalt Journal”. Em F. Perls, *Ego, Fome e Agressão*, (2002, pp. 29 – 33). São Paulo: Summus.
- Wysong, J. & Rosenfeld, E. (Orgs.). (1988). *An oral history of Gestalt Therapy: interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster, Miriam Polster, Elliot Shapiro*. Gouldsboro, Maine, USA: The Gestalt Journal Press.
- Yontef, G. (1981). Mediocridade ou Excelência: uma crise de Identidade no Treinamento em Gestalt-terapia. *ERIC/CAPS*, University of Michigan.
- Yontef, G. (1982). Gestalt-Terapia – sua herança da psicologia da Gestalt. *Gestalt Theory*, 4. (Trad. Cegest).
- Yontef, G. (1998). *Processo, diálogo, awareness: ensaios em Gestalt-terapia*. SP: Summus.
- Wulf, R. (1998). The historical roots of Gestalt Therapy. *The Gestalt Journal*, XXI (1),

Spring, pp. 81-92.

Zinker, J. C. (2001). *A busca da elegância em psicoterapia*. SP, Summus.

Zinker, J. C. (2007). *O processo criativo em Gestalt-terapia*. SP: Summus. (Obra original publicada em 1977).

Zweig, S. (1970). *Mundo de ontem: memórias de um europeu*. Porto: Civilização.

7 – Anexo

Cronologia comentada: um rio chamado tempo

Andar no mesmo ritmo das situações novas e em constante transformação; estar sensível ao 'tempo', buscar e encontrar oportunidades para a ação individual no fluxo e refluxo da realidade; se colocar na crista da onda — e não somente deslocar-se com os acontecimentos, sem poder implementá-los também; avançar com o correr do tempo e até antecipar-se a ele. (A. Heller)

A vida de Perls foi muito rica em experiências culturais, em uma fervilhante vanguarda das artes, da filosofia e da ciência. Apresentaremos resumidamente uma cronologia dos principais fatos que de alguma forma têm relação com o tema desta dissertação, as obras que Perls viria a escrever durante sua vida.

Ressalvamos que a riqueza de suas vivências não poderia ser traduzida nesta biografia condensada. Como buscávamos as múltiplas perspectivas que poderiam dar sentido à variedade dos temas que tratou em seus livros, decidimos prosseguir um pouco mais nas pesquisas. Mas, como não poderíamos alongar por demais, selecionamos os fatos mais marcantes conforme Perls e seus biógrafos relatam.

Circunscrevemos os fatos nos acontecimentos mundiais e regionais de cada continente onde Perls viveu. Acreditamos que, dessa forma, além das informações relevantes usuais, pudemos dispor da dimensão experiencial de sua geração, numa amplitude que contextualiza mais profundamente a intenção, a busca, e as realizações de Perls.

FRIEDRICH SALOMON PERLS

(Frederick Perls ou Fritz Perls)

*O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim:
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem. (Guimarães Rosa)*

7.1. Europa: 1893 a 1934 – mundo eurocêntrico

Cidades de destaque: Berlim: centro europeu e alemão de vanguarda nas artes, política e psicanálise; Frankfurt: vanguarda na cultura e ciências (psicanálise, neurologia, psicologia da gestalt, política e filosofia); Viena: cultura clássica e Freud.

Datas e fatos significativos:

Alemanha pré-1914: estabilidade, segurança e prosperidade.

I Grande Guerra: 1914 a 1918 e a queda do Império Alemão (1918).

República de Weimar: 1918 a 1933 – efervescência política e cultural.

1933: fim de Weimar, ascensão do nazismo com a posse de Hitler como Chanceler e início da perseguição e do grande exílio judeu alemão.

II Grande Guerra: 1939 a 1945.

1893 — Perls nasceu em 8 de julho de 1893, em Berlim, numa família judia, e era o terceiro filho de Amelia Rund e Nathan Perls¹³⁰. A Alemanha era um império, no tempo dos kaisers, e vive o Primeiro Reich¹³¹.

1911 — Perls relatou ter encontrado seu mundo: a poesia, a filosofia e o teatro. Iniciou

¹³⁰ Amelie Rund nasceu em 29 de novembro de 1858, em Huta Laury, Silésia (alemão: Laurahütte). Nathan Perls nasceu em 6 de fevereiro de 1857, em Katowice (alemão: Kattowitz). Supõe-se que suas famílias chegaram a Berlim, em data não conhecida, provenientes da região da Prússia, na Polônia ocupada. (Bocian, 2010, p. 45-46).

¹³¹ Elias (1997) cita as peculiaridades da estrutura institucional alemã, existente entre 1871 e 1918: “a unificação dos Estados alemães, a elevação do rei da Prússia a imperador (*Kaiser*) da Alemanha, e a promoção de Berlim, a capital da Prússia, a capital do *Kaiserreich*” (p. 60/61). Conferir também Hobsbawm (1988).

sua participação nos movimentos culturais e artísticos em Berlim, a *avant-garde* de seu tempo, tendo bebido em suas fontes e mergulhado em suas experiências, sobretudo no teatro, em especial com o diretor Max Reinhardt, fundador do teatro moderno alemão, que representou uma grande experiência para Perls.

1913 — Perls entrou na Universidade, na Escola de Medicina *Friedrich-Wilhelm-Universität*, em Berlim, em abril de 1913. Ele descreveu que isso deu a ele um senso de direção, diminuindo sua permanente sensação de confusão. Mesmo com a eclosão da I Grande Guerra, Perls continuou seus estudos em Medicina, nos intervalos em que era autorizado a voltar a Berlim.

1914 – A I Grande Guerra. Perls descreveu assim sua lembrança desse fatídico ano: “O mundo explode. A agonia da vida nas trincheiras. Dessensibilizado. Horror da vida e horror da morte. Confusão” (Perls, 1993). A geração de Perls é a “geração do *front*”, o que significou a marcante experiência de terem vivido sua juventude nos anos que precederam a deflagração da I Grande Guerra Mundial, e terem sido enviados, na maioria, para a frente de batalha. A participação direta de Perls, no *front*, aconteceu nos anos de 1916 a 1918.

1918 — Final da Guerra, com a derrota da Alemanha. Perls resumiu assim: “Sobrevivi. Rebelmente envolvido em política. Muito confuso” (Perls, 1993)¹³². Perls se envolveu com grupos políticos discutindo ideias revolucionárias que muito o impressionaram, referindo-se a Marx que o fascinou, e à Revolução Russa. Mas entre eles, Perls destacou as ideias filosóficas e políticas do judeu alemão Gustav Landauer¹³³, com sua obra anarcossocialista, *Call for Socialism*, que inspirou sua geração.

¹³² Para maiores detalhes da situação caótica da Alemanha no pós-guerra conferir Hobsbawm, 1988, 1995; Elias, 1997. Para o envolvimento de Perls e do Círculo Boêmio de Berlim nesse período, conferir ver capítulo 4, *War, Trauma, and Revolution* (Bocian, 2010, p. 80-112).

¹³³ Gustav Landauer foi brutalmente assassinado em Munique, em 1919, na queda da “República Soviética da Bavária” (Bocian, 2010, p. 109).

1920 — Ele se formou em Medicina, em abril de 1920.

1921 — Especialização em Neurologia na “Policlínica Neurológica Toby Cohn”. Em janeiro de 1921, Perls apresentou sua dissertação de final de curso “On Understanding Lipodystrophy”, sob supervisão de Karl Bonhoeffer.

1922 foi um ano muito especial. Como profissional, em Berlim, cidade que amava, Perls participou intensamente da vida cultural e boêmia da fervilhante cidade, na qual os judeus alemães tiveram um importante papel de fomentadores das experiências culturais de vanguarda da época: são ricas e intensas as discussões filosóficas nos “cafés” com expoentes do Dadaísmo, Expressionismo e Bauhaus, além do envolvimento de Perls com o Teatro. Ele descreveu sua participação no Círculo Boêmio de Berlim: “1922 — Começando de novo. O mais excitante. Nós! Nós! Amplio o mundo não-familiar. Nós: boêmios fora dos trilhos batidos. Atores, pintores, escritores. Criação de um novo mundo. Bauhaus, Brucke, Dadaísmo¹³⁴ — movimento de renovação dos fatos. Descubro um guru: S. Friedlander — “Indiferença Criativa”. Descubro o ponto-zero como centro -- a dilatação do nada em opostos. Pela primeira vez, um ponto de apoio sólido. Tateando e menos confuso”. (Perls, 1993).

1925 é o ano em que Perls tem seu primeiro contato com a Psicanálise, com a qual esteve envolvido nas próximas duas décadas. Foi em Berlim que Perls iniciou uma análise com Karen Horney, com grandes expectativas de resolver seus conflitos: uma relação conturbada com a mãe, ódio ao pai, que o desprezava, e uma relação amorosa com uma mulher casada que começava a dar problemas. Interessado pela análise que estava fazendo, decidiu tornar-se psicanalista seguindo a formação do Instituto de Berlim, o maior centro de ensino de Psicanálise da Europa¹³⁵.

¹³⁴ O estudo desses movimentos revela uma relação muito próxima com os ideais que Perls traduziu em suas propostas clínicas. Conferir Bocian, 2010.

¹³⁵ Sobre o Instituto de Psicanálise de Berlim conferir Gay, 2012; Bocian, 2010.

De setembro de 1926 a setembro de 1927

Perls mudou-se para Frankfurt a conselho de Karen Horney, para prosseguir sua formação psicanalítica com Clara Happel, uma de suas discípulas. Nesse tempo, Frankfurt se destacava como um dos maiores centros de discussão teórica da Psicanálise¹³⁶. Perls consegue uma colocação em Frankfurt com o neurologista Kurt Goldstein, no Departamento para Soldados com Lesão Cerebral. A Universidade de Frankfurt é um grande centro de ensino e pesquisa, em áreas variadas: com Kurt Goldstein na neurologia, Psicologia da Gestalt, Escola de Frankfurt (Teoria Crítica) e Existencialismo. Nessa cidade conhece Laura Posner, com quem virá a se casar. Desse intenso período em Frankfurt, Perls cita as pessoas importantes para ele: Kurt Goldstein, Clara Happel, Lore (Laura Posner) e Professor Adhémar Gelb.

De setembro de 1927 a março de 1928

Perls mudou-se para Viena, onde sua formação prosseguiu no Instituto Psicanalítico de Viena. Perls recebeu como analista seus primeiros pacientes e fez análise de controle com Helen Deutsch, que era a diretora do Instituto de Formação (Training Institute of the Vienna Psychoanalytic Association), e com Eduard Hitschamnn, diretor da clínica psicanalítica para pacientes externos do Instituto, e seguiu sua análise com Eugen Harnik (psicanalista húngaro). Essas experiências de análise e supervisão, com as quais Perls não encontrou afinidade, começaram por distanciar Perls da orientação clássica ou padrão da época, e o incentivam se aproximar dos grupos psicanalíticos neofreudianos e de esquerda. Perls frequentou a programação dos Seminários Teóricos do Instituto de Formação Psicanalítica da Associação Psicanalítica de Viena. Entre eles, os seminários de Otto Fenichel e Paul Federn e, durante dois anos, o “Seminário de Técnica Analítica de Viena”, também chamado de “Seminário de Técnica Analítica de Wilhelm Reich”. Assim, o encontro de Perls com Reich se dá em 1927, em Viena, sendo Reich seu

¹³⁶ Conferir Gay, 2012; Bocian, 2010.

professor e supervisor, e não apenas em Berlim em 1930, quando Reich se tornou seu analista¹³⁷. Também em Viena, Perls foi assistente num hospital psiquiátrico, tendo como chefes Wagner-Jauregg¹³⁸ e Paul Schilder¹³⁹.

De abril a junho de 1928 – retorna a Frankfurt para um breve período, preparando sua volta para Berlim. Mantém intensa correspondência por cartas com Laura Posner.

Agosto de 1928 – Retorna a Berlim e às suas atividades como neurologista e psicanalista, atendendo com sucesso pacientes em uma clínica neurológica conhecida como “*Allgemeines Krankenhaus Lankwitz*”¹⁴⁰, pertencente ao departamento médico da “*Berlin Association of Health Insurers*” (Bocian, 2010, p. 180).

Em novembro de 1928, Perls já havia completado as etapas previstas na formação psicanalítica. Para finalizá-la, teve uma entrevista de avaliação com Max Eitingon, presidente da “*German Psychoanalytic Association*”. Porém, Eitingon recomendou que Perls continuasse uma pouco mais com sua análise e análise de controle, e indicou-lhe Harnick como analista e Fenichel como supervisor.

1930 — Casou-se com Laura Posner, aluna de Goldstein, Wertheimer e Adhémar Gelb, em 23 de agosto de 1930. Por esse motivo, Perls interrompeu sua análise com Harnik, o qual discordava da decisão. Iniciou sua quarta análise com Reich, que se mudara recentemente para Berlim, o que se tornou um problema para Perls, pois Reich já começava a enfrentar a perseguição da IPA. Essa análise foi interrompida com a fuga de Reich para a Noruega, em 1933. Mais uma vez a conclusão da formação psicanalítica de

¹³⁷ Conferir Bocian, 2010.

¹³⁸ Julius Wagner-Jauregg, “contemporâneo e amigo de Sigmund Freud, apesar de uma oposição radical à psicanálise em nome de posições organicistas. Foi reformador do asilo em Viena. Inventou a malarioterapia que permitiu tratar da paralisia geral, o que lhe valeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1927”(Roudinesco, 1998, p. 778).

¹³⁹ Conferir Bocian, 2010; Gay, 2012.

¹⁴⁰ Bocian (2010) informa que a clínica “*Lankwitz*” era conhecida em Berlim como “*psychoanalytic cell*” ou “*Jewish Hospital*”, pelo grande número de médicos psicanalistas judeus que trabalhavam ali (p. 181).

Perls foi adiada, sendo obrigatória outra análise de controle, imposição da *GPA* a todos os analisandos de Reich.

Em 1933, Perls foi obrigado a fugir da Alemanha por sua participação na resistência alemã ao nazismo. Fugiu para a Holanda, e sua família se juntou a ele tempos depois, vivendo ali em condições muito precárias. Laura e Perls não conseguiram permissão de trabalho, uma vez que o diploma de médico alemão não era reconhecido na Holanda, e a sociedade psicanalítica daquele país também não autorizou os imigrantes judeus alemães à prática psicanalítica¹⁴¹. O nazismo continuou a crescer e a ameaça aos judeus começou a se delinear, avançando para outros países da Europa. Perls fez análise de controle com Karl Landauer, que fez uma avaliação positiva dele, de forma que, finalmente, Perls teve sua formação psicanalítica concluída. Dessa forma, conseguiu associar-se à Sociedade Psicanalítica Holandesa (*Vereeniging van Psychoanalytici in Nederland*) e obter o certificado oficial da IPA de analista didata. Perls e Laura decidiram deixar a Europa, como milhares de judeus passaram a fazer a partir de 1933.

7.2. África do Sul: 1934 a 1946 — um oásis

País com ótimas condições para a população branca sob o governo do marechal, estadista e filósofo, Primeiro-Ministro da África do Sul, Jan Christiaan Smuts, autor de Holism and Evolution (1926. País com severas e crescentes leis de segregação racial que culminaram no apartheid instalado a partir de 1948.

¹⁴¹ Segundo Roudinesco e Plon (1998), a situação da Psicanálise na Holanda, em 1932, era “desastrosa” devido às discussões sobre análise leiga. Situação que se agravou, em 1933, com a chegada dos emigrantes judeus exilados, expulsos pelo nazismo, “especialmente Theodor Reik, Karl Landauer, August Watermann e Anny Rosenberg-Katan”. Os psicanalistas de Amsterdã da NVP – *Nederlandse Vereniging voor Psychoanalyse* não aceitaram integrar os psicanalistas judeus imigrantes, sob alegação de que seus diplomas médicos não eram reconhecidos na Holanda, e a NVP passou a exigir deles a revalidação do diploma de medicina, o que tornou inviável a integração deles. Houve confrontação ‘violenta’ entre grupos a favor e contra a inclusão dos psicanalistas alemães judeus, levando à cisão dos seus membros com a criação de uma segunda sociedade psicanalítica: VPN – *Vereniging voor Psychoanalyse in Nederland*, logo reconhecida pela IPA, pela pronta ação de Ernest Jones. (p. 562)

Em 1934, com o apoio de Ernest Jones, Perls conseguiu a indicação de Freud para fundar em Johannesburgo, na África do Sul um Instituto de Psicanálise¹⁴². Fritz e Laura deixam a Europa rumo à África do Sul. A vida naquele país foi muito bem sucedida e a família viveu num padrão de vida confortável, e com uma tranquilidade que ainda não haviam experimentado.

Em 1935, Fritz e Laura fundaram e dirigiram o Instituto de Psicanálise Sul-Africano. Nesse período, Perls aproxima-se de temas que haviam lhe chamado a atenção. Além da teoria do Holismo, proposta por Smuts, Perls aprofunda-se nos estudos da Semântica Geral de Alfred Korzybski.

Em 1936, participou do emblemático XIV Congresso Internacional de Psicanálise, em Marianbad, antiga Tchecoslováquia, e apresentou um trabalho sobre Resistências Orais, o qual foi rechaçado. Nessa viagem à Europa, reencontrou-se com Ernest Jones e Reich e fez uma visita a Freud, em Londres. O encontro com Reich e Freud deixaram marcas profundas em Perls, e a viagem se tornou uma grande decepção. Na sua volta para a África do Sul, Perls começou a elaborar uma revisão do pensamento freudiano a partir de sua palestra no congresso.

De 1942 a 1946 — Perls alistou-se no exército da África do Sul e serviu como médico psiquiatra e neurologista.

Publicou, em 1942, o livro *Ego, Hunger and Aggression* (com a colaboração de L. Perls), uma proposta de revisão da teoria e da prática psicanalítica.

A IPA, em plena crise política e de direção, revogou o credenciamento de qualquer analista titular que não tivesse dado curso de treinamento na Europa. O que

¹⁴² Conferir Freud (1935/1976), quando Freud comemorou a instalação de vários Institutos de formação psicanalítica em diversos países, inclusive a África do Sul, no ano de 1935.

atingiu a Perls e ao Instituto Sul-Africano de Psicanálise¹⁴³.

Com o acirramento do regime de segregação racial, era iminente a vitória de um partido nacionalista de ultradireita. Os Perls decidiram deixar a África do Sul.

7.3. Estados Unidos: 1946 a 1969 – a Gestalt-terapia emerge

Os Estados Unidos viviam, após a II Grande Guerra, um grande crescimento econômico e cultural. Nova Iorque tornou-se o polo para onde emigraram os judeus europeus em fuga do nazismo e, como consequência a cidade se constituiu como um agitado centro cultural, artístico e filosófico. Na década de 50, iniciou-se as transformações que levaram o país a viver os agitados anos da contracultura da década de 60, especialmente na costa oeste americana. Foram duas décadas consideradas como a era de ouro norte-americana. Esses anos dourados desembocaram nas décadas de crise que caracterizaram os anos 70¹⁴⁴.

1946 — Perls inicialmente foi para o Canadá. Por indicação da Karen Horney e Erich Fromm, decidiu tentar a vida em Nova Iorque, para onde se mudou ainda em 1946 e se estabeleceu como psicanalista. Sua família se juntou a ele em 1947. Perls e Laura se envolveram com um grupo neofreudiano. Nesse grupo estavam, além de Fromm, Clara Thompson e outros membros da Escola de Psiquiatria Washington, o posterior Instituto Psicanalítico William Alanson White que seguia a orientação de Harry S. Sullivan. A pertinência a essa grupo teve curta duração. Em Nova Iorque, Perls passou a frequentar “os meios artísticos e boêmios, os “intelectuais de esquerda” do pós-guerra, anarquistas e revoltados: escritores, pintores, músicos, bailarinos e, sobretudo, os atores do *Living*

¹⁴³ Bocian (2010) acredita que a revogação do certificado de analista didata de Perls estava relacionada à orientação política de esquerda de Perls, assim como a sua posição como analista de caráter reichiano, confirmada publicamente por sua apresentação em 1936, no Congresso Internacional. Lembra também a arianização que a Psicanálise sofreu nessa época, a título de política de salvamento.

¹⁴⁴ Conferir Crunden, 1990; Hobsbawm, 1995; Karnal et al., 2007.

Theater” (Ginger & Ginger, 1995, p. 55)¹⁴⁵.

1947/1948 – Encontro com Paul Goodman e Ralph Hefferline para elaboração de um livro com uma nova proposta psicoterápica.

Em 1950, deu-se a formação do que posteriormente ficou conhecido como Grupo dos Sete¹⁴⁶ da Gestalt-terapia, composto por Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Elliot Shapiro, Sylvester Eastman, Fritz e Laura Perls¹⁴⁷. Mais tarde, Ralph Hefferline foi chamado para compor esse grupo.

Em 1951, publicação do livro *Gestalt Therapy: excitement and growth in the human personality*, em coautoria com Ralph Hefferline e Paul Goodman, o que marcou o início da Gestalt-terapia.

1952 foi o ano em que a Gestalt-terapia começou a atrair interessados. Perls e Laura, nesse ano, fundaram o primeiro instituto de Gestalt-terapia, o *The Gestalt Institute of New York*.

Em 1954, Perls fundou o Instituto de Cleveland, mas, logo em seguida, Perls deixou ambos os institutos aos cuidados de Laura, Paul Goodman e Paul Weisz, para viajar por várias cidades americanas, trabalhando em hospitais psiquiátricos e fazendo palestras e grupos sobre Gestalt-terapia nas universidades. Nesse período, segundo Ginger e Ginger (1995), Perls “criou e dirigiu grupos ‘descontínuos’ e seminários pontuais de

¹⁴⁵ Segundo Ginger e Ginger (1995), o Living Theater defendia, como Perls, “a expressão direta do sentimento no “aqui e agora” mediante um contato espontâneo com o público” (p.55). Esse meio também pregava uma liberdade de costumes, defendendo e praticando a bissexualidade e o sexo grupal.

¹⁴⁶ Para maiores detalhes sobre cada um dos participantes, conferir Stoehr, 1994, p. 136-140; L. Perls, 1992, p.20-28.

¹⁴⁷ Stoehr descreve este grupo como dirigido por Laura Perls, a partir de informações da própria Laura. Como também Shapiro (1994), a partir de uma entrevista com a própria Laura, da qual ele informa: “Era o primeiro grupo da Laura, e ela estava nervosa com sua coleção de gênios, como ela os chamava” (p.137). Tradução livre.

demonstração em toda parte: Chicago, Detroit, Toronto (Canadá), Miami, Los Angeles, etc.” (p.56).

Em 1956, Perls instalou-se em Miami, onde dirigiu alguns grupos esporádicos. Segundo Ginger e Ginger (1995), “arredio, ignorado por todos, triste e deprimido” (p. 57).

1957 – O ano também não foi promissor. A situação de Perls era preocupante, pois ele se entregou às experiências *beat* correntes da época¹⁴⁸, sexo, drogas psicodélicas (LSD e psilocibina), e foi vítima da eclosão de uma paranoia crônica latente. Perls (1969/1979) considerava-se “acabado e vivia sem limites” (p. 58). Ele contou que, quando teve contato com o LSD, passou a fazer viagens com frequência e, sem perceber, foi se “tornando bastante paranóide e irritadiço” (p. 166).

Os anos 1959 e 1960 marcaram um novo período errante com várias viagens à Califórnia, São Francisco e Los Angeles, sem endereço fixo, “vagando de um lado para outro, dia e noite” (Ginger & Ginger, 1995, p. 58).

1962 — O ano de 1962 na vida de Perls foi marcado por um profundo questionamento, “inclusive de seu papel de terapeuta” (Tellegen, 1984, p. 32). Por isso, Perls fez uma viagem ao redor do mundo pelo período de dezoito meses, incluindo Japão e Israel. No Japão, atraído pela “sabedoria, potencial e atitude não-moral” do *Zen budismo*, visitou Tóquio e Quioto, passando dois meses em um mosteiro *Zen* (Perls, 1969/1979, p. 266). Em Israel, Perls viajou pelo deserto, visitou *Eilat* e *Beersheba*. Viveu, por pouco mais de um mês, em uma comunidade artística, o *kibbutz Ein Hod*, uma experiência artística de inspiração dadaísta, criado por Marcel Janco.

Na sua volta aos Estados Unidos, Perls declarou que ainda carregava o desânimo com a

¹⁴⁸ Geração *beat*, conferir em Bueno e Góes, 1984; Krim, 1968.

profissão, “como um pesado fardo sobre os ombros cansados” (1969/1979, p. 160). Ele continuou sua busca com a experimentação de teorias e técnicas de novas formas de autoconhecimento, espiritual e corporal. Perls entrou em contato com várias delas, pois a teoria que desenvolvera em Nova Iorque, publicada no livro *Gestalt Therapy* (1951/1997), pareciam não responder ao seu intenso questionamento dessa década.

1963 — Perls percebeu que o reconhecimento dele e da Gestalt-terapia começava a acontecer, pelo interesse demonstrado pelo público em suas palestras em Los Angeles e, posteriormente, no Natal de 1963, num *workshop* em Esalen, Califórnia. Na ocasião, Perls recebeu um convite para se instalar em Esalen e oferecer cursos em Gestalt-terapia, numa experiência de *workshops* e seminários como forma de divulgação da nova proposta. Era uma maneira de atrair interessados para um posterior curso de formação.

Em 1964, Perls se estabeleceu no Instituto de Esalen, em Big Sur, na Califórnia, o mais conhecido dos centros (*Growth Center*) do movimento do potencial humano (*Human potential movement*). Essa se tornou uma das experiências mais significativas na vida de Perls. Seu sucesso foi lento, e nos primeiros anos atraiu muito poucos participantes para seus grupos.

Em resumo, podemos citar as influências recebidas por Perls nesse período, nos EUA e em viagens ao exterior: *Sensorial Awareness* de Charlotte Selver: tomada de consciência sensorial do corpo; Psicodrama: o psicodrama de Moreno, principalmente sua variante, o monodrama; Dianética ou cientiologia de Ron Rubbard: preconizava a catarse emocional dos traumas passados, revividos com intensidade no presente, e insistia na responsabilidade de cada um por seus próprios sentimentos. Perls rejeitou o espírito geral, mas adaptou algumas técnicas; Semântica Geral de Korzybski; Rolfing de Ida Rolf: massagens profundas de integração estrutural e manipulação vertebral de osteopatia; *Zen Budismo*, no Japão, e *Kibutz*, de inspiração dadaísta em Israel.

Em 1966, Perls sentiu que a Gestalt se estabeleceu, e foi reconhecida. Em Esalen, Perls encontrou um lugar para desenvolver suas ideias, e uma comunidade que respondia às suas experimentações. Finalmente, Perls começou a ter reconhecimento pessoal e profissional. Ele diz: “A Gestalt-terapia está traçada. Finalmente encontro uma comunidade, um lugar para estar: Esalen” (1993).

1968 — Grande boom para a Gestalt-terapia de Fritz Perls. Ele se tornou uma celebridade e conheceu a fama. Encontro com pessoas famosas que admirava como Einstein, além de Gregory Bateson, Alexander Lowen, Eric Berne, Alan Watts, Stanilas Grof, que foram a Esalen para encontrá-lo.

1969 — Fritz encontrou reconhecimento e fama; porém, descobriu que isso não era suficiente. Apesar do sucesso, decidiu deixar Esalen. Estava preocupado com a falta de fundamentação dos praticantes de Gestalt-terapia. Ele tinha novos sonhos. Em busca deles, deixou os Estados Unidos e mudou-se para o Canadá.

7.4. Lake Cowichan, Canadá: 1969 – o ano testamentário

Em 1969, Perls foi para o Canadá e fundou, na cidade Lake Cowichan, num antigo hotel de pescadores, um misto de comunidade (um *kibutz* gestáltico) e centro de treinamento (o Instituto de Gestalt-terapia do Canadá). Nesse centro, Perls ofereceu grupos de treinamento, de junho a dezembro de 1969. Terminou e publicou os livros que estava escrevendo: sua autobiografia *Escarafunchando Fritz, Gestalt-terapia Explicada* e o manuscrito de *A Abordagem Gestáltica*. Também escreveu novas introduções para o livro *Ego, Fome e Agressão* e para o *Gestalt-terapia*, para uma reedição.

7.5. A despedida: 1970

Em dezembro de 1969, Perls deixou Cowichan para uma viagem de férias à Europa, com o desejo de visitar museus e óperas. Na volta, em fevereiro de 1970, antes de ir para Cowichan, passou pelos Estados Unidos, para cumprir uma série de compromissos. Mas quando chegou a Chicago, depois de passar por Cumbres (New Hampshire), Concord (Massachusetts) e Nova Iorque, Perls passou mal e foi internado no *Weiss Memorial Hospital*, no dia 6 de março. Foi submetido a uma cirurgia exploratória e, ainda no hospital, no período de recuperação, faleceu do coração, no dia 14 de março.

Duas cerimônias fúnebres foram organizadas. Uma na Costa Oeste, seguindo instruções deixadas pelo próprio Perls, com música e dança. Uma segunda cerimônia na Costa Leste, organizada por Isadore From, com elegia fúnebre feita por Paul Goodman, a pedido de Laura. Essa cerimônia e o discurso de Goodman desagradaram a muitos seguidores de Perls da Costa Oeste, e uma divisão da Gestalt, que já persistia, se acentuou. Essa divisão permaneceu enrijecida até meados dos anos 70 e o início dos anos 80, quando a abordagem passou por uma profunda reformulação.